

Ano 2  
Edição #2  
ISSN 2238-8494



REVISTA  
Δ Ψ

# Ficha Técnica



Editora  
DEGASE

## **GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Luiz Fernando de Souza

## **SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO**

Wagner Granja Victer

## **DIRETOR DO NOVO DEGASE**

Alexandre Azevedo de Jesus

## **ASSESSORIA DE SISTEMATIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Claudia Lucia Silva Mendes

## **ESCOLA DE GESTÃO SOCIOEDUCATIVA PAULO FREIRE**

Janaina de Fátima Silva Abdalla

## **CONSELHO EDITORIAL**

Aderaldo Pereira dos Santos (ASIST)

André Luiz Porfiro (ASIST)

Lívia de Souza Vidal (ESGSE)

Marcos Antonio da Costa Santos (DOM BOSCO)

Raul Japiassu Câmara (ASIST)

## **EDITORES DESTE NÚMERO**

André Luiz Porfiro

Lívia de Souza Vidal

## **EQUIPE ASIST**

Alinne Pereira da Costa

Carlos Victor dos Santos

Danielle Torres de Souza Alves

Fernando Diaz Picamilho

Gabriela de Oliveira Gonçalves Costa

Jean Maciel Xavier

Leandro Soares de Souza

Lílian Cristina da Silva Ramos Casimiro

Lílian Zimbardi

Maria Tereza Azevedo Silva

Sandra Maria Soares Pinheiro Mirabelli

## **EQUIPE ESGSE**

Amanda Taufie Mendonça

Bianca Ribeiro Veloso

Evandro Gomes Macedo

Ida Cristina Rebello Motta

Luciana Cassia Costa da Silva Santos

Maria Beatriz Barra de Avellar Pereira

Marizélia Barbosa

Mirian Maria da Fonseca

Miguel Eduardo de Azevedo Martins

Paula Werneck Vargens

Tânia Mara Trindade Gonçalves

## **REVISÃO**

Antonino Sousa Fona

## **DIAGRAMAÇÃO E FINALIZAÇÃO**

Fernando Diaz Picamilho

Gabriela de Oliveira Gonçalves Costa

## **FOTO DA CAPA**

Jorge Ferreira

# Sumário

<b>Seção Roda</b>	<b>5</b>	REPRESENTAÇÃO DE VIDA E DE MORTE: diálogos com adolescentes no anexo -GCA (Gelson Carvalho Amaral)- NAAP (Núcleo de Audiência de Apresentação)	<b>64</b>
PINÓQUIO E KIRIKU: infância(s) e educação nas filosofias de Kant e Ramose Renato Nogueira	<b>5</b>	Julio Cesar Baraldi Simões	
A RELIGIÃO DE COR Babalawô Ivanir dos Santos	<b>19</b>	NOTAS PARA UM DIÁLOGO COM A FILOSOFIA NO EMBALO CULTURAL DO SAMBA. Maria Victória Vieira Santana	<b>67</b>
O NEGRO E A CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM "O PRESENTE DE OSSANHA" DE JOEL RUFINO DOS SANTOS. Cintia Barreto	<b>25</b>	A IMPORTÂNCIA DE POLÍTICAS DE COTAS NO BRASIL. Mirian Yarandasa Cruz Santos	<b>71</b>
"CONVITE AO ENCONTRO – RESGATANDO A NARRATIVA DE SI MESMO" Thaís Linhares	<b>29</b>	MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE RAMOS: entre racismos e antirracismos Sebastião Lima da Cruz	<b>74</b>
ESCOLARIZAÇÃO NA HISTÓRIA DO DEGASE: um processo em construção. Raul Japiassu	<b>34</b>	<b>Seção Caxinguelê</b>	<b>76</b>
RESISTÊNCIA AFRO-CARIOCA ATRAVÉS DO SAMBA: lições para a socioeducação Marcos Antonio da Costa Santos	<b>41</b>	Adolescentes cumprindo medida socioeducativa no Novo-DEGASE	
<b>Seção Treinel</b>	<b>48</b>	<b>Seção Aruanda</b>	<b>88</b>
SOU DE OGUM, SOU DE SÃO JORGE Altair Moretti Junior	<b>48</b>	LÉLIA GONZALEZ Raquel Barreto	<b>88</b>
A COR DO PODER NO BRASIL Angélica Lima Dutra	<b>52</b>	IOLANDA DE OLIVEIRA Lívia Vidal	<b>92</b>
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA SOCIOEDUCAÇÃO FLUMINENSE: FACES DE UMA RAÇA, RETRATOS DE UMA HISTÓRIA Erlon Couto Zacarias	<b>54</b>	MÃE BEATA Luciane Barbosa de Souza	<b>96</b>
O JONGO VIVE! AH!!! SE VIVE... Flávia Lopes	<b>58</b>	MESTRE VIEIRA Paulo Menezes	<b>96</b>
A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL, CANTADO PELAS ESCOLAS DE SAMBA NOS SAMBAS-ENREDO. Jose Ari Nogueira Lima	<b>61</b>	<b>Seção Zum-zum-zum</b>	<b>107</b>
		LER LIMA BARRETO: uma justa festa literária atemporal Simone Ricco	<b>107</b>

# Apresentação

Em 13 de maio de 2015, lançamos o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros do Novo DEGASE (NEAB-ND). Era a data do 127º aniversário da assinatura da Lei Áurea que terminou oficialmente com a escravidão negra no Brasil. Porém, para o Movimento Negro Brasileiro, esta data tem outro significado, comemora-se o Dia Nacional de Combate ao Racismo. O combate ao racismo é a preocupação primeira de nosso grupo. Nessa perspectiva, lançamos a *Revista AÚ* com o intento de fomentar, junto aos operadores do Sistema Socioeducativo, ações de combate ao racismo e subsidiar discussões fundamentais a essa luta, além de compartilhar as ações desenvolvidas pelo NEAB-ND.

AÚ é um movimento na capoeira. Um golpe com múltiplas variações e possibilidades de reinvenção. A *Revista Aú* é dividida, a partir do seu segundo número, em seções com nomes ligados à capoeira, luta inventada por afro-brasileiros nas senzalas como resistência às opressões. A seção *Aruanda*<sup>1</sup> relembra e homenageia personalidades negras que fazem parte da História do Brasil. A revista apresenta, também, a seção *Roda*<sup>2</sup> composta de artigos desenvolvidos pelos professores do curso *Estudos Afro-Brasileiros e Socioeducação*, realizado anualmente pelo NEAB-ND. A produção textual de funcionários do DEGASE vem na seção *Treinel*<sup>3</sup>. A *Revista Aú* apresenta, ainda, o *Espaço Caxinguelê*<sup>4</sup> com produção de socioeducandos. Completamos a edição com as seções *Berimbau*<sup>5</sup>, artigo transcrito de palestra realizada no encontro anual *Relações Raciais na Socioeducação*, e *Zum, zum, zum*<sup>6</sup> que apresenta resenha de um livro de um autor ou autora negra.

Boa leitura!

1 Lugar onde moram os orixás, cantados até hoje nas rodas.

2 Círculo formado por capoeiristas onde duas pessoas, ao centro, jogam capoeira, sendo substituídas por outras ao decorrer do jogo, enquanto as pessoas que estão em volta batem palmas e respondem o coro cantado e tocado por capoeiristas.

3 Etapa na trajetória de praticantes de capoeira.

4 Menino e menina que joga capoeira.

5 Instrumento de percussão que comanda a roda de capoeira, manda no ritmo e no jogo (cabaça, arame e um pedaço de pau.).

6 Comentários.

# Pinóquio e Kiriku: infância(s) e educação nas filosofia de Kant e Ramose<sup>1</sup>

Renato Nogueira<sup>2</sup>

Dedicado ao filósofo,  
mestre querido e orientador,  
Bento Prado Jr.(em memória)

## INTRODUÇÃO

Vale a pena registrar: filosofia nos remete a um exercício de pensamento que nos obriga a enfrentar os problemas por meios “inéditos”. Nunca se “responde” uma questão filosófica com o que já sabemos. Neste sentido, assumimos o risco de pensar algo que realmente estava fora de nosso horizonte de pensamento. Por isso, “não se trata de dizer nem que ‘eu acho que’, nem ‘eu penso que’ e, sim, ‘eu me permito pensar em ...’” (MOSTAFA; NOVA CRUZ, 2009, p. 14). Aqui pretendemos tratar do que podemos pensar a respeito do problema da educação em relação à infância. O problema: de que forma a educação pode se relacionar com a infância? O que está longe de ser uma plataforma de diálogo, debate ou eventos similares. Não se trata de um tipo de um estudo comparativo em vias de achar um consenso ou, ainda, tampouco uma crítica que possa eleger o conceito mais “adequado”. Afinal, se não estamos em busca da palavra final que vencerá o debate, o exercício filosófico permanece distante dessa noção de colóquio. Tal como nos incitam Deleuze e Guattari (1992), não queremos um banquete para debater e refletir opiniões. Ao contrário: buscamos ampliar as possibilidades do pensamento e nunca reproduzir algo. Mas, pensar realmente desde que sejamos forçados insistentemente por demandas imanentes. Como nos advertem

1 O texto foi publicado pela Coleção do XVII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) ocorrido em 2016.

2 Renato Nogueira é professor de Filosofia do Departamento de Educação e Sociedade (DES), do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro) e do Laboratório Práxis Filosófica de Análise e Produção de Recursos Didáticos e Paradidáticos para o Ensino de Filosofia (Práxis Filosófica) da UFRRJ. Nogueira coordena o grupo de pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Interseções (Afrosin), é doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nogueira divide, está envolvido com três projetos de pesquisa: 1ª) Filosofando com sotaques africanos e indígenas; 2ª) Educação, Arte, Infância e Relações Étnico-Raciais: a literatura infantil a partir dos afro-rizomas e do perspectivismo ameríndio; 3ª) “Modernidade” na perspectiva da Crítica da Razão Negra. Nogueira trabalha com dois projetos de extensão e também atua como docente na graduação e pós-graduação (nível de mestrado e doutorado) em cursos de Educação, Filosofia e História. Em 2016 fez formação continuada de equipes pedagógicas e corpo docente em cidades de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

## Seção Roda

os dois franceses: não devemos fazer “da filosofia a ideia de uma perpétua discussão como ‘racionalidade comunicativa’ ou como ‘conversação democrática universal’. Nada é menos exato” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.41). Afinal, quando um filósofo critica outro, nunca o faz partindo do mesmo problema. Por isso, criticar é “somente constatar que um conceito se esvanece, perde seus componentes ou adquire outros novos que o transformam, quando é mergulhado em um novo meio” (Idem, p. 41-42).

Em alguma medida, o título deste texto nos dá a dimensão do que pretendemos. Nós vamos trabalhar num cruzamento, num tipo de encruzilhada entre dois campos de saber, a(s) filosofia(s) e a educação, tomando os conceitos de infâncias articuladamente a dois personagens conceituais: Pinóquio e Kiriku. Em outros termos, buscamos experimentar dois conceitos de infância, um que faça par com a personagem Pinóquio, outro agenciado com Kiriku. As bases filosóficas de sustentação estão respectivamente no idealismo transcendental de Immanuel Kant (1724-1804) e na filosofia *ubuntu* de Mogobe Ramose (1945). Importante ressalva: nunca para repeti-las. Mas, atualizá-las naquilo que têm de interessante e notável para os nossos problemas!

A filosofia não consiste em saber, e não é a verdade que inspira a filosofia, mas categorias como as do Interessante, do Notável ou do Importante que decidem sobre o sucesso ou o fracasso. Ora, não se pode sabê-lo antes de ter construído. De muitos livros de filosofia, não se dirá que são falsos, pois isso não é dizer nada, mas que são sem importância nem interesse, justamente porque não criam nenhum conceito, nem trazem uma imagem do pensamento ou engendram um personagem que valha a pena (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 108).

Por isso, advertimos: não esperem exatamente comentários “técnicos” sobre as arquiteturas e concatenações de cada uma das filosofias. O notável aqui está nas possibilidades de leitura conjugada do idealismo transcendental e da filosofia *ubuntu* com dois filmes de animação. Trata-se de um investimento arriscado: apostar em Pinóquio e Kiriku como heterônimos dos filósofos Immanuel Kant e Mogobe Ramose. O que vem junto com a perspectiva de tomar os dois filmes de animação: *Pinóquio*, e *Kiriku e a Feiticeira* como “textos” filosóficos em caráter axiomático. Dito de outro modo, vamos fazer leituras filosóficas interessadas dos filmes, sublinhando o que cada uma nos permite pensar sobre infâncias e educação.

O filme *Pinóquio*<sup>3</sup> foi dirigido por Norman Ferguson, produzido e lançado, na primeira versão, pela Disney em 1940. Enquanto *Kiriku e a feiticeira*<sup>4</sup> foi uma produção franco-belga-luxemburgesa e estreia em 1998, sob a direção do francês Michel Ocelot, um homem branco que passou parte significativa da infância na Guiné-Bissau aprendendo histórias africanas. Nas “pedagogias” de Kant e de Ramose, o que podemos pensar sobre infância(s)? Quais os conceitos de infância(s) e de educação nos dois casos? Em se tratando de conceitos, vale a pena frisar alguns elementos. Como nos dizem Deleuze e Guattari (1992, p.27): “Descartes, Hegel, Feuerhach não somente não começam pelo mesmo conceito, como não têm o mesmo conceito de começo”. Podemos ter certeza

3 <https://www.youtube.com/watch?v=As994N-zhAM> acessado em 01/03/2015

4 <https://www.youtube.com/watch?v=vRxhp-hsjzI> acessado em 04/04/2014

## Seção Roda

que Ramose e Kant não têm o mesmo conceito de infância e tampouco endereçam as mesmas perguntas filosóficas para o campo da educação. Aqui nossa tática de trabalho seguirá um procedimento simples, apresentar uma tríade. De acordo com Deleuze e Guattari (1992, p. 101), a filosofia consiste numa trindade: traçar um plano de imanência, inventar personagens conceituais e criar conceitos. Portanto, vamos traçar dois planos de imanência: idealismo transcendental (Kant) e *ubuntu* (Ramos). “(Re)inventar” dois personagens conceituais: Pinóquio e Kiriku. Por fim, “criar” conceitos de infâncias: um heterônimo de Kant: *infantia*. Outros de Ramos: *ubungane* e *ubuntwana*.

Considerando que pouco nos interessam as divergências entre Kant e Ramos, mas, somente o que podemos fazer com aquilo que a partir deles conseguirmos pensar. Vale a pena destacar, o que podemos efetivamente construir com/a partir de cada plano de imanência e com suas respectivas personagens conceituais simpáticas e antipáticas. As simpáticas funcionam em favor da tese do filósofo; enquanto as personagens antipáticas são aquelas que pretendem sustentar os conceitos que não fazem sentido dentro da filosofia que se defende.

Importante destacar que este ensaio não pode ser lido em função de uma apresentação das duas filosofias sob o ponto de vista de Deleuze e Guattari. Os dois pensadores franceses só interessam à medida que oferecem possibilidades para uma tática de leitura de Kant e de Ramos para que possamos pensar sobre/com a(s) infância(s). Portanto, não propomos um escrutínio da obra *O que é a filosofia?*, mas, somente, o que/em que condições/como podemos pensar com/a partir dela. Em outros termos, para filosofarmos a partir de Kant e Ramos “é preciso fazer semelhante, mas por meios que não sejam semelhantes, por meios diferentes” (DELEUZE, 1996, p.169). A semelhança com o filósofo deve ser produzida e não meramente reproduzida “aí nos contentaríamos em redizer o que o filósofo disse” (Ibidem). Mas, precisamos justamente encontrar as brechas e o que está subentendido nos escritos de cada filósofo. Por isso, ressaltamos que aqui trabalharemos preferencialmente com o que não está necessariamente dito, mas, com os elementos que essas filosofias nos permitem pensar.

### A TRINDADE FILOSÓFICA COMO CRIVOS DE LEITURAS

“A filosofia apresenta três elementos” (DELEUZE, GUATTARI, 1992, p.101). Para os dois autores franceses, o que caracteriza a filosofia é traçar um plano de imanência, inventar personagens conceituais e criar conceitos. “Traçar, inventar, criar, está é a trindade filosófica” (Ibidem). O plano de imanência remete a um horizonte, local sustentado pelos conceitos e ocupado pelas personagens conceituais. As personagens conceituais não representam a(o) filósofa(o), mas são potências vivas, suas heterônimas. Os conceitos não são descritivos e gerais, mas, acontecimentos que enfrentam problemas determinados. Se os filmes aqui funcionam como “textos” filosóficos e os trabalhos de Kant e Ramos são tal como comentários de apoio, o

## Seção Roda

nosso construtivismo filosófico exige que respondamos: como a educação deve se relacionar com a(s) infância(s)? Vamos às tríades filosóficas.



Figura 1 - Pinóquio

Fonte: <http://reinodafantasia.weebly.com/pinoacutequio.html>

Infância Pinóquio e a pedagogia kantiana

- Plano de imanência: idealismo transcendental
- Personagens conceituais: Pinóquio, Gepeto, Fada Azul, Grilo falante, Gato cego, Raposa, Baleia e outras.
- Conceito: infância como infantia- palavra de origem latina.



Figura 2 - Kiriku

Fonte: <http://oregonstate.edu/dept/ncs/lifeatosu/wp-content/uploads/2016/01/kirikou-et-les-betes-sauvages.jpg>

Infância Kiriku e a pedagogia ubuntu

- Plano de imanência: Filosofia ubuntu
- Personagens conceituais: Kiriku, Karabá (a feiticeira), mãe de Kiriku, Velho da montanha (avô de Kiriku), velho da aldeia, adultas e crianças da aldeia.
- Conceito: infância como ubuntuwana e ubungane – termos zulus para infância.

### PINÓQUIO HETERÔNIMO DE KANT

Como adiantamos, a trindade filosófica da tese *Infância Pinóquio e a pedagogia kantiana* cabe em três enunciados. Plano de imanência: idealismo transcendental. Personagens conceituais: Pinóquio, Gepeto, Fada azul, grilo falante, raposa, gato



## Seção Roda

cego, verdade. Conceito: infância enquanto *infantia*, incapacidade de fala, imaturidade para o uso da linguagem e da razão. Em Pinóquio faltaria o *logos*. Ora, os manuais de filosofia parecem concordar, seja direta ou indiretamente, com a tese de que o *logos* é condição de possibilidade da inauguração da filosofia (ARANHA, ARRUDA, 2013; CHAUI, 2013; COTRIM, FERNANDES, 2013; MÉIRER, 2013;). Neste sentido, a filosofia é uma aventura do pensamento vedada aos que não têm linguagem, e a razão, apta a investigar a natureza das coisas. Pinóquio é infante, não sabe o que faz e nem do que precisa, por isso, a tutela é a resposta mais adequada para Pinóquio (para a infância). Para Kant (2006), a infância se caracteriza pelos desejos, inclinações e vontade arbitrária. Daí, a função da pedagogia estaria em emancipar, isto é, retirar a criança da condição de heteronomia e promover a sua autonomia. Pinóquio é justamente personagem, heterônimo, um tipo de cristalização dessa infância – entendida como imaturidade intelectual, psicológica, biológica. A instância dessa ausência, uma fase da vida em que os investimentos pedagógicos devem ser aplicados com vistas ao amadurecimento.

Dito isso, vamos nos embrenhar em alguns detalhes. Primeiro pelo plano de imanência. Deleuze, em *A Filosofia crítica de Kant*, nos ajuda a pensar esse plano registrado aqui como idealismo transcendental. Afinal, Kant ficou conhecido por empreender uma revolução copernicana na área de filosofia. O idealismo transcendental nasce numa dupla batalha: “contra o empirismo, contra o racionalismo dogmático” (DELEUZE, 1963, p.9). Para Deleuze (Ibidem), Kant define a filosofia como a ciência da relação entre todos os conhecimentos e os fins essenciais da razão humana. Ora, isso significa que o idealismo transcendental reformula tanto a ideia de que origem do conhecimento provém da experiência, quanto a primazia da razão. À primeira vista, o idealismo transcendental pode ser lido como uma delimitação do que cabe à experiência e do que é de incumbência da razão. Sem dúvida, Kant ficou bastante conhecido e celebrado pelas três críticas<sup>5</sup>. Porém, aqui o que nos interessa bastante são as reflexões kantianas em *Sobre a pedagogia*, mas isso não significa que estejamos distante do seu projeto crítico. A pedagogia kantiana está baseada nesse plano de imanência retratado nas críticas da razão pura teórica e prática, assim como na crítica da faculdade de julgar. Nesse plano de imanência, a razão reconhece seus limites, mas os seus preceitos são fundantes e necessários para autonomia. A razão que determina as leis universais que todas as pessoas devem seguir. Em resumo, o desenvolvimento moral e cognitivo do ser humano precisa se basear em leis universais acessíveis pela razão. Nós podemos pensar a conquista desse objetivo – a autonomia – a através da trama que envolve as personagens conceituais Pinóquio diante dos desafios desviantes, o país dos brinquedos<sup>6</sup>, os maus conselhos da dona raposa e do gato cego<sup>7</sup>.

5 O filósofo Kant foi autor de três críticas. Crítica da razão pura teórica, da razão prática e da faculdade de julgar, expressas respectivamente em três obras.

6 Uma terra em que a semana é composta por seis sextas-feiras e um domingo e no qual os meninos que lá vivem se transformam em burros.

7 A dona raposa e o gato cego são personagens que incentivam Pinóquio a se afastar do caminho da escola.

## Seção Roda

As personagens conceituais entram em ação num *script* que tem como pano de fundo a promoção da autonomia. Na obra do italiano Carlo Collodi (1826-1890) intitulada *As aventuras de Pinóquio: história de uma marionete* (referência do roteiro do filme), encontramos personagens simpáticas e antipáticas à jornada do protagonista Pinóquio – aqui tido como heterônimo de Kant. Em suas aventuras, Pinóquio é confrontado como uma questão central que vai do início ao fim da trama. A história pode ser descrita mais ou menos assim: era uma vez um casal que sonhava em ter um filho. Um carpinteiro e uma fada. Gepeto (o carpinteiro) faz o boneco de madeira e a Fada Azul lhe dá a vida. Uma metáfora até singela do encontro amoroso do casal. Ora, os investimentos da mãe e do pai no filho Pinóquio são sustentados pela confiança na educação (escolar) e, neste caso, na verdade. A educação estaria relacionada diretamente à realização da verdade – enquanto representação da realidade.

A família de Pinóquio credita à educação as condições de possibilidade de realização da humanidade. Durante toda a trama, a escola é entendida como a instância privilegiada para realização dessa tarefa da educação. A esperança na escola pode ser vista num gesto paterno. Gepeto troca o seu próprio casaco por uma cartilha para o filho, enquanto a mãe insiste em pedir que o menino não se descuide da verdade. Ela ensina que as mentiras podem ter pernas curtas, mas, quando se alongam, deixam o “nariz cumprido”, isto é, são impossíveis de sustentar e acabam por denunciar quem mente. O nariz cumprido é uma metáfora que informa: a mentira não pode ficar escondida por muito tempo. O mentiroso denuncia-se sempre. Ora, Kant (2013) insiste que nunca se deve mentir em qualquer circunstância. Em resposta à Benjamin Constant<sup>8</sup>, o filósofo alemão diz que, mesmo sob o pretexto de salvar uma vida, não se deve mentir. Afinal, “reconheço que em verdade posso querer a mentira, mas que não posso querer uma lei universal de mentir” (KANT, 2007, p. 34). Porque propor uma lei universal que tivesse a mentira como fiadora inviabilizaria qualquer promessa. Para Kant, só a verdade garante a universalidade.

Um diálogo entre Pinóquio e o Grilo-Falante diz bastante a respeito do horizonte interpretativo que sustenta a ficção. O projeto em jogo faz coro com os propósitos pedagógicos kantianos.

– Pode ir cantando o que bem entender, Grilo. O que eu sei é que amanhã ao nascer do sol quero ir embora porque, se ficar, vai acontecer comigo o que acontece aos outros meninos: vão me mandar para a escola e, querendo ou não, vou ser obrigado a estudar. E, para dizer a verdade, acho muito mais divertido correr atrás das borboletas e pegar passarinhos no ninho.

– Será que não sabe que desse jeito vai se tornar um grandíssimo burro e que todos vão debochar de você? Se não gosta de ir para a escola, por que não aprende pelo menos uma profissão?

– Quer saber? – perguntou Pinóquio. – Só existe uma profissão de que eu realmente gosto: a de comer, beber, dormir, me divertir e vagabundear de manhã até de noite (COLLODI, 2002, p.7).

<sup>8</sup> Em 1797, Benjamin Constant escreve um artigo contestando sobre o dever de se dizer a verdade e/ou o direito de mentir. Dado o célebre exemplo: um assassino bate à sua porta com a intenção de matar seu amigo, abrigado em sua casa. Você deve dizer a verdade quando o assassino perguntar sobre o paradeiro do seu amigo, abrigado em sua casa, ou deve mentir e dizer que desconhece o lugar onde está o seu amigo? De acordo com Constant, junto ao conceito de dever está a noção de direito e onde não existem direitos, também não pode haver deveres. Ou seja, se o assassino tem a intenção de infringir a lei e matar seu amigo, tirando-lhe a liberdade, você não tem o dever de dizer a verdade porque o assassino não tem o direito a ela.

## Seção Roda

A ficção procura destacar diferenças entre “estudar” e “viver livremente sem regras”. Os estudos preparariam para uma vida “regrada”. Ora, uma vida guiada pela razão, por assim dizer uma vida autônoma. Em *Sobre a pedagogia* e no filme *Pinóquio* encontramos a tese de que as inclinações rivalizam com a autonomia. O simples comer, beber, dormir, divertir-se e vagabundear não podem ser enquadrados dentro de uma perspectiva de investigação e estudos, um caminho seguro e adequado da razão para a verdadeira liberdade. A falta de ponderação é infantil, imatura e pode aumentar a insegurança do indivíduo e de toda a sociedade. Pinóquio precisa ser chamado à realidade.

Com efeito, podemos afirmar categoricamente que a educação diz respeito ao exercício de condução à maioria da razão. Essa expressão conceitual “maioridade da razão” é decisiva no projeto filosófico-pedagógico kantiano. Em *O que é esclarecimento?*, o filósofo alemão explica que na “menoridade” da razão, o ser humano é incapaz de fazer uso de sua faculdade racional com autonomia. Portanto, não pensa por si mesmo e precisa ter um homem emancipado e autônomo para lhe orientar. Enquanto a “maioridade” da razão se caracteriza justamente pela capacidade de pensar por si mesmo, ser livre e estabelecer uma lei moral e ética que baseie as ações no dever. O que caracteriza a responsabilidade pelas próprias ações e a liberdade, sabendo estabelecer limites para que esta liberdade não prejudique a si e a outros. Ora, essa autonomia é o objetivo da educação, romper com a irresponsabilidade de agir sem estar baseado em leis universais. Portanto, a pedagogia kantiana, tal como nos ensina o filme *Pinóquio*, não deixa dúvidas: a infância é o que se deve superar. A menoridade da razão é um risco que traz perigos para o indivíduo e toda a sociedade, a autonomia deve ser o objetivo a ser perseguido. Ora, ela pode ser conquistada com disciplina rígida, imposta o mais cedo possível. A coação inicial será transformada em liberdade. Porque a disciplina retira o ser humano de sua natureza selvática, a selvageria, as inclinações e a arbitrariedade são corrigidas através de rigorosa implementação da verdadeira educação, desenvolvendo o que temos de melhor: a razão.

### KIRIKU HETERÔNIMO DE RAMOSE

Por um lado, o filósofo Mogobe Ramose é pouco conhecido no cenário acadêmico brasileiro. Por outro, Deleuze e Guattari não tiveram oportunidade de conhecer os trabalhos ramoseanos, soma-se aos fatos que nunca deram crédito às possibilidades de um nascimento africano da filosofia. Os franceses dizem que:

Amigo é um desses personagens, do qual se diz mesmo que ele testemunha a favor de uma origem grega da filosofia: as outras civilizações tinham Sábios, mas os gregos apresentam esses “amigos” que não são simplesmente sábios mais modestos. Seriam os gregos que teriam sancionado a morte do Sábio, e o teriam substituído pelos filósofos, os amigos da sabedoria, aqueles que procuram a sabedoria, mas não a possuem formalmente (DELEUZE; GUATTARI, p.10).

## Seção Roda

Ramose discorda completamente dos franceses, aqui só poderíamos dar razão ao filósofo sul-africano. “A atenção voltada para a história da filosofia deveria sempre lembrar cuidadosamente da dívida da filosofia grega para com o antigo Egito africano” (RAMOSE, 2011, p.13). Para Ramose, antes dos gregos já existiam textos filosóficos africanos, o que seguramente é verídico, mas está encoberto por razões muito mais políticas do que estritamente filosóficas (DIOP, 1967, 1977; OBENGA, 1990, 1992, 2004). Dito isso, apesar dessa divergência, nada impede de pensarmos a filosofia *ubuntu* numa organização deleuzeana-guattariana, em termos de uma trindade filosófica. Plano de imanência: *ubuntu*. Personagens conceituais: Kiriku, Karabá (a feiticeira), pessoas da aldeia. Conceito: infâncias *-ubungane*<sup>9</sup> e *ubuntwana*<sup>10</sup>. O plano de imanência *ubuntu* é pluriversal, policêntrico e polirracional. Ou seja, o plano de imanência *ubuntu* não advoga a universalidade, porque reconhece que num mesmo mundo sempre existem vários mundos (RAMOSE, 2011). Dito de outra maneira, a universalidade é o que caracteriza o universal, isto é, o geral, aquilo que se distingue do particular. A pluriversalidade problematiza o universal enquanto esse “denominador comum” dos particulares. Ora, só existem particularidades e nenhuma delas pode efetivamente subsumir as outras. Em paralelo, um plano sem centro e sem periferias traz diversos ganhos, porque ressignifica a ideia de que existe um centro e as margens gravitam ao seu redor (RAMOSE, 2010, 2011). Os conceitos de centro e de margens é sempre relativo às forças e posições de quem enuncia. A polirracionalidade é uma tese extremamente instigante, ela traz à luz o conceito de racionalidades e que qualquer tentativa de reduzir a razão a algum modelo de racionalidade é extremamente empobrecedor. A razão não é unitária ou monolítica. Mas, somente um conjunto de racionalidades (MASOLO, 2010).

Na trama, encontramos muitas personagens. Kiriku aparece como personagem conceitual simpática, enquanto Karabá, a feiticeira é a antipática (pelo menos temporariamente). As pessoas da aldeia, o velho da aldeia, os guardas de Karabá e o sábio da montanha são personagens igualmente importantes. A história começa com o nascimento de Kiriku, o menino nasce andando e falando. No primeiro contato com a mãe descobre que seu pai e todos os homens da aldeia foram capturados por Karabá, a feiticeira. Daí, ele começa a perguntar: “Por que Karabá, a feiticeira, é má?”. Uma série de acontecimentos demonstra que o menino, a criança mais nova da aldeia, tem mais coragem, astúcia, inteligência e empenho em resolver os problemas da aldeia. Ele indaga tanto a todas e todos que a mãe diz que: “por que Karabá, a feiticeira é má?”. O que pode ser causa de espanto é que o menor menino da aldeia é justamente o que resolve os maiores problemas. Não obstante, por ser menor que todas as outras pessoas, Kiriku consegue entrar nas frestas e solucionar os maiores problemas. O menino entra em uma fonte de água seca, por meio de uma passagem estreita e consegue destruir um monstro gigante que impedia que a água chegasse até a aldeia.

Em busca do seu avô, o velho sábio da montanha, Kiriku segue numa bela aventura e após peripécias, incluindo passar por túneis subterrâneos e enfrentar

<sup>9</sup> Infância na língua zulu, com o sentido de fase em que as crianças habitam.

<sup>10</sup> Infância na língua zulu, com o significado de sentido humano ou condição de experiência para reinventar o mundo.

## Seção Roda

gambás. Então, após encontrar o velho, Kiriku recebe as explicações de seu avô sobre a maldade de Karabá. A tese é simples, a feiticeira Karabá é má porque sofre. A história é uma metáfora de violência contra a mulher. Alguns homens pegaram Karabá e colocaram um espinho envenenado na base de sua coluna, esse artefato em sua espinha provocava dores lancinantes e dava os seus poderes. Por isso, Karabá se vingava capturando os homens da aldeia. O que está em jogo é uma tese filosófica africana clássica, todas as pessoas em situação de sofrimento tendem a responder suas circunstâncias endereçando ações violentas contra si mesmas e outras pessoas (RAMOSE, 2010, 2011). A questão filosófica que atravessa várias escolas e linhas está presente no filme. O problema central diz respeito ao modo como a vida é vivida. Em outros termos, uma das interrogações em que várias escolas filosóficas africanas se ocuparam está contida na ideia de que devemos encontrar algum sentido para a vida (ORUKA, 1990). Ora, esse tema atravessa a filosofia *ubuntu* na formulação feita por Ramose. A formulação filosófica é feita em diversas línguas bantu com o mesmo significado. Na língua botho: “mothokemothokabatho”. No idioma zulu: “umuntungumuntungabantu”. Nos dois casos temos a definição do conceito de *ubuntu*: “uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas”. Uma formulação filosófica que, segundo Ramose, atende interrogações ontológicas, epistemológicas, éticas e políticas. Dentre diversos elementos, podemos destacar a interdependência na filosofia *ubuntu*.

No filme *Kiriku e a Feiticeira*, assim como a filosofia *ubuntu*, podemos considerar que a infância está positivada. O menor menino da aldeia, a criança mais “plena” de infância é a mais “competente” em resolver os problemas coletivos. Vale mencionar que na língua zulu existem duas palavras para dizer “infância”, tanto *ubungane* como *ubuntwana*. Ora, a primeira nos remete aquilo que existe nas crianças. Enquanto *ubuntwana* recobre algo mais extenso e profundo. Uma coisa que está no Ser – totalidade do real e condição de possibilidade da vida e do mundo. Ora, só é possível falar em infâncias no plural. O conceito é multidimensional e, dentre as dimensões das infâncias, existe uma perspectiva que diz respeito à capacidade de reinterpretar a realidade. Kiriku é a pessoa que mais vive essa dimensão da infância, isto é, a potência de reinterpretar o mundo e se ocupar dos sentidos possíveis ao invés da verdade.

Uma educação *ubuntu* valoriza a produção de sentidos, um exercício voltado mais para o cultivo da infância (*ubuntwana*). Ou seja, um investimento nas condições de possibilidade de reinaugurar a realidade. Afinal, infância é um conceito bidimensional, etapa da vida e capacidade de reinvenção e resignificação. De volta ao filme, depois que Kiriku consegue retirar o espinho da coluna de Karabá, ela perde os seus poderes mágicos. Em seguida, o menino afirma que ela é muito bonita e que deseja ganhar um beijo. Karabá explica que não quer nenhum homem mandando nela. Kiriku diz que nunca faria isso. Ela o beija, Kiriku se transforma num homem, apaixonados retornam para a aldeia. Os homens desaparecidos que teriam sido “engolidos” por Karabá voltam para o povoado em seguida. Por fim, a aldeia celebra o retorno do menino, agora um homem. A apoteose é uma festa em que todas e todos celebram Kiriku. O

## Seção Roda

que pode ser descrito como uma celebração da infância. Afinal, Kiriku não precisa ser lido necessariamente como uma criança. É possível enxergá-lo como um adulto, mas como justamente o adulto mais *infantil* da aldeia. Uma pessoa que nunca conserva a mesma interpretação, porque está aberta ao dinamismo e contextos que modificam e exigem que as interpretações considerem os acontecimentos. Não obstante, podemos também ler Kiriku como uma criança. Porém, não importa se Kiriku é um homem ou um menino, seja adulto ou criança, o que está em jogo é sua *infância* – *ubuntwana*. Ou seja, sua capacidade de produzir novos sentidos. Pois bem, se tomarmos o protagonista do filme como uma criança, nada se modifica. Afinal, foi a infância (*ubuntwana*) de Kiriku responsável pelo desfecho favorável, não foi seu estar-criança – a infância (*ubungane*). É a primeira dimensão da infância que o fez diferente das outras crianças.

Vale lembrar que o “*Ubuntu* é dos conceitos filosóficos (...) essenciais das populações que falam línguas Bantu” (RAMOSE, 2010, p.179). Ramose diz-nos que as bases filosóficas ubuntu para a educação têm um caráter peculiar: “substituir o dogma mortal do fundamentalismo econômico pela lógica frutífera” (Idem) *ubuntu*. A lógica frutífera está relacionada como uma recolocação da infância em outros termos. A antagonista da “fundamentação” ubuntu para uma educação que reposicione a infância está na própria ideia de mercado. A formulação filosófica de Ramose não quer a *infância* na lógica vigente, mas romper com ela. O filósofo explica que durante muito tempo as sociedades ocidentais discriminaram as mulheres negativamente, diante disso, lutas feministas combateram essa prerrogativa masculina de dominação. “A discriminação positiva, ao promover o progresso das mulheres, camuflou e amenizou a culpa moral do sistema. Sob tais bases, a integração das mulheres serviu para reforçar o sistema, assegurando continuação de sua sobrevivência” (RAMOSE, 2010, p. 188). O que isso significa? Ora, a filosofia *ubuntu* ajuda-nos a pensar em outras bases. Primeiro, as ideias de progresso e desenvolvimento podem ser problematizadas. O alvo da educação não estaria em nos integrar à lógica vigente do mercado, o que procuraria integrar tudo à ordem da mercantibilidade. “Em última instância, a mercantibilidade de todas as coisas significa a mercadorização de todas as coisas em prol do lucro máximo” (Idem, p.183). Ora, Ramose, assim como a narrativa das personagens do filme, estão a nos dizer que a mercantibilidade deve ser posta sob suspeita. Afinal, a *infância* se define justamente por não ser passível de redução. *Ubuntwana* (infância) integra a filosofia *ubuntu* e nos ajuda a pensar algo que necessariamente escapa ao fundamentalismo econômico. Em certa medida, esse fundamentalismo econômico denota a centralidade do mercado, o que pode ser interpretado genericamente como um sistema que responde todas as dúvidas com um produto. É contra as respostas fáceis que a infância (*ubuntwana*) se coloca. Cabe indagar o que pode a educação? Como se deve educar? Qual a relação entre educação e infância(s)? Sem dúvida, a infância (*ubuntwana*) é o que se deve cultivar. Ou seja, contribuir para que as crianças permaneçam “crianças”, independentes do fundamentalismo econômico. Educação é somente um exercício de manutenção da condição de possibilidade de nos humanizarmos, *ubuntu* vem a par com a realização da *ubuntwana*, uma potência

## Seção Roda

que não se permite escravizar às razões que não levem em conta o *nguzosaba* – sete princípios normativos (KARENGA, 2003, 2009):

- *Umoja* (unidade): empenhar-se pela comunidade;
- *Kujichagulia* (autodeterminação): definir a nós mesmos e falar por nós;
- *Ujima* (trabalho e responsabilidade coletivos): construir e unir a comunidade, perceber como nossos os problemas dos outros e resolvê-los em conjunto;
- *Ujamaa* (economia cooperativa): interdependência financeira, recursos compartilhados;
- *Nia* (propósito): transformar em vocação coletiva a construção e o desenvolvimento da comunidade de modo harmônico;
- *Kuumba* (criatividade): trabalhar para que a comunidade se torne mais bela do que quando foi herdada;
- *Irani* (fé): acreditar em nossas(os) mestras(es).

De modo panorâmico, importante registrar que aqui a infância (*ubuntwana*) é a condição de possibilidade, ponto de partida e linha de chegada, base e efeito de uma educação *ubuntu*. Educa-se através da *infância*, por ela e para ela, isto é, em favor de reinaugurar o mundo sempre que seja necessário, enfrentando os desafios com a convicção de que é preciso estarmos disponíveis e atentos para o chamamento coletivo do qual não podemos nos esquivar. O aparato filosófico-pedagógico do filme Kiriku ensina pelo menos uma coisa: educar é para amplificar a infância. Em outros termos, uma possibilidade para novos mundos.

### CONCLUSÕES PARCIAIS

De um lado, a infância entendida como *infantia* – ausência de linguagem. De outro, a infância é dita no plural: infâncias, recobrando, ao menos, duas faces como *ubungane* e *ubuntwana*. Se a doutrina kantiana propõe e sustenta práticas educativas de superação da infância, a filosofia *ubuntu* não se ocupa da “verdade”, mas dos sentidos possíveis para ressignificação e reinvenção da vida e do mundo. Em linhas gerais, podemos fazer dois grandes quadros. Um modelo de educação que inclui coisas como: disciplina, trabalho (dever) de casa, tutela e superação da infantilidade para a maioridade da razão. No caso da perspectiva Kiriku, encontramos coisas como: *brincadeira de casa*<sup>11</sup>, ao invés de educar com dever, a brincadeira é a tônica que incentiva cada pessoa a mergulhar em sua infância. O mais importante está em reconhecer interesses, tempos e habilidades diferentes, tudo isso descortina a possibilidade de que apenas o reconhecimento da infância (*ubuntwana*) como sinônimo contingente, mas suficiente para ser pessoa através de outras pessoas pode basear as estratégias educativas.

Para lembrar e enfrentar algumas implicações do “Pinóquio heterônimo de Kant” vale a pena insistir na ideia de que o alvo da educação está em desenvolver a criança e melhorar o futuro, tanto o seu como o da sociedade. Dito de outro modo,

<sup>11</sup> Expressão conceitual que se propõe como alternativa ao “trabalho de casa”, assentada na ideia de que ser-brincante pode criar condições de aprendizagem mais notáveis do que aquelas que passam pela categoria ser-trabalhador.

## Seção Roda

essa compreensão guarda relação com uma formulação endereçada para crianças que foi muito recorrente no século XX: “o que você quer ser quando crescer?”. Ora, o pressuposto é simplório: a criança ainda não é nada; mas, virá a ser, quando crescer. O que, em termos de temporalidade, é uma desqualificação do presente. Vem embutida uma compreensão de que só o futuro será “verdadeiramente” perfeito. Walter Benjamin faz uma denúncia interessante em *Teses sobre a filosofia da história* (1987), Giorgio Agamben dedica um capítulo do livro *Infância e História: destruição da experiência e origem da história* (2008). Agamben ressalta que parte da concepção de tempo ocidental é devedora do filósofo Aristóteles. Mas, o tempo moderno precisa ser entendido como uma laicização do tempo cristão “retilíneo e irreversível, dissociado, porém, de toda ideia de um fim esvaziado de qualquer sentido que não seja o de um processo estruturado conforme o antes e o depois” (AGAMBEN, 2008, p.117). De onde, conclui-se que o futuro será sempre melhor do que o presente. Essa “ideia, em si desprovida de qualquer fundamento racional, de um progresso contínuo e infinito” (Idem, p. 118) é uma regra do modelo moderno de tempo. Daí, a defesa de um desses três conceitos, amadurecimento, crescimento ou desenvolvimento. Com efeito, um dos graves problemas da ideia de superar da infância está nessa projeção do tempo futuro. O que é bom estaria porvir.

No caso de “Kiriku heterônimo de Ramose”, encontramos possibilidades diversas, o tempo presente permanece exaltado. Nós estamos mais próximos de um “envolvimentismo educativo” com táticas de “brincadeiras de casa”, usos estruturais da roda como recurso teórico-metodológico. *No princípio, era a roda* de Roberto Moura, publicado em 2004, tem muito a ver com isso. As rodas de candomblé, capoeira, jongo, samba, umbanda, dentre outras, são alguns exemplos de matriz e motriz africanas que ajudam a entender um pouco da perspectiva Kiriku. A educação é um exercício que propõe intervir no presente, distante da ideia de um “futuro” melhor, compromete-se mais com o presente possível. Por isso, a filosofia *ubuntu* invoca infâncias e não se define somente como um período da vida. Daí, descartando o caráter etapista de teorias desenvolvimentistas, podemos pensar as possibilidades daquilo que denominamos de envolvimentismo. Tampouco, essa ideia de infância se aproxima da infantia.

*Ubungane* difere de *infantia*. Esta última é de origem latina. A primeira é do tronco linguístico bantu. No último caso, o significado da palavra é de ausência da linguagem. No contexto africano, a palavra remete ao ser em todas suas potências latentes. *Infantia* remetendo a pré-linguagem; *ubungane* circunscrevendo todas as linguagens. Enquanto *ntwana* é sinônimo do termo “item”. A palavra *ubuntwana* pode ser traduzida como ser-de-algo. Dito de modo simples, uma característica importante para estar presente no tempo presente. Por isso, educar é um exercício de cultivo da infância, uma ação presente. Com efeito, não cabe perguntar o que uma criança quer ser quando crescer. Porque ela não precisa crescer para ser alguma coisa. Toda criança já é alguma coisa. Qual é o perigo de fazer a pergunta, “o que você quer ser quando crescer”? Simples: esvaziar o presente. Por isso, concordamos com Kiriku e só perguntamos pelo poder ativo do brincar. Daí, ao invés da autonomia da maioridade



## Seção Roda

da razão, apostamos nas infâncias que nos habitam. Portanto, são as “brincadeiras para casa” (e não os trabalhos para casa) que podem criar as condições mais notáveis para o florescimento da educação. O que estaria em jogo? Educar contra a infância, o modelo Pinóquio: apostar num futuro melhor e investir na verdade. Ou simplesmente, investir na reconfiguração do próprio presente – a perspectiva Kiriku – ser-brincante na vida.

### REFERÊNCIAS:

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Tradução Henrique Burico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 5ª ed. São Paulo. Moderna, 2013.
- BENJAMIN, Walter. “Teses sobre a filosofia da história”. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In *Walter Benjamin - Obras escolhidas*. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.
- CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à Filosofia: Ensino Médio*. Volume único. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2013.
- COLLODI, Carlo. *As aventuras de Pinóquio*. Trad.: Marina Colasanti. Ilustrações de Odilon Moraes. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.
- COTRIM, Gilberto. FERNANDES, Mirna. *Fundamentos da Filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013
- DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972 -1990*. Tradução Peter PálPelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A Filosofia crítica de Kant*. Tradução Germiniano Franco. Lisboa: Edições 70, 1963.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DIOP, Cheikh Anta. *Anteriorité des civilisations nègres: mythe ou vérité historique?* Paris: Présence Africaine, 1967.
- DIOP, Cheikh Anta. *Parenté génétique de l'égyptien pharaonique et des langues négro-africaines*. Dakar: IFAN; Abidjan: NEA, 1977.
- KANT, IMMANUEL. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução Valério Rohden e Antonio Marques. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da razão pura*. Tradução Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da razão prática*. Tradução, introdução e notas de Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2007.
- \_\_\_\_\_. “Resposta a pergunta: que é esclarecimento?” In *Textos Seletos*. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3 ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ. 2005. Pg. 63-71.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a Pedagogia*. Trad. Francisco Cock Fontanella. 5ª edição. Piracicaba: Editora Unimep. 2006
- KARENKA, Maulana. *Afrocentricity and multicultural education* In MAZAMA, Ama. *The afrocentric paradigm*. Trenton: África World Press, 2003, p.73-94.
- MÉIER, Celito. *Filosofia: por uma inteligência da complexidade*. Volume único: ensino médio. 2ª ed. Belo Horizonte: PAX Editora, 2014.

## Seção Roda

MOSTAFA, Solange Mustel; CRUZ, Denise Viunisk da Nova. Para ler a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Campinas: Alínea, 2009.

OBENGA, Théophile. Ancient Egypt and Black Africa. Chicago, IL: Karnak House, 1992.

\_\_\_\_\_. "Egypt: Ancient History of African Philosophy" In WIREDU, Kwasi. A companion to African Philosophy. Oxford: Blackwell Publishing, 2004, pp. 31-49.

\_\_\_\_\_. La philosophie africaine de la période pharaonique (2780-330 a. C.), Paris: L'Harmattan, 1990.

ORUKA, Henry Odera (1990) Sage Philosophy: Indigenous Thinkers and Modern Debate on African Philosophy. Leiden: E. J. Brill, 1990.

RAMOSE, Mogobe. "Globalização e Ubuntu". In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (orgs.) Epistemologias do Sul, São Paulo: Cortez, 2010. (175-220)

\_\_\_\_\_. "Una perspectiva africana sobre la justicia y la raza". In: Polylog. Foro para filosofía intercultural. <http://them.polylog.org/3/frm-es.htm>

\_\_\_\_\_. "Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana". Revista Ensaio Filosóficos, Rio de Janeiro, Volume IV - outubro, 2011.

# A religião de cor

Prof. Babalawô Ivanir dos Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

Em seu sentido literal, a intolerância decorre da ação de falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar diferentes crenças ou opiniões. Diante de todas as transformações sociais, múltiplas identidades assumidas e construídas, decorrentes dos processos históricos, podemos dizer que a intolerância, seja ela de qual forma for, é constituída pela falta de equidade e alteridades, um verdadeiro antolho que guia a ação humana para um único fim: anular o outro. Assim, intolerância, configurada em âmbitos religiosos, caracteriza-se pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar crenças e diversidades religiosas. O objetivo deste artigo é fazer uma pequena análise sobre os casos de intolerância religiosa no Brasil, tendo como foco o Caso Kaylane –as relações assimétricas, marcadas principalmente pela questão racial.

## PALAVRAS CHAVE

Equidade. Alteridade. Intolerância Religiosa. Racismo Religioso

## AS CORES DA CONTA

Como um déjà vú, olhando para o “Caso Kaylane”, nos remetemos a outrora, antes da promulgação da Constituição de 1988, em que a liberdade religiosa não era uma garantia legal para todos os cidadãos brasileiros. Época essa em que as perseguições às religiões afro-brasileiras podiam ser consideradas normais, ou uma forma de purificação do Estado. Segundo os dados obtidos através do ‘*Relatório do Caso de Intolerância Religiosa no Brasil 2015*’, escrito em parcerias entre a Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR), o Centro de População Marginalizada (CEAP) e o Laboratório de História das Experiências Religiosa (LHER), dos 1014 casos de intolerância registradas pela CEPLIR (Centro de Promoção da Liberdade Religiosa & Direitos Humanos), entre os anos de 2012 a 2015, 71% são atos de violência contra os praticantes das Religiões de Matrizes Africanas, assim o caso da menina Kaylane é

1 Prof. Babalawô Ivanir dos Santos, doutorando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ); membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), do Laboratório de História das Experiências Religiosas (LHER-UFRJ) e Laboratório de Estudos de História Atlântica das sociedades coloniais pós-coloniais (LEHA-UFRJ); coordenador da Coordenadoria de Religiões Tradicionais Africanas, Afro-brasileira, Racismo e Intolerância Religiosa (ERARIR/LHER/UFRJ); conselheiro Estratégico do Centro de Articulações de População Marginalizada (CEAP); interlocutor da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR); conselheiro Consultivo do Cais do Valongo; Vice-presidente da América Latina no Conselho Internacional das Sociedades de Antigas Religiões de Descendentes de Africanos (ARSADIC), Nigéria. Tem experiência nas seguintes áreas: Educação Étnico-racial e questões africanas; Direitos Humanos e Cidadania; Relações Internacionais; Religiões tradicionais da África Ocidental e Afro-brasileiras.

## Seção Roda

apenas um dos inúmeros casos de violência que incorporam os dados do Relatório.

Em 14 de junho do ano de 2015, a intolerância religiosa chocou e comoveu toda a sociedade brasileira. A imagem de Kayllane Campos<sup>2</sup>, uma menina de apenas de 11 anos de idade, trajada com suas vestes religiosas brancas toda manchada de sangue, estampou as capas das mídias. O fatídico episódio de intolerância religiosa não é único dentro da história das perseguições sobre as minorias<sup>3</sup> religiosas<sup>4</sup> no Brasil.

Para ORO & BEM (2008, p. 314):

O ataque às religiões afro-brasileiras que antes ocorria apenas nos templos, circunscrito ao meio evangélico, ampliou-se para o conjunto da sociedade, devido à difusão midiática. O impacto dessas novas estratégias discursivas, portanto, reforça a histórica desconfiança e o desrespeito aos símbolos da religiosidade de matriz africana, conduzindo à intolerância e ao confronto com esses “agentes do diabo”.

Entretanto, diante destes ataques violentos acometidos contra os praticantes das religiões afro-brasileiras, uma dúvida paira: se, segundo as velhas concepções históricas, o Brasil é o país das igualdades raciais, culturais, sociais, econômicas e, quiçá, religiosas, então qual seria o motivo de tanta intolerância ao ponto de gerar agressões físicas, destruições de templos religiosos e injúrias? Ainda não nos é possível analisar tais atos de violência, física e social, sem ter um olhar apurado para as questões raciais relacionadas aos processos de diásporas africanas no mundo, e os olhares racistas e preconceituosos sobre as culturas, religiosidades e sociedades africanas, tais como os ressaltados anteriormente.

Ao compreendermos que em África o indivíduo existe em sua totalidade religiosa, ou seja, não é possível separar o ser social do ser religioso, passamos a entender, também, que durante os períodos das diásporas, forçadas, dos negros africanos, estes indivíduos aportaram na América trajando suas religiosidades, pois o mundo em que viviam não era/é construído a partir de uma visão cartesiana em que é possível separar indivíduo religioso e indivíduo social.

Sobre esta questão, Emamauel Obiechina (1978, p.28) salienta que em África:

Não existe qualquer dimensão importante da experiência humana que não esteja ligada ao sobrenatural, ao sentimento popular religioso e à piedade [...]. Tudo isso constitui parte integrante da estrutura ideológica da sociedade tradicional e é essencial para uma interpretação exata da experiência no contexto social tradicional.

Em África, o religioso e o social integram a totalidade do ser. A instauração do domínio colonial europeu na África não compreendeu apenas a imposição forçada do poder político, econômico e social. Tal instauração foi, também, uma das maiores

2 Como resposta positiva em prol da liberdade religiosa, adeptos e simpatizantes das religiões de afro-brasileiras criaram o slogan ‘Eu visto branco e sou da paz’, que se tornou um dos motes de luta contra a intolerância religiosa no Brasil.

3 Minoria no sentido de representação política.

4 Em grande maioria, religiões e religiosidades afro-brasileiras.

## Seção Roda

imposições culturais, valendo-se da mesma para dar apoio às superestruturas políticas, econômicas e sociais representadas pelo colonialismo nas culturas às quais se introjetava (OPOKU, 2010).

Assim, antes do contato colonial, a religião tradicional em África estava (e ainda está) inseparavelmente ligada à cultura africana. Um olhar atento sobre as formações religiosas brasileiras em meio as suas múltiplas tramas sincréticas – entre as religiões ameríndias, africanas e luso-católicas –, alicerçadas pelas análises de Frantz Fanon (2008), nos faz refletir que, a respeito sobre o que tange as questões sociais, a suposta ideologia da igualdade das raças, construída e presente na América Latina e principalmente no Brasil, favorece a criação de suporte sólido para que o racismo mostre-se de um jeito mais “velado”.

Em grande maioria, as vítimas dos ataques de intolerância religiosa são adeptas das religiões de matrizes africanas (ROCHA 2011, p.14):

Quando se fala de religiões de matrizes africanas, não está fazendo distinção entre os pertencimentos vinculados às tradições, sejam estas Ketu, jeje, nagô ou angola. Nem tampouco entre candomblé, batuque tambor e umbanda. Isto por que a intolerância é generalizada, estendida a todos os que professam as religiões dos Orixás, cujo rótulo ou estigma passa a ser naturalizado nas relações sociais como os macumbeiros.

Tal perseguição fortifica uma mentalidade induzida sobre os adeptos das religiões e religiosidades afro-brasileira e suas práticas religiosas, haja vista os últimos dados, atualizados, do “Relatório sobre os casos de intolerância religiosa no Brasil”. Segundo os dados da Ceplir, de julho de 2012 a agosto de 2015, foram totalizados 1014 atendimentos a 582 usuários, sendo que as denúncias contra religiões afro-brasileiras representaram 71,15%.

Fonte	Forma de Coleta da Informação	Período de Coleta	Total
CEPLIR	Registro Atendimento	Julho de 2012 a dezembro 2015	1014

Fonte: Ceplir

## Seção Roda

Tipo de Atendimento	Total
Atendimentos	1014
Apoio Jurídico, Psicológico e Social (Usuários)	582
Detalhamento	
Contra Religiões Afro-brasileiras	71,15%
Contra Evangélicos, Protestantes ou Neopentecostais	7,7%
Contra Católicos	3,8 %
Contra Judeus e Pessoas sem Religião	3,8 %
Ataques Contra a Liberdade Religiosa	3,8 %

Fonte: Ceplir

Destarte, ao enxergarmos os forjamentos da intolerância religiosa contra os praticantes das religiões e religiosidades de matrizes africanas no Brasil, conectamos esse fenômeno social religioso diretamente à construção do racismo baseado na cor da pele negra. Uma vez que todas as ressignificações religiosas estão intimamente ligadas às religiosidades dos grupos étnicos africanos que aportaram, escravizados, no Brasil entre os séculos XVI e XIX.

Grupos esses que foram duramente exprobrados como irracionais, iletrados, sem cultura, sem história e interpretados como manifestação do mal. Do mesmo modo, as ideologias de inferioridades das raças negras e das sociedades africanas contribuíram, de maneira ampla, para a construção do racismo religioso e para o crescimento da intolerância religiosa assim como para construção de estereótipos, tais como: “todo negro é praticante ou adepto das religiões de matrizes africanas” ou “negro vestido de branco é praticante ou adepto das religiões de matrizes africanas”.

Dentro deste cenário, o caso Kaylane pode ser interpretado, de modo contundente, como mais um caso de racismo religioso, um dos tentáculos da intolerância. Ao colocarmos justapostas as palavras racismo e religioso estamos enfatizando todo o processo de estatização dos negros e suas culturas. Falar de Candomblé, Umbanda, Maracatu, Folias de Reis... (e outras culturas negras) é remeter a histórias das populações negras, no Brasil, que por muito tentou-se solapar com o silenciamento histórico. O Caso Kaylane, registrado na 38ª DP, em Irajá, até o presente momento não foi solucionado pelos órgãos governamentais competentes.... Daqui uns dias! Kaylane entra para o esquecimento da história.

Portanto, em face da cor da pele, podemos perceber que o racismo e a intolerância são experimentados de maneiras diferentes pelos adeptos e praticantes das religiões afro-brasileiras. Uma pessoa branca, adepta ou praticante das religiões afro-brasileiras, experimenta, diante de um ato em que é a vítima de agressão devido

## Seção Roda

a sua opção religiosa, a intolerância, o preconceito e o desprezo. Já uma pessoa negra, adepta ou praticante das religiões afro-brasileiras, experimenta, diante de um ato em que é a vítima de agressão devido a sua opção religiosa, o racismo, a intolerância, o preconceito e o desprezo, pois o racismo religioso está diretamente ligado à cor da pele das pessoas, nesse caso negras. De tal maneira que, durante boa parte das histórias religiosas brasileiras, as religiões de matrizes africanas eram denominadas Religiões dos Negros, por estarem associadas à cor, negra, e ao continente africano.

A invisibilidade social das religiões afro-brasileiras desmerece todos os protagonismos de sacerdotes, sacerdotisas e praticantes dessas religiões. Realidade essa que passou a tomar outros contornos, após os casos de intolerância registrados pelo jornal Extra, através da matéria 'O tráfico remove até fé', em 2008, no Morro do Dendê<sup>5</sup>, o que demonstrou uma nítida e perigosa união entre o tráfico e alguns seguimentos cristãos.

Em resposta a esse, e a outras centenas de casos de intolerância, no dia 21 de setembro do mesmo ano, milhares pessoas, adeptos religiosos, leigos e simpatizantes, saíram às ruas; e sobre a orla de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro; caminharam juntas em prol da Liberdade Religiosa no Brasil e pelo fim da intolerância religiosa. Nascia, assim, um dos eventos tradicionais (HOBBSAWM & RANGER, 1984) mais significativos para História: o reconhecimento histórico das religiões de matrizes africanas no Brasil. "A Caminhada pela Liberdade Religiosa e contra a intolerância religiosa", rompeu com um passado de interpretações simplistas e marginalizadas bem como com um profundo desconhecimento sobre a força e a união desses grupos.

Em grande maioria, estas pessoas eram adeptas das religiões de matrizes africanas, principalmente Umbanda e ao Candomblé, que, historicamente, foram marginalizadas, perseguidas, presas e torturadas em prol de uma verdade única sobre os princípios religiosos e políticos – os quais estavam em curso para construção da nação, do país. O evento promovido pelos religiosos não foi – e não é – um fato destituído de um contexto histórico antecedente: as conexões sociais e históricas de seu surgimento vislumbram um leve e suave passeio histórico sobre a contextualização da formação da sociedade brasileira, desde o encontro, em solo brasileiro, das culturas, religiões e religiosidades africanas – trazidas com os negros escravizados – com a religião cristã católica nos períodos imperial e republicano.

### REFERÊNCIAS

- ASSIS, Ângelo Adriano Faria de. O fim de um monopólio. In\_ Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, ano 8, nº 87, dez.2012 p.24-26.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas; tradução de Renato da Silveira - Salvador : EDUFBA, 2008.
- KI-ZERBO, Joseph. História da África Negra. Lisboa: Europa América, 1982, vol. I.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003. 2003. Disponível em:<<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=236171>>.

5 Morro do Dendê, na época chefe do tráfico, localizado na Ilha do Governador - no interior da Baía de Guanabara - no estado do Rio de Janeiro.

## Seção Roda

OBIECHINA, E. Culture, Tradition and Society In the West African Novel. Cambridge, CUP, 1978.

OPOKU, Kofi Asare. A religião na África durante a época colonial. In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert AduBoahen. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

ORO, Ari Pedro. O neopentecostalismo macumbeiro. In\_ REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 319-332, dezembro/fevereiro 2005-2006.

\_\_\_\_\_BEM Daniel F. de. A discriminação contra as religiões afro-brasileiras: ontem e hoje. In: Ciênc. Let, Porto Alegre, n. 44, p. 301-318, jul./dez. 2008.

Relatório de Intolerância Religiosa no Brasil 2015.

SCOTT, James. Formas Cotidianas de Resistencia Camponesa. In: Raízes, (tradução de Marilda A. de Meneze e Lemuel Guerra) Vol. 21, N° 01, jan.-jun./2002.



# O NEGRO E A CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM "O PRESENTE DE OSSANHA" DE JOEL RUFINO DOS SANTOS

Cintia Barreto<sup>1</sup>

A literatura para crianças sofreu uma série de alterações ao longo dos tempos. Nos fins do século XIX e início do século XX, era esta destinada ainda a fins didáticos e moralizantes e as escolas reuniam contos e poemas em tons patrióticos e pedagogizantes. Cabia à criança, por meio dos textos literários, compreender as regras estabelecidas pela sociedade da época. Destinava-se muito pouco ou quase nada à autonomia e criatividade aos pequenos.

Após as obras de Monteiro Lobato, a partir de 1920, este cenário começa a mudar e a criança não é mais vista como um ser passivo. Na literatura lobatiana, a criança é um ser ativo, autônomo e produtor de cultura. Lobato apresenta novas formas de escrever para o público infantil que não deve ser confundido com infantilizado. Mistura em suas obras realidade e fantasia e retoma personagens folclóricos, misturando literatura erudita à popular. Assim também podemos perceber a literatura de Joel Rufino dos Santos.

A literatura para crianças e jovens de Joel Rufino dos Santos surge na década de 1970, na *Revista Recreio*, com o conto "Marinho, o Marinheiro" (1972). A narrativa fez parte de um dos discos da série "TABA" - Histórias e Músicas Brasileiras. Nesta obra, já podemos perceber do que se trataria a escrita rufiniana, uma vez que traz a história de um marinheiro que um dia resolveu usar na cabeça um pássaro, pintassilgo, no lugar de seu boné. Contrariando as regras, Marinho propõe a liberdade de expressão.

De lá para cá, conceitos como "liberdade" e "identidade" foram constantes em suas narrativas, assim como a presença de mitos africanos. Carregadas de oralidade, estas histórias contribuem com a aproximação da cultura e costumes de povos africanos. Em diferentes obras, Joel Rufino acrescenta fatos históricos à sua ficção, seja ambientando a trama num determinado período marcante da História, como o

1 Doutora em Literatura Brasileira - UFRJ. Diretora da Conversa Literária.

Contato: [www.cintiabarreto.com.br](http://www.cintiabarreto.com.br)

## Seção Roda

da Escravidão, seja trazendo como protagonistas personalidades importantes, mas esquecidas pelos livros didáticos. O compromisso do escritor e historiador é imbricar, muitas vezes, Literatura e História e conduzir o leitor a conhecer e refletir sobre certos acontecimentos que foram, durante muitos anos, alijados da História.

*O presente de Ossanha* (2006) retoma o período colonial da escravidão no Brasil e apresenta como protagonista uma criança escrava que foi comprada para brincar com o filho do dono de um engenho de açúcar, o menino Ricardo, nomeado na narrativa, ao contrário do protagonista que é chamado de “Moleque” apenas “porque tinham esquecido o seu nome” (OPO, 2006, p.3).

Isso posto, percebe-se, já no início da história, que, apesar de ser o escravo “coisificado”, é entorno dele que toda a trama acontece. Joel Rufino cumpre seu objetivo de dar visibilidade aos “esquecidos da história”. O ponto de vista rufiniano subverte a ordem das narrativas clássicas que secundarizam o negro, o escravo. Opostamente, Rufino o particulariza, mesmo apresentando os fatos tais quais surgiram no período histórico que se propôs descrever.

Inspirado em um conto de José Lins do Rego, Joel Rufino imprime sua marca transpondo, intertextualizando e apresentando um conto original que leva o leitor a pensar sobre comportamentos do período colonial. Valores como “amizade” e “liberdade” são trazidos à reflexão. O autor contextualiza a história no período da escravidão e não se esquivava de mostrar exatamente como funcionava o sistema. Em seu livro *A escravidão no Brasil* (2013), Joel, como historiador, define este sistema cruel que prevaleceu durante anos como relação de trabalho:

A escravidão, para começar, foi um mecanismo de tortura sistemático. Os patrões (senhores) eram proprietários do corpo dos trabalhadores (escravos). Para fazer render esse corpo, como uma máquina ou um boi, valia tudo, a começar pela tortura – que era legalizada e, mesmo quando não utilizada, pairava no ar como ameaça. (SANTOS, 2013, p. 15).

Em *O presente de Ossanha*, o autor apresenta à criança a historiografia do Brasil do Império e mostra como eram as relações de trabalho no Engenho. Ricardo, filho do Dono, afeiçoa-se ao Moleque e ambos, à revelia destas relações impostas, estabelecem uma verdadeira relação de amizade: “ – Esse moleque foi a melhor compra que eu já fiz, mulher! Olha nosso filho, como está feliz.” (OPO, 2006, p. 5).

Além da contextualização histórica brasileira, a cultura africana é inserida na narrativa por meio de elementos da religiosidade e da mitologia. Em seu dia de folga, o menino escravo foi ao mato para pegar passarinho e encontrou Ossanha: “Usava um cocar e um saiote de penas, mas não era índio. Sua pele era negra, quase azul. Não tinha uma perna e não tinha um olho, perdidos numa briga com Xangô.” (OPO, 2006, p. 7). Após esta aparição, o narrador, em terceira pessoa, apresenta a lenda de Ossanha, o guardião da floresta: “No começo de tudo, o criador, que se chama Olorum, tinha dado a cada filho uma parte do mundo. Para Ossanha deu a floresta: Você cuida das plantas...” (OPO, 2006, p.7). Outros elementos da cultura africana são

## Seção Roda

citados como “Xangô” e “Iansã”. A partir disso, Joel leva ao conhecimento do leitor mirim os valores dos povos africanos, ampliando o repertório cultural.

O título da obra surge no momento em que Orixá auxilia o Moleque na captura de um pássaro Cora, de canto raro. O “presente de Ossanha” é, assim, o pássaro encantado que atraiu o interesse de todos. O Moleque poderia comprar sua liberdade se quisesse vendê-lo, mas não queria vender seu presente. No entanto, a condição de escravo levou seu “Dono” a ameaçá-lo: “Se não me vender essa porcaria, te aplico os anjinhos. Anjinhos eram uns anezinhos de ferro para apertar os dedos. Doía como o diabo.” (OPO, 2006, p. 12).

Mais uma vez subvertendo a ordem cristalizada por uma sociedade escravagista, o autor escreve a fala mais comovente da narrativa: “ – Não vende, pai. Há tempos que o escravo sou eu. Eu é que dependo dele pra tudo. Não sei brincar sozinho.” (OPO, 2006, p.12). Ao humanizar a relação entre as crianças (branca e negra, escrava), o autor propõe outro olhar sobre a realidade vigente na época retratada. As relações humanas se tornam mais evidentes do que as de poder enfaticamente retratadas nos livros tradicionais de História. Joel lança uma lupa por meio da literatura para estas relações serem pensadas e repensadas hoje.

Ainda em seu livro de ensaio sobre escravidão, Joel Rufino afirma: “ A literatura é o caminho mais eficaz para se chegar ao miolo da escravidão, aí onde ela aparecerá como forma, ou padrão, de relações afetivas – afetivas no sentido genérico, incluindo o ódio – entre iguais e desiguais.” (SANTOS, 2013, p. 130). Acrescenta ainda: “A literatura de ficção trata, basicamente, do que é universal no homem, suas relações de família e parentesco – amores, ódios, invejas, rivalidades, crueldades e bondades.” (SANTOS, 2013, p. 130).

Apesar do apelo de Ricardo, seu pai vende o Moleque. O filho do dono de engenho ainda pensa que o Moleque iria alegre “pois tem o Cora. Eu fico triste, porque não tenho nada.” (OPO, 2006, p. 12). A constatação de Ricardo subverte as expectativas das relações da sociedade patriarcal. O autor evidencia, por meio do pensamento de Ricardo, que o que importa, de verdade, na vida não é o que se tem, mas o que se sente. A criança branca sente-se infeliz por não ter nem a amizade da criança negra, nem nada que fosse dela como tinha o menino negro o seu pássaro. Os valores sociais e afetivos são colocados em xeque por Joel Rufino, fazendo a criança leitora pensar o que realmente tem valor em suas vidas.

A narrativa rufiniana termina com uma grande lição de valor humanista, o da amizade: “No outro dia de manhã, quando se levantou e abriu a janela, o menino Ricardo teve uma surpresa. Do lado de fora tinha uma gaiola pendurada. Assim que viu o menino, o Cora começou a cantar.” (OPO, 2006, p. 14). Este momento epifânico revela a reciprocidade da amizade. Apesar de não ter voz ao final da narrativa, é por meio do gesto, da doação, do “presente de Ossanha”, que o menino negro tem seus sentimentos revelados. Nesta história, enfatiza-se que mais importante do que a sua própria liberdade o que o Moleque tinha de mais valor era a amizade.

## Seção Roda

Por fim, com esta história, é possível vivenciar a trajetória do negro no período colonial, mas passando por dentro de seus sentimentos, afetos, valores, enxergando-o como sujeito e não como objeto. É possível ainda conhecer a cultura afro-brasileira de forma poética, humanista. Com a leitura de Joel Rufino dos Santos, sentimo-nos convocados a também fazer algo para mudar o ângulo das lentes sociais e históricas em relação à presença do negro e de sua cultura. Após esta narrativa, somos chamados a ouvir ao fundo a voz do grande mestre e escritor Joel Rufino a nos dizer: “a Literatura torna-nos mais humanos”.

# "CONVITE AO ENCONTRO - RESGATANDO A NARRATIVA DE SI MESMO"

Thais Linhares<sup>1</sup>

Joel Rufino dos Santos foi para nós um exemplo de intelectual plenamente inserido no ritmo de seu tempo, fosse nos temerosos anos da Ditadura, fosse na nossa pueril Democracia, tantas vezes abortada antes de atingir seu pleno desenvolvimento. Independente disso, seu legado permanece e avança para além do presente. Há de se estudar e dialogar com seus livros, literatura, ensinamentos.

É de Joel, professor e amigo, que solicito ajuda para começar esse texto que, como verá, o levará até o ponto onde possa aceitar um convite, que sei, lhe será de grande agrado.

Ensinou-me o mestre, em sua fala gentil, sobre como construímos no Brasil determinado tipo de narrativa, proposta a partir de interesses de determinado grupo, e de como isso calou por muito tempo as vozes, a diversidade de vozes, que compõe as narrativas brasileiras.

A produção cultural, da dita “alta cultura”, tem lugar e dono. Os “escritores” brasileiros são, em sua maioria homens brancos, de classe média, moradores de áreas “nobres” de grandes centros urbanos. É assim nas redações dos telejornais, nos editoriais das revistas mais ricas, nos palcos do teatro, telas de cinema, nos tribunais, cartuns, quadrinhos e, enfim, na literatura, desde que os primeiros folhetins nos chegaram trazidos d’além-mar para deleite daqueles que podiam ler.

E como registrar suas próprias histórias, narrativas que conduzem a vida, se não se sabe ler?

É na literatura, entretanto, que a figura do pobre, invisibilizada na política e na economia, ganha protagonismo. O pobre é ali figurado, ganha contornos, cores, comportamentos.

Mas, o que é o “pobre” afinal?

É o iletrado? O marginalizado dos meios de produção? Qual a narrativa que construiu em nossas cabeças o que é “pobre”? Pobre, nas narrativas oficiais, é aquele que deseja, mas não pode, é fator de desestruturação da sociedade, em direta oposição à rica elite estruturadora. Por definição, os pobres são a classe perigosa.

Assim, coube aos escritores dos folhetins e seus herdeiros a reprodução de modelos sobre o que é o pobre, com ideias convenientes à dominação social. Cindindo também nas letras a sociedade em classes que se opõem, uma oprimindo, outra oprimida.

1 Diretora Adjunta do DDH - Instituto de Defensores de Direitos Humanos

## Seção Roda

Darcy Ribeiro definiu que há de fato dois tipos de intelectuais: o contente e o irado.

O primeiro gosta das coisas como estão. Aliena-se da dor daqueles cujo desejo é suprimido, aceita os privilégios de poucos, ganha sua vida assim. Não irá chiar a não ser que lhe doa em seus próprios privilégios de porta voz do status quo.

O segundo lamenta o sufocar das demandas do povo, se sensibiliza com as dores e sofreres de seus irmãos. Muitas vezes se engajará, colocando a risco a própria paz de espírito, quando não a saúde, para fazer sua parte naquilo que crê ser o caminho para uma sociedade mais generosa e justa.

Pode ser frustrante contrariar seu papel de propagador da ideologia dominante, mas também pode ser purificante.

Não são muitos, ainda hoje, intelectuais que fujam ao seu papel de extratificadores de classes. Que rompam com o paternalismo intelectual de uma classe sobre outra. Mas, de quando em vez, sairá do mundo dos pobres, um porta-voz que coloca por terra as barreiras das elites. Foi assim com Patativa do Assaré. Não se dobrou às normas “de cima”, pelo contrário, fez as suas e as impôs pela força de suas narrativas.

Daí ficamos a definir o que é um “intelectual”.

Intelectual é aquele que, sendo de determinado grupo social, fala de seu grupo para a sociedade. Ao mesmo tempo, ele estabelece para seu grupo determinadas normas de conduta, tendo também uma função pedagógica: representa externamente seu grupo, e educa internamente o mesmo.

A este Gramsky chamou de “intelectual orgânico”.

Uma das dificuldades, para a abertura de espaço para os intelectuais do povo, é que, até bem pouco tempo, os meios de produção e divulgação de arte eram caros, detidos nas mãos de poucos. Assim, a elite, dona dos jornais, gravadoras, escolas, reproduzia para o consumo geral a sua própria narrativa hegemônica.

Os intelectuais que emergem dos círculos populares, agora, têm melhor acesso aos meios. Seja pela internet ou pelas políticas públicas do último período político, nas rádios comunitárias, agora vemos e ouvimos um proliferar de vozes, centenas de milhares, que na verdade sempre estiveram por lá.

Nunca, em toda a cidade do Rio de Janeiro, ouviram-se tantos saraus, rodas de samba, oficinas literárias, feiras de trocas de zines. Da rua à rede e desta de volta à rua, o que vemos é uma ocupação das vias, por parte daqueles que têm muito a expressar e quebrar na narrativa hegemônica.

Quando nos prendemos a uma só história, destruimos a possibilidade de conhecimento do outro. Caímos na armadilha do “pobre” do folhetim, do “outro” onde não nos reconhecemos, simplesmente porque nunca tivemos acesso a nenhuma outra narrativa ao seu respeito, a não ser aquela única, alienante, que nos torna opositores entre nós.

Saber das demais histórias de alguém é trazê-lo para perto de si.

Não é por acaso que uma das formas de dominar uma população é impedindo o seu acesso a outras narrativas que não a imposta pela classe dominante.

Assim, todos somos postos a ver a mesma novela, o mesmo telejornal, o mesmo

## Seção Roda

ensino de banco de escola do pensamento único, sem o qual não se lançariam povos em guerras, ou se faria possível matar a um irmão.

A violência se alimenta da alienação, em todos os seus níveis. Desumanizar, negar direitos iguais, é a forma como se prepara o campo para violar seu semelhante.

Foi seguido a um período traumático de extrema alienação de valores humanitários que se produziu a Declaração Universal dos Direitos Humanos (10 de dezembro de 1948). Nela incluem-se, em seus trinta artigos, aqueles que protegem expressamente o direito à diversidade de narrativas, seja aos autores, propagadores ou fruidores. A saber:

### Artigo 7

Todos são iguais perante a lei e tem direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos tem direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

Não se pode diminuir uma pessoa, através de discursos preconceituosos, negando sua condição humana. Entretanto, vemos, em discursos políticos, religiosos e até mesmo em projetos educativos, palavras ou propostas que violam esse direito essencial.

### Artigo 19

Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras.

Enquanto não tivermos acesso amplo e democrático dos meios de comunicação, este direito irá permanecer incompleto. Com a Internet avançou-se, mas ainda não chegamos a um ponto justo. Ataques ao Marco Zero da Internet, monopólios midiáticos, a pauperização de aparelhos públicos culturais e educacionais são no momento as maiores faltas.

### Artigo 26.....

I) Toda pessoa tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnica profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, está baseada no mérito.

II) A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.....

III) Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

## Seção Roda

Entretanto, ainda não vimos no país um real esforço pela democratização do ensino. Seguimos enfrentando políticas de sucateamento, com grande interferência de grupos privados que visam tornar o direito humano à educação em mercadoria para lucro de poucos em detrimento da necessidade de muitos.

Artigo 27.....

I) Toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de fruir de seus benefícios.....

II) Toda pessoa tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor.

Aqui falamos de direitos autorais, estes que devem atender tanto ao público quanto ao criador da obra artística. Quando interagimos com as artes, é preciso ter em mente suas funções sociais. Elas devem se fazer acessíveis, têm valor de registro de sua época, é direito do público saber a quem creditar a obra e é direito de quem a cria ter seus valores morais e materiais salvaguardados.

Repare que nenhum destes parágrafos especifica o que é cultura, ou o que é melhor ou pior em termos de artes e manifestações culturais.

O que temos como “cultura” é uma construção de determinada época, região, e tem intenção ideológica nela. Ou seja: a cultura não é um conceito absoluto. Aliás, devemos nos acostumar a questionar sempre o que nos é dado como dogma, como determinado, como ideia única, como única história.

É preciso aprender a desconstruir narrativas que nos chegam cristalizadas, para se aproximar do que há de original em determinado tema.

Definimo-nos em oposição ao outro. Assim, a mulher se define em oposição ao homem – que hegemoniza a cultura a partir de seu ponto de vista. E o negro se define em face ao branco que, da mesma forma, dominou as narrativas. O negro é contado a partir do centro branco, masculino, heterossexual e rico.

De sua ilha de privilégio, não cabe ao homem, branco, hetero e rico, romper com as estruturas opressoras de narrativas. Ele está cego em sua posição, sob holofotes que o perseguem desde o dia em que nasceu, quiçá até antes. Caberá àquelas e àqueles que tiveram seu protagonismo suprimido libertar o mundo da narrativa hegemônica, do discurso alienante. Simplesmente porque, apenas elas e eles têm o que é necessário: suas próprias narrativas. São as histórias das periferias, de quem lutou pelo direito de viver, sobreviver, da poesia das quebradas, da música marginal, dos ranchos, dos toques dos atabaques, das vielas, das celas, dos cárceres, dos abrigos, dos hospícios, dos campos, dos cantos dos amordaçados de um país onde cada cabeça pode propor um novo universo.

Nós, humanos, somos construídos pelas narrativas das quais dispomos. Com elas nos definimos. A religião é uma narrativa, a forma como lidamos com nossos familiares também, nossas crenças no que é bom de se comer, falar são histórias que “colaram” em nós. Sociedades são construídas, através dos pontos em comum das narrativas de seus membros. Mesmo a história oficial de um povo não é mais do que uma narrativa única,



## Seção Roda

incompleta, alienante do que foi o real daquelas pessoas que nos precederam. Não à toa, Joel Rufino escreveu seus tomos onde resgatou as narrativas de nossa história do Brasil contada por classes nunca antes ouvidas, e não à toa, teve sua obra destruída e foi cassado pelo governo militar da Ditadura que, mais que tudo, só pode dominar suprimindo violentamente todas as narrativas que não a sua.

E de onde vêm essas narrativas?

Vêm de nossos pais, da avó que contava a história antes de dormir, dos “causos” contados à mesa de jantar ou na roda de viola, da fofoca das vizinhas, da novela das oito, do âncora engravatado do jornal nacional, dos filmes blockbusters estrangeiros monopolizando as telas dos cinemas.....

Elas nos definem e não é fácil resistir a elas, especialmente quando se é uma criança. Narrativas nos conformam ou revoltam, dependendo de quem a conta. Podem domar os desejos e manter um país inteiro sujeito a condições péssimas para seu povo, porque o fizeram crer que tem de ser assim, mas também podem despertar consciências e uma crítica lúcida sobre o porquê do estado das coisas que nos oprimem.

Uma das narrativas mais perigosas que podem nos imprimir é a de que somos inimigos. Pense em alguém, qualquer pessoa, que de alguma forma lhe inspira raiva ou repulsa. Pense em como se formou esse sentimento em você. Foi alguém que lhe ensinou ou algo que leu? Foi esta pessoa que lhe fez ou falou algo rude? De qualquer forma, o quanto sabe a respeito desta pessoa que justifique a encarar como um inimigo e não uma igual? Em outras palavras, quais foram as narrativas sobre ela a que teve acesso?

Alienar-se do outro é negar suas outras narrativas. Conhecê-las é se aproximar, humanizar. Mesmo o pior dos inimigos tem em si um conto de afeto, de ternura. Compreender é abrir possibilidade de se conviver, de respeito mútuo.

Portanto, se pretendemos uma sociedade pacífica, justa e harmoniosa, é urgente que se inicie tornando possível que todos possam contar suas próprias histórias e o que é mais importante de tudo: serem ouvidos.

Meu convite, portanto, é esse: vamos nos organizar de forma a que isso aconteça aqui entre nós?

# ESCOLARIZAÇÃO NA HISTÓRIA DO DEGASE: um processo em construção<sup>1</sup>

Prof. Raul Japiassu Câmara<sup>2</sup>

## 1- UM POUCO DE HISTÓRIA: NA BUSCA DA DESVALORIZAÇÃO DA ESCOLA EM MEIO PENAL

O processo de escolarização no DEGASE (Departamento de Ações Socioeducativas) confunde-se não apenas com a trajetória histórica desta instituição, mas também com a negação do alcance deste direito ao longo de nossa História. Buscaremos, assim, relatar o processo de institucionalização de adolescentes em conflito com a lei e o projeto de reintegrá-los à vida social, podendo estar presentes, em alguns momentos, sinais de escolarização.

Tratando-se da cidade do Rio de Janeiro, podemos estabelecer um marco inicial deste processo de escolarização para o público apreendido: 1850. Ano em que se inaugurou nossa primeira “Casa de Correção”. Obra que se alongou por muitos anos e dispêndios monetários. Ambição que centralizou os condenados maiores e menores de idade em um mesmo espaço, o que favoreceu à burocracia estatal e forneceu uma maior amplitude visual aos súditos do poder Imperial.

Verifica-se que no “Regulamento” deste novo cárcere, composto de cento e sessenta e oito artigos, foi reservado apenas o artigo 167 a fim de demonstrar alguma preocupação com a escolaridade: “criar-se-há logo que for possível em cada uma das divisões da casa de correção uma escola, onde se ensinará aos presos a ler e a escrever, e as quatro operações de arithmetica”<sup>3</sup>.

Nota-se que, através de um relatório após uma “visita de inspeção”<sup>4</sup> a este presídio, consta que a “escola” funcionou de forma parcial. Mesmo recém-inaugurada, não foram planejadas salas de aula nem tampouco professores do Estado deslocados para a função. Utilizava-se a capela da unidade e as lições eram ministradas, três

1 Aula ministrada em 16/10/2016, na Escola Socioeducativa, no curso “Representação do Negro na Sociedade Brasileira”, organizado pelo NEAB-ND (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros do Novo DEGASE).

2 Ingressou em 2001 no DEGASE no cargo de Professor I de História, lecionou por onze anos no C.E Gildo Candido da Silva, no interior do Educandário Santo Expedito (ESE). Desde 2012 exerce a função de pesquisador do CEDOM (Centro de Documentação e Memória) integrando a equipe da ASIST (Acessoria de Sistematização). Atualmente aluno do Mestrado de Educação da UFRJ.

3 “Correio Mercantil”, 24/08/1850, sábado, 1ª pág.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/3751>. Acesso em: 05/05/2017, às 16:21h.

4 “Relatorio da Commissão Inspector da Casa de Correção da Corte”. Biblioteca Nacional (BN) setor de periódicos.

## Seção Roda

vezes por semana, pelo padre, a fim de aumentar seus proventos em uma dupla jornada de trabalho. Comprovou-se baixa frequência às aulas, talvez devido à filosofia penal introduzida – “auberiano”<sup>5</sup> –, que consistia na tríade “disciplina, silêncio e trabalho” (SILVA, p.109, 1997). Excluindo a “educação escolar” como prática naquele espaço de confinamento.

A sociedade aristocrática escravista relegava seus condenados judiciais, independente da idade, ao trabalho forçado com o intuito de substituir a mão de obra cativa, que nos anos 1850, vislumbrava seu desgaste, já com leis que extinguiram o “tráfico negreiro”<sup>6</sup> e limitaram o “acesso à terra”<sup>7</sup>. Neste sentido, o “método auberiano”, importado dos estados Unidos da América, encontrou terreno fértil em terras *brasilis*: delineou que apenas o trabalho reintegraria os condenados judiciais à sociedade, reservando a escolarização ao plano secundário àquele público, independente da idade.

Após alguns anos de inaugurada a “Casa de Correção”, decidiu o governo do Império do Brasil separar os ditos menores dos maiores de idade. Criou o “Instituto dos Menores Artesãos”, com pouca duração, sendo a instituição fechada em 1865 e os internos “entregues ao ministério da guerra ou da marinha, para serem aplicados convenientemente”<sup>8</sup>, ou seja, incorporados ao Exército para lutarem nos campos de batalha do Paraguai. Esse foi o destino de grande parte dos “menores” aprisionados no Império do Brasil. Ou conduzidos às colônias agrícolas no interior das províncias para o trabalho forçado.

## 2- A REPÚBLICA: A “CURA” PELO TRABALHO BRAÇAL E AS CRÍTICAS ÀS GRANDES INSTITUIÇÕES.

Em tempos republicanos, o novo regime aspirou “afastar-se” das decisões tomadas no Império, com o desígnio de demonstrar maior racionalidade administrativa. Também inaugurou novas “Casas de Correções”, com semelhante objetivo: abrigar “menores” com trabalho agrícola, porém o desejo principal era afastá-los dos “maiores” de idade. Seria o tratamento para que estes indivíduos livrassem-se do “vício da delinquência”. Conforme descreve uma matéria de jornal: “Taes colônias serão verdadeiras escolas de trabalho e regeneração para os menores orphãos e sem amparo, que vivem por ahi ao Deus dará enchendo as ruas das cidades e entregando-se á pratica de todos os delictos”<sup>9</sup>. Característica de continuidade do período anterior no tratamento à infância.

5 “Surgiu em 1821, na cidade de Nova York, na prisão de Arbuton, daí o seu nome. A diferença marcante deste sistema para o pensilvânico foi a adoção do trabalho como objeto regenerador do indivíduo”. Vide: OLIVEIRA, Fernanda Amaral. Os modelos penitenciários no século XIX. p.5.

Disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo-6-a-1.pdf>. Acesso em: 16/05/2017 às 07:57h.

6 A “Lei Eusébio de Queiroz”, nº 581, de 4 de setembro de 1850, Tomo II, parte I, pp. 203-205. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1852. Reprimiu duramente a importação de escravos, que já se encontrava proibida desde 1831, vislumbrava-se que em um futuro próximo estaria o fim da utilização desta força de trabalho no Brasil.

7 A Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, a “Lei de Terras” traz que as terras devolutas somente seriam adquiridas pelo título de “compra”, dificultando o acesso aos meios de produção aos trabalhadores, ficando estes dependentes do latifúndio.

8 “Correio Mercantil”, 07/09/1865, quinta-feira, p.3.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/25230>. Acesso em: 08/05/2017, às 13h26.

9 “O Pharol”, 05/10/1923, sexta-feira, 1ª p.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/258822/40416>. Acesso em: 08/05/2017, às 15:40h.

## Seção Roda

Assim, seguindo a lógica do trabalho regenerador, a partir dos anos 1930, com Getúlio Vargas no poder, foram criados, com o objetivo de “depósito de menores”, duas instituições: o ISS (Instituto Sete de Setembro<sup>10</sup>), em 1932, e o SAM (Serviço de Assistência ao Menor<sup>11</sup>), em 1942. Somente em 1964, coincidindo com a ditadura civil-militar, foi criada a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM<sup>12</sup>).

Instituições afastadas pelo tempo – ISS, SAM e FUNABEM – tiveram vários pontos em comum: vinculadas ao Poder Executivo Federal; intensa centralização burocrático-administrativa; nascidas de governos autoritários. Internavam-se “menores abandonados”, que vagavam pelas ruas, “carentiados”, a pedido da família com a promessa do governo de receberem uma educação exemplar, e os “delinquentes”, que, julgados pelo Juiz de Menores, eram internados de forma compulsória. Em comum entre eles o fato de que eram “filhos da pobreza” e que o Estado desejava “educá-los”, institucionalizando-os em massa.

As críticas recebidas ao longo de suas histórias também coincidiram. Instituições comparadas a “campos de concentração”, onde práticas de tortura eram comuns, provocando fugas e rebeliões constantes. No aspecto da educação escolar, ainda se enfatizava apenas a alfabetização para os “delinquentes”, a fim de que pudessem exercer atividades braçais. Para os “carentiados” e “abandonados”, ofereciam-se poucas bolsas de estudo em escolas particulares com que a União mantinha convênio, a grande massa era apenas preparada para exercer pesadas atividades laborais, agrícolas ou nas nascentes fábricas, com a mínima exigência da educação escolar.

Apenas na década de 1980, com a oposição ao regime político autoritário, organizou-se, em 1988, uma Constituição Federal que regeeria vários aspectos da sociedade. Previu-se a elaboração de uma legislação especial, a fim de regular uma nova relação do Estado com este “menor”. Assim, em 1990, foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA<sup>13</sup>) não mais o compreendendo como pessoa de “menor” direito, mas como “sujeito de direitos”, também enfatizando o aspecto formativo da educação escolar em meio à privação de liberdade<sup>14</sup>.

A Constituição Federal e o ECA transferem ao ente federativo estadual a responsabilidade administrativa sobre todas as instituições que até aquele momento guardavam “menores”. Assim, em uma das suas primeiras medidas, o presidente Collor de Mello, em abril de 1990, extingue a FUNABEM e cria a FCBIA (Fundação Centro Brasileiro da Infância e Adolescência), com o intuito de iniciar o processo de estadualização.

A União passa a assumir a competência normativa e de fiscalização das políticas institucionais. Porém, todas as unidades seriam mantidas com recursos financeiros dos estados, os quais se responsabilizariam pela obrigatoriedade em manter escolas

10 Criado pelo Decreto 21.518, de 13 de junho de 1932 – Aprova o regulamento do Instituto Sete de Setembro e reorganizado pelo Decreto-Lei n. 1.797, de 23 de novembro de 1939.

11 O Decreto-Lei 3.799, de 5 de novembro de 1941 – Transforma o Instituto Sete de Setembro em Serviço de Assistência a Menores e dá outras providências.

12 A Lei 4.513, de 1º de dezembro de 1964 – Autoriza o Poder Executivo a criar a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, a ela incorporado o patrimônio e as atribuições do Serviço de Assistência a Menores, e dá outras providências.

13 Lei 8.069 de 13/07/1990.

14 O art. 57 do ECA “insta o poder público a estimular pesquisas, experiências e novas propostas relativas a calendário, seriação e currículo, metodologia, didática e avaliação, com vistas à inserção de crianças e adolescentes excluídos do ensino fundamental obrigatório” (VOLPI, Mário, 2015, p.44).

no interior das mesmas, além de estabelecer práticas de atendimento tanto ao público privado de liberdade, em semiliberdade e, neste período, também os jovens em liberdade assistida.

### 3- O DEGASE E A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

No caso do estado do Rio de Janeiro, a estadualização deu-se apenas em 1993 com a criação do DEGASE<sup>15</sup>. Porém, sem recursos financeiros destinados à manutenção das unidades de internação, estas ficaram sob a responsabilidade da União. Somente em agosto de 1994, a Secretaria Estadual de Justiça (SJU), à qual o DEGASE vinculava-se, organizou seu primeiro concurso público, formando seu quadro funcional. Assumiu, a partir de setembro deste ano, todas as unidades do estado, porém de forma precária pela escassez de verbas para este setor. Fato que provocou inúmeras crises de 1994 ao ano 2000. Inclusive com denúncias do DEGASE aos organismos internacionais de Direitos Humanos.

No plano pedagógico, o edital do concurso de 1994 do DEGASE, estabeleceu doze vagas para docência: seis para Artes, divididas em duas vagas para a cada modalidade (Cênicas, Música e Artes Plásticas) e seis para Educação Física. Paralelo a este processo, a Secretaria Estadual de Educação (SEE) convocou professores I e II para lecionarem nas unidades de internação na Ilha do Governador. Ou seja, dois grupos distintos de professores ingressam a princípio no DEGASE.

Vale lembrar que os Colégios Estaduais Padre Carlos Leôncio da Silva, Candeia e Luíza Mahin, no interior das unidades de internação IPS (Instituto Padre Severino), EJLA (Escola João Luiz Alves) e na época, ESD (Escola Santos Dumont), respectivamente, foram criados em 1994<sup>16</sup>, porém sem o envio de direção, coordenação pedagógica e pessoal de apoio. Havia apenas professores recém-chegados que se organizaram a fim de fornecer “atendimento pedagógico” aos(as) internos(as), sem nenhuma estrutura escolar, existente apenas nas páginas do Diário Oficial. Tais professores por lá permaneceram por longos seis anos.

A organização deu-se de forma distinta nestes grupos docentes. A princípio os dezoito professores originários da SEE concentraram-se na EJLA, pois inexistia na prática o Colégio Estadual Candeia. Algumas professoras foram deslocadas à ESD, mas logo retornaram à EJLA. Quando esta unidade foi fechada para obras por motivo de um incêndio em 1997, 150 adolescentes foram transferidos para o presídio Muniz Sodré, atual ESE (Educandário Santo Expedito). Professores também acompanharam este movimento. Retornando aos poucos, em 1998, às unidades da Ilha do Governador (IPS, EJLA e ESD).

Já os professores oriundos do concurso de 1994 do DEGASE foram lotados no IPS e na EJLA, ficando sob a supervisão das pedagogas destas unidades. Trabalharam

15 O Decreto nº 18.493 de 26/01/1993 - cria, sem aumento de despesas, na estrutura básica da Secretaria de Estado de Justiça, o Departamento-Geral de Ações Sócio-Educativa - DEGASE. (Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Poder Executivo, 27/01/1993, ano XIX, nº 17, Parte I, pp.4-7.

16 O Dec. 20.581 de 28/09/1994, publicado no Diário Oficial do RJ em 29 de setembro de 1994 - Cria os Colégios Estaduais no interior das unidades de internação do DEGASE.

## Seção Roda

conjuntamente sob a forma de “projetos integrados”, principalmente no IPS onde os adolescentes permaneciam por quarenta e cinco dias, máximo previsto para a internação provisória.

Assim, o processo de escolarização desenvolveu-se sob três vertentes pedagógicas:

- Professores e demais servidores do DEGASE, responsáveis pelos projetos das artes cênica, plástica e música, também com a participação de musicoterapia. Agentes educacionais organizavam oficinas de origami, sala de leitura, religião, reforço escolar, horta, confecção de vassouras e algumas palestras com temas envolvendo a prevenção de doenças e do esclarecimento do ECA, com a participação de juízes ou de defensores públicos.

- Professores originários da SEE, 9 Professores I e 9 Professores II que, sem auxílio pedagógico, atendiam os meninos na EJLA, apenas supervisionados por um agente educacional responsável por conduzi-los à “escola”. Na ESD estes professores eram orientados pelo professor Gelson. Elaboravam um teste diagnóstico a fim de introduzir o(a) adolescente em turmas de forma multiseriada, pela escassez de professores para o atendimento. Em 1998, havia apenas 16 professores, ano em que o DEGASE realizou novo concurso prevendo 47 novas vagas, 26 PI e 21 PII. Deste total, apenas 28 foram empossados de 2000, quando os primeiros professores foram convocados, até 2002.

- A terceira inserção no processo de escolarização no DEGASE deu-se através dos professores de Educação Física, disciplina de intersecção entre os grupos, pois em alguns casos realizavam trabalhos em comum, utilizando-se dos mesmos espaços (quadras, campos, piscinas, pátios e salas de aula para jogos de tabuleiro). Foi a disciplina que recebeu a maior quantidade de professores, 11 concursados pelo DEGASE e 3 pela SEE a partir de 1994, totalizando 14 docentes. Talvez por este motivo no concurso de 1998 não foram oferecidas vagas para esta matéria, importante no aspecto de socialização dos jovens nos espaços de privação de liberdade.

No aspecto temporal, o processo de escolarização apresentou três períodos fundamentais. O primeiro de 1994 a 2000 que se deu através da admissão de professores nas unidades de internação, mesmo originários de grupos distintos. Estes efetuaram um atendimento pedagógico centrado em projetos de integração das artes, da educação física e das aulas das disciplinas escolares tradicionais. Em ambos os grupos, mesmo limitados pela escassez de professores, tem-se o momento da “escola embrionária”: difusa, individualizada na prática pedagógica do professor com estes se adaptando ao cotidiano das unidades de internação.

Outro período foi de 2000 a 2008, com a chegada dos diretores das escolas. Não só forneceu maior visibilidade aos espaços de “atendimento pedagógico”, como eram denominados nos diversos “livros de ocorrência”, mas também os formalizou na representação do cargo de diretor, de um corpo administrativo e no aumento do número de professores – vindos com as direções provenientes da SEEDUC e com a posse de novos docentes do DEGASE, concursados em 1998. A escola passou assim a obedecer aos formalismos convencionais e burocráticos (grade de horário das diversas

## Seção Roda

disciplinas, tempos de aula, conteúdos sistemáticos, seriação, avaliação, fornecimento de declaração e histórico escolar, projeto político pedagógico etc.). Aos poucos reduz a mentalidade do encarceramento com a delimitação do espaço escolar, estabelecida no intramuros, onde “adolescentes que infringiram a lei penal” são reconhecidos como alunos. Sendo um marco no processo de ressocialização.

Vale ressaltar que em 2001 ampliou-se o processo de escolarização formal no DEGASE, com mais dois colégios estaduais inaugurados<sup>17</sup>: Gildo Candido da Silva e Barbosa Lima Sobrinho, no interior do Educandário Santo Expedito (ESE) e do Centro de Atendimento Intensivo da Baixada (CAI-Baixada).

O terceiro momento pode ser estabelecido de 2008 até os dias atuais, quando o DEGASE passa a integrar a SEEDUC (Secretaria Estadual de Educação). Houve avanços no sentido de que, após percorrer doze Secretarias de Governo desde sua fundação, produziu-se a ideia de um *não lugar*<sup>18</sup> para o DEGASE. Não se criou uma identidade institucional, neste sentido, persistiu a mentalidade penitenciária ao enxergar a escola como um corpo estranho no interior de uma unidade internação compulsória. Porém, quando DEGASE e colégios encontram-se na Secretaria de Educação, fortaleceu-se o processo de escolarização elegendo-a como uma das principais vias para que adolescentes sejam reinseridos no meio social pela porta de sua escolaridade interrompida, possivelmente restabelecida no interior da unidade de internação onde cumpria Medida Socioeducativa.

Vale ressaltar que este processo de escolarização ainda se encontra em construção. Porém, admitimos neste trabalho que, da fundação do DEGASE aos dias atuais, obteve-se progresso: das escolas fictícias das páginas do Diário Oficial, à sua efetivação administrativa em que todos os servidores do DEGASE e dos colégios encontram-se incluídos na Secretaria de Educação, sob a mesma diretriz. Fortaleceu-se a construção de uma identidade institucional no processo socioeducativo, como: “modalidade de ação educativa destinada a preparar os adolescentes para o convívio social no marco da legalidade e da moralidade socialmente aceitas, como forma de assegurar sua efetiva e plena socialização” (COSTA, 2006, p.10).

A garantia da frequência escolar apresenta-se como espaço primordial nesta construção socioeducativa. Não apenas “para ocupá-los o maior tempo possível”, mas criar condições de socialização para que adolescentes reencontrem seus bancos escolares esquecidos quando retornarem à vida comunitária.

17 Criados pelo Decreto nº 29.218 de 14/09/2001 publicado no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Poder Executivo, 17/09/2001, ano XXVII, nº 176, Parte I, p.26.

18 SOUZA (p.57, 2013) interpreta este “*não lugar*” do DEGASE, pela “ambiguidade de sua história que, particularmente, tem se constituído através de sua passagem por pelo menos 12 Secretarias de Estado; o que lhes provocaria um tipo de prática ambígua, confusa e indefinida”.

### REFERÊNCIAS:

Coleção das Leis do Império do Brasil (1852). “Lei Eusébio de Queiroz”, nº 581, de 4 de setembro de 1850, Tomo II, parte I, pp. 203-205. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1852.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. Socioeducação: Estrutura e Funcionamento da Comunidade Educativa. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.

Disponível em: [file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/Socioeducacao%20\(pol%C3%ADtica%20p%C3%ABlica\).pdf](file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/Socioeducacao%20(pol%C3%ADtica%20p%C3%ABlica).pdf) Acesso em: 16.05.2017, às 10:14h.

OLIVEIRA, Fernanda Amaral. Os modelos penitenciários no século XIX. Disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo-6-a-1.pdf>. Acesso em: 16/05/2017 às 07:57h.

SILVA, Mozart Linhares da. Do império da lei às grades da cidade. Coleção História, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SOUZA, Patrícia L.C. de. Trajetórias sociais e profissionais: A ambiguidade identitária dos Agentes no Departamento Geral de Ações Socioeducativas do Rio de Janeiro (DEGASE). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miriam Waidenfeld Chaves. Rio de Janeiro, Junho de 2013. Disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/dpatlaurindo.pdf> Acesso em: 04/01/2016 às 12:46h.

VOLPI, Mario (org.). O adolescente e o ato infracional. São Paulo: Cortez, 2015.



# RESISTÊNCIA AFRO-CARIOCA ATRAVÉS DO SAMBA: lições para a socioeducação

Marcos Antonio da Costa<sup>1</sup>

Samba, eterno delírio do compositor  
Que nasce da alma, sem pele, sem cor  
Com simplicidade, não sendo vulgar  
Fazendo da nossa alegria, seu habitat natural  
O samba floresce do fundo do nosso quintal  
(Fundo de Quintal)

Esse artigo originou-se da aula ministrada no II Curso de Relações Raciais, oferecido pelo NEAB-ND, cujo tema foi *Samba e Resistência Afro-carioca*. Partindo de suas origens, buscaremos relacionar o gênero samba com o processo de integração do negro à sociedade brasileira com todas as suas contradições inerentes à necessidade de mediação entre os diferentes estratos sociais e a superação da herança escravista, horizonte ainda a ser alcançado pelos afro-brasileiros.

## 1- É DANDO QUE SE RECEBE...

A primeira vez que se leu a palavra samba em uma publicação foi no jornal *O Capuaceiro*, de 1872. No entanto, não há um consenso sobre a origem etimológica da palavra. A junção de SAM, dar, e MBA, receber, são as explicações mais consensuais, porém Nei Lopes (LOPES, 2003) afirma ser o vocábulo de origem do Banto *di-semba*, o que significa brincar cabriolar.

Uma forte migração de negros baianos bota dendê no efervescente caldo cultural de uma cidade cada vez mais ligada aos ideais civilizatórios, emanados dos centros mundiais. Na paisagem da cidade, pontilham as negras baianas, vendendo os seus quitutes em tabuleiros.

A mais famosa dessas baianas foi Tia Ciata, cuja casa ficava nos arredores da Praça Onze. Foi ali que surgiu o samba *Pelo Telefone*, que seria mais tarde gravado pelo cantor Baiano. Na verdade, o *Pelo Telefone* é uma junção de quadras decoradas que foram apropriadas por Donga e Mauro de Almeida, frequentadores assíduos das “reuniões” da casa da negra baiana. A Praça Onze era a capital da Pequena África,

1 Professor de Geografia do Colégio Pedro II e DEGASE. Mestre em Educação pela UFRJ. e-mail: marcoscarol@uol.com.br

## Seção Roda

como assim denominou o compositor e artista plástico Heitor dos Prazeres o território que ia desde o porto e até a Cidade Nova, em função da presença negra (brasileiros e africanos). Sua casa era protegida de invasões policiais em função da relação de sua proprietária e seu marido com as autoridades governamentais. Conta-se inclusive que a personagem foi responsável pela cura do presidente da República Wenceslau Brás (governou entre 1914 e 1918) com seus unguentos milagrosos. Portanto, era o lugar ideal para que a comunidade negra preservasse a sua cultura e se protegesse da perseguição policial à religião e aos sambistas.

Porém, no final dos anos vinte, um novo estilo de samba estava se desenvolvendo. Era o samba para sambar (bumbumpaticumbumprucurundum!) dos compositores do Estácio. Com a dificuldade de realizar o cortejo das escolas de samba com os sambas-amaxixados, os sambistas do Estácio desenvolveram uma nova rítmica que revolucionou o estilo. Esses sambistas reuniam-se em um bar próximo à Escola Normal, no Largo do Estácio. Essa é uma das explicações para o surgimento da denominação “escolas de samba” para as novas agremiações carnavalescas. José Ramos Tinhorão (TINHORÃO, s/d) nos dá uma razão para o desenvolvimento das escolas de samba: organizar-se para serem aceitos no carnaval, evitando os conflitos que acabavam em mortes e em perseguição da polícia. Ou seja, a malandragem era deixar de ser malandro... Um dos mais importantes compositores desse grupo foi Ismael Silva, autor do famoso samba *Antonico*. Foi esse estilo de samba que dominou o cenário musical, atraiu as gravadoras e transformou-se no representante cultural do Brasil a partir dos anos de 1930, com destaque para a política de boa vizinhança com os Estados Unidos (TINHORÃO, op.cit).

O que ouvimos em discos de Paulinho da Viola, Martinho da Vila, Fundo de Quintal, Zeca Pagodinho, Leci Brandão, Ivone Lara e muitos outros/as são apanhados de várias influências que remontam ora as origens primitivas, ora aos diversos tipos de samba rural, ora com uma linguagem mais moderna e comercial.

## 2 - QUEM TRABALHA É QUEM TEM

Quem é das “antigas” deve se lembrar das prisões por vadiagem que existiam até bem pouco tempo em nosso país. Quem não andava com a carteira de trabalho assinada no bolso corria o risco de ser preso para averiguações. E os suspeitos sempre foram os “homens de cor” ou portadores da atualíssima “cor padrão”.

Após a proclamação da República, seguiu-se um novo Código Penal (1890) que continha alguns dispositivos que visavam conter grupos ou maltas de capoeiristas, por exemplo, e retirar das ruas malandros e vadios, com um claro objetivo de controle social da população negra pós-abolição da escravatura.

Sabemos que as condições da Abolição foram extremamente desfavoráveis para o negro brasileiro. A decadência das principais lavouras no Rio de Janeiro e a disputa com a mão de obra imigrante pelos empregos na nascente indústria são responsáveis pelo desemprego e subemprego da população negra que ainda teria que lutar por

## Seção Roda

educação e formação profissional em meio urbano (IANNI, 1972). Diversos sambas exaltam as condições de penúria ou a condição de malandro que vive de pequenos expedientes para sobreviver, como os jogos de azar, os golpes nos otários ou ter uma “mina” na zona. Em *Cabide de Mulambo*, João da Baiana expõe em tom irônico a situação financeira e a quase mendicância dessa importante parcela da população no início do século XX e que, em certa medida, permanece nos dias de hoje:

Meu Deus eu ando com o sapato furado  
Tenho uma mania de andar esfarrapado  
A minha cama é um pedaço de esteira  
E uma lata velha que me serve de cadeira  
(*Cabide de Mulambo*, 1932, João Baiana)

O compositor portelense Candeia evoca as consequências do desemprego na vida do negro carioca. A miséria e o jogo de azar passam a dominar a vida de moradores das favelas num círculo sem fim até levar ao processo de anomia e, não como regra, criminalização ou formas ilegais de sobrevivência, como o jogo do bicho ou o tráfico de drogas.

O crioulo no morro está invocado  
O crioulo no morro está no miserê  
Desce o morro, não encontra trabalho  
(Então volta pro baralho!)  
Nem encontra o feijão pra comer  
(*O Invocado*, Casquinha, 1978)

A malandragem também pode ser estudada pelo ponto de vista da resistência às formas de inclusão do negro no mundo do trabalho urbano e industrial.

### 3 - O SAMBA AGONIZA, MAS NÃO MORRE

A indústria fonográfica, cada vez mais internacionalizada, encontra nos movimentos de juventude um “maná” para o lançamento de jovens artistas, geralmente ligados ao nascente Rock ‘n Roll, originado dos Estados Unidos.

O Rock ‘n Roll chega rápido ao país no final dos anos 50. Guitarras, sintetizadores, bateria, contrabaixo elétrico em pouco tempo são empunhados por diversos grupos musicais que tocam o novo estilo musical.

Por outro lado, outro movimento sofisticava o samba com harmonias mais elaboradas, sem o uso de instrumentos rítmicos tradicionais: a Bossa Nova. O marco desse novo estilo de samba é o LP lançado em 1958 por João Gilberto, o *Chega de Saudade*. O jeito de tocar e cantar de João Gilberto logo é seguido por outros intérpretes e compositores oriundos da Zona Sul do Rio de Janeiro. Esse movimento só é rompido

## Seção Roda

pela aproximação de alguns desses compositores com os sambistas de morro, trazendo letras mais politizadas ou que retratavam a vida do favelado e dos imigrantes nordestinos na metrópole carioca. Zé Ketti, o compositor de *Eu sou o samba*, é um dos que se aproxima do Cinema Novo e dos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE).

Nesse mesmo período, as escolas de samba, aos poucos, vão se transformando em grande expressão do Carnaval carioca. A adesão de artistas oriundos da Escola de Belas Artes, a participação da classe média nos ensaios e o próprio processo de recriação dos desfiles mudam o cenário de organização das agremiações carnavalescas que passam a ter um maior número de integrantes e as alegorias agigantam-se. Mais tarde, em fins da década de 60, o samba-enredo também será explorado pela indústria fonográfica, substituindo as marchinhas e alcançando uma grande vendagem até recentemente, rivalizando com os LPs de Roberto Carlos como presente de Natal.

As escolas de samba ainda constituíam espaços de criação e revelação de intérpretes para o mundo do samba (LOPES, 2003). No intervalo entre um carnaval e outro, surgiam os célebres “sambas de quadra” que em muitos casos foram gravados e são cantados até hoje nas rodas de samba:

Quando vem raiando o dia  
Eu começo logo a cantar  
Essa triste melodia  
Que me faz cantar  
(*Esta Melodia*, 1959, Jamelão/Babu)

O terreiro da escola de samba era o lugar para a degustação de famosos quitutes (feijoada, macarronada, jiló com linguiça, etc.), os famosos pagodes (que mais tarde acabou se transformando em um estilo do samba) embalados nos sambas de partido-alto e nos sambas de quadra.

E assim o samba vai resistindo ao ataque feroz das gravadoras multinacionais, responsáveis pelo domínio da música estrangeira empacotada em diversos estilos.

Podemos destacar aqui o caráter de vanguarda assumido pelo produtor cultural Hermínio Bello de Carvalho (PAVAN, 2006) que revelou talentos como Clementina de Jesus, Paulinho da Viola e Elton Medeiros e resgatou os velhos compositores das escolas como Cartola e Nelson Cavaquinho. O lugar do amadurecimento dessa nova geração do samba foi um bar administrado por Cartola e sua esposa D.Zica, o Zicartola. O Zicartola foi responsável pelo encontro da velha e da nova geração de sambistas e foi frequentado por intelectuais e estudantes da classe média carioca.

Ao mesmo tempo as mudanças operadas nos desfiles das escolas de samba afastaram os grandes compositores dessas agremiações. A maioria saem “brigados” de suas escolas, exemplo do ocorrido com o compositor Silas de Oliveira, do Império Serrano, que faleceu em consequência do desgosto por ter perdido uma disputa de samba-enredo (CABRAL, 1996). Os sambas destes compositores tradicionais já não

## Seção Roda

cabiam mais na estrutura carnavalesca que, a partir dos anos de 1970, transformaria as agremiações carnavalescas em “super-escolas de samba S/A”. É o próprio Império Serrano que faz a crítica a essa nova estrutura em um samba-enredo do início dos anos 80:

Super Escolas de Samba S/A  
Super-alegorias  
Escondendo gente bamba  
Que covardia!

*(Bum, bum, Praticumbum, Prugurundum, 1982, Beto Sem Braço/Aluísio Machado)*

Outro que rompe com uma grande escola de samba é o compositor portelense Candeia. Esse irá fundar o Grêmio Recreativo Quilombo com a proposta de resgatar os velhos valores das agremiações, como o espírito comunitário e recreativo.

Quilombo pesquisou suas raízes  
Nos momentos mais felizes  
De uma raça singular, e veio  
Pra mostrar esta pesquisa  
Na ocasião precisa  
Em forma de arte popular, a mais...

*(Ao povo em forma de arte, 1978, Nei Lopes/Wilson Moreira)*

No lugar das velhas-guardas, surgiam os “escritórios” de compositores que tornam a disputa por samba-enredo um negócio que envolve milhares de reais.

### 4 - HOJE EU VOU PAGODEAR

Afastados das grandes agremiações, sem oferecer espaço para o surgimento de novos compositores, o sambista irá se refugiar em pequenas agremiações (escolas de samba ou blocos). Um desses lugares foi a quadra do bloco carnavalesco Cacique de Ramos que reunia diversos novos compositores que guardavam a velhas tradições. Embaixo da velha tamarineira, surgiam novos sambas e os pagodes da Casa de Tia Ciata renasceria. É de se destacar que, embora as rádios embalavam a Disco Music estadunidense, alguns intérpretes de samba como Beth Carvalho, Alcione, Roberto Ribeiro e Clara Nunes alcançavam vendagens inimagináveis para os seus discos. Das reuniões embaixo da tamarineira do bairro de Ramos, o movimento musical se espalhou para São Paulo e logo pelo país, revelando diversos grupos musicais formados por jovens oriundas da periferia e que apresentavam uma impecável produção artística.

O pagode virou gênero musical! Logo os puristas cunharam o termo “samba de raiz” para garantir a distinção do novo “gênero” com a velha-guarda do samba.

## Seção Roda

Se suas letras falando de amor eram melosas e repetiam sempre o mesmo “clichê”, era no nome dos grupos que se evidenciava uma identidade com a questão racial e suas origens periféricas: Raça Negra, Negritude Jr, Os Morenos, Soweto, Molejo, Exaltasamba, Katinguelê e Raça marcaram os anos 90 com diversos sucessos. E São Paulo definitivamente nunca fora o túmulo do samba; abrigou sambistas tradicionais do Rio de Janeiro que viram na capital paulista oportunidades de continuação de sua arte.

### 5 - A SOCIOEDUCAÇÃO DÁ SAMBA...

Os multiculturalistas da Educação defendem que o universo cultural dos estudantes das camadas populares entra em choque com a cultura dominante (MCLAREN, 2001), o que envolve as suas histórias, os seus jeitos de falar e se comunicar e os seus “jeitos de corpo”. Essa realidade não é diferente no Sistema Socioeducativo do Rio de Janeiro, onde a maioria de nossos socioeducandos são negros oriundos das favelas e periferia cariocas. O desenvolvimento de suas identidades passa pela consciência de suas negritudes e reconhecimento de suas culturas como fator importante para a sua socialização, bem como a resistência às formas de opressão ao negro que persistem em nossa sociedade. Pensamos então que o “mundo do samba” poderia ser um dos elementos para a construção desse processo. Apresentamos a seguir algumas experiências do qual participei tendo o samba como eixo educativo.

#### 5.1 - Samba de Luiza Mahin<sup>1</sup>

O samba-enredo *Luiza Mahin* foi composto sob coordenação do professor Aderaldo Pereira dos Santos no Colégio Estadual Luiza Mahin (PACGC) para o projeto Lego, coordenado pela professora Sandra Saragoza. O samba conta a saga da mulher guerreira que participou ativamente da Guerra dos Malês (Salvador, 1835), além de ter sido mãe do famoso abolicionista Luiz Gama. O samba-enredo fez parte da trilha musical de uma animação para projeto.

#### 5.2 - 100 anos de samba no sarau do Padre Leôncio

Seguindo a onda de comemorações dos 100 anos do primeiro samba gravado, o *Pelo Telefone*, o Colégio Estadual Padre Carlos Leôncio da Silva (funciona no Dom Bosco) realizou no final de 2016 um sarau em comemoração a essa data. O sarau coordenado pela professora Fátima Leal teve, entre outras atrações musicais, a palestra musicada da filha do sambista Zé Ketti, Geiza Ketti, e de seu marido Onésio Meirelles, escritor e compositor mangueirense.

#### 5.3 - Oficina de partido-alto

Organizada por mim e pela professora Luciana do segundo segmento do Colégio Padre Carlos Leôncio da Silva, a oficina teve como objetivo apresentar o gênero Partido-Alto e estimular o processo de composição. O Partido-Alto caracteriza-se por possuir uma parte fixa que é complementada com improvisos a partir do tema sugerido, por isso é um recurso importante para estimular a criatividade e o letramento.

<sup>1</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=xU2d\\_QXJkR8](https://www.youtube.com/watch?v=xU2d_QXJkR8)

### 6 - CONCLUSÃO

Há muito tempo eu escuto esse papo furado  
Dizendo que o samba acabou  
Só se foi quando o dia clareou  
(Paulinho da Viola)

A trajetória do gênero samba no Rio de Janeiro caracteriza-se por apresentar uma diversidade de estilos, aceitação de influências regionais e, sobretudo, uma busca pela inovação, responsável por sua sobrevivência. Os seus atores, em diversos momentos históricos, ao se organizarem em torno das escolas de samba, por exemplo, buscaram manter-se integrados à sociedade brasileira e resistirem ao preconceito e aos estereótipos que envolviam os “homens de cor” em nosso país.

O samba cumpriu um papel importante no processo de mediação social, de invenção e manutenção das tradições que envolviam as comunidades negras afro-cariocas. Na geografia, o samba foi responsável pela persistência de lugares simbólicos para essa comunidade a despeito das reformas urbanas que a expulsaram para os subúrbios cariocas e nesses o samba refloresceu dando origens a centenas de escolas de samba. Não poderíamos também deixar de refletir sobre como os sambistas perceberam as transformações urbanas e o lugar que ocupam na configuração do espaço urbano através de seus sambas.

Acreditamos também que podemos usar o samba como poderoso instrumento de Socioeducação. Nele estão presentes a resistência ao racismo, o questionamento da posição social do negro, a repressão policial, a história, a malandragem etc. E por que não comparar com outros gêneros mais próximos hoje da juventude negra como o funk e o hip-hop. E no fim demonstrar que são todos da mesma matriz africana: o batuque, o bamboleio e o desejo de libertação...<sup>2</sup>

### REFERÊNCIAS

- CABRAL, Sérgio. As escolas de samba do Rio de Janeiro. Rio: Lumiar Editora, 1996.  
IANNI, Otávio. Raças e classes no Brasil. São Paulo: Civilização Brasileira, 1972.  
LOPES, Nei. Sambeabá: o samba que não se aprende na escola. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Ed.Folha Seca, 2003.  
McLAREN, Peter. A vida nas escolas. Porto Alegre: ArtMed, 2001.  
PAVAN, Alexandre. Timoneiro: perfil biográfico de Hermínio Bello de Carvalho. Rio: Casa da Palavra, 2006.  
TINHORÃO, José Ramos. Música Popular, um tema em debate. Rio: JCM, s/d. 2ª ed.

<sup>2</sup> Referência ao poema *Sou Negro* de Solano Trindade.

# SOU DE OGUM, SOU DE SÃO JORGE

Altair Moretti

Ogum é um orixá. Essas denominações são da cultura religiosa, que vieram com a chegada dos negros africanos, trazidos como escravos para o Brasil.

Resolvi escrever sobre esse orixá, pelo simples fato de pertencer a uma família em que minha mãe, órfã de mãe desde bebê e mãe de cinco filhos, é nascida em 23 de abril de 1922, data na qual comemoramos o dia desse orixá.

Por várias vezes ela nos contava sobre sua vida tão sofrida, vivendo de favores na casa de um parente em troca de abrigo e comida, semianalfabeta, sendo privada de frequentar a escola para poder trabalhar.

No entanto ela, além de ter nascido no dia de São Jorge, nunca pensou em desistir, sempre com muita fé e devoção, sabia que dias melhores viriam. Por influência de tios, iniciou-se na Umbanda e com isso nós, os filhos, tínhamos os ensinamentos de duas religiões: do Kardecismo, por parte do meu pai, e da Umbanda. No entanto, minha mãe, nos ensinou e sempre nos deixou livres para escolher qual o caminho a seguir.

Sempre vi minha mãe como uma mulher guerreira que não se abatia com nada, teve uma vida sofrida, passou por diversas dificuldades, não só na sua infância e juventude para se manter, mas também para ajudar meu pai na criação de cinco filhos que naquela época não era nada fácil.

Devota fervorosa de São Jorge “Ogum”, nos mostrou que o que a fez chegar até onde chegou foi a sua fé, sendo assim, eu e minhas quatro irmãs tivemos em nossas vidas um exemplo de mulher guerreira e cheia de fé, principalmente no “Santo Guerreiro vencedor de batalhas.”

Através dos tempos, “Ogum” se popularizou em todo o Brasil. No sincretismo religioso é chamado de São Jorge (Santo Guerreiro), e devido a sua popularidade cada vez maior no Rio de Janeiro, foi decretado feriado.

Segundo fies, São Jorge foi um soldado Cristão do Império Romano que foi torturado várias vezes por não concordar com a perseguição aos adeptos do Cristianismo, morreu decapitado em 23 de abril de 303.

São Jorge é padroeiro em diversas partes do mundo.

Existem também mistérios, lendas e fábulas que circulam em torno desse santo, como a de que o rei Ricardo Coração de Leão, nomeou-o santo protetor e em uma de suas batalhas desenhou uma cruz vermelha nos uniformes dos militares, “a cruz de São Jorge”, que hoje está presente na bandeira da Inglaterra. Há quem diga que quando o santo gladiava com o dragão, na verdade era contra o imperador romano que lutou contra o Cristianismo. São Jorge e a lua: diz a tradição que as manchas apresentadas



## Seção Treinel

pela lua representam o milagroso santo e sua espada, pronto para defender aqueles que buscam pela sua ajuda.

Nas igrejas de São Jorge são realizadas alvoradas às 5h, acompanhadas de uma grande queima de fogos e logo em seguida são realizadas as missas ao longo do dia, de hora em hora, com a participação de milhares de fiéis que agradecem alguma graça alcançada e ou pedem proteção ao santo guerreiro. Para o encerramento das festividades, é realizada uma grande procissão, com a imagem de S.Jorge e a presença do representante da Igreja Católica, pelas principais ruas do Rio, seguida por uma multidão de fiéis.

Nos terreiros de Umbanda e Candomblé (religiões afro-brasileiras), o dia de “Ogum” também é muito comemorado, começando também com a alvorada, muito foguetório e cerveja para saudar “Ogum”; logo após começam os trabalhos, com batuques, cantigas ao orixá, acompanhadas de palmas no ritmo dessas cantigas, denominadas (pontos), com muitas danças e oferendas (comidas) ao orixá. Ao som dos cânticos e dos batuques, as pessoas denominadas de médiuns, que estão trabalhando, incorporam (recebem) os orixás. As pessoas que ali se encontram assistindo a este festejo, se desejarem, são autorizadas a entrar, de forma organizada, no centro do terreiro e podem falar com o orixá, geralmente para pedir a benção e ou proteção.

Em virtude do tema que escolhi, “Religiosidade”, resolvi procurar dois antigos amigos meus, pedindo que me contassem um pouco no que diz respeito as suas religiões e como surgiu a devoção por “Ogum e São Jorge”.

O primeiro um renomado professor e pai de santo, o outro um conceituado profissional na área de administração de grandes empreendimentos com aperfeiçoamento no exterior.

### **1. Qual o motivo da sua devoção?**

Nasci em uma família de umbandistas; meus avós tinham um terreiro há mais de 20 anos. Cresci praticamente dentro da religião. Meu avô era filho de Ogum e as festas e ritos para o santo guerreiro eram frequentes, o que despertou em mim não só o interesse, mas também a devoção tanto por Ogum como por todos os Orixás.

### **2. Como é feita a descoberta do orixá a que uma pessoa é consagrada?**

Na Umbanda, a pessoa costuma consultar-se com um guia espiritual, como um Caboclo ou Preto Velho que, através da vidência, diz-lhe qual seu orixá protetor. Deve-se atentar para o fato de que na Umbanda não se cultua o Orixá africano em sua essência; mas sim caboclos falangeiros ditos mensageiros da linha de cada Orixá. Já no Candomblé, tal descoberta é feita através do jogo de búzios que, dependendo das caídas, indicará o Orixá dono do “Ori” (cabeça da pessoa).

## Seção Treinel

### **3. Quais as diferenças que ocorreram na vida antes e depois de assumirem a devoção?**

É preciso que fique bem claro que a Umbanda e o Candomblé, como qualquer outra religião, têm como papel principal ajudar na busca de um equilíbrio espiritual e não deve ser vista apenas como um meio de conseguir tudo que se pretende a qualquer custo. É bem verdade que a partir desse equilíbrio tudo flui muito melhor.

### **4. Você conhece alguma pessoa que obteve uma relevante ajuda de algum Orixá?**

Sim. Várias. A mais recente ocorreu com um filho de santo do Ogum que tirou férias para tomar sua obrigação de sete anos e, ao retornar ao trabalho, soube que havia sido promovido na empresa.

### **5. A seu ver, por que o sincretismo de São Jorge com Ogum é tão significativo a ponto de se confundirem muitas vezes?**

Penso que tal situação ocorra por ser São Jorge um santo guerreiro e Ogum o Orixá da guerra. Na Umbanda, onde o sincretismo é evidente, há pontos (cantigas sagradas) que fazem alusão a Ogum como um general. Há que se considerar também os trajes do santo católico que se repetem nos terreiros: capacete, espada, escudo e capa vermelha. Tal sincretismo atinge o ápice quando muitas pessoas oferecem a São Jorge, depositando diante da imagem, cerveja branca, a bebida do Orixá Ogum na Umbanda; o mesmo ocorre com a tradicional feijoada que é feita e servida em todos os cantos do Rio de Janeiro no dia 23 de abril, dia consagrado ao santo católico. É importante que se observe que esse sincretismo de São Jorge com Ogum só tem tamanha força no Rio de Janeiro, uma vez que em Salvador, por exemplo, São Jorge é sincretizado com Oxóssi, e Santo Antônio com Ogum.

### **6. Como você explica a ligação das escolas de samba com os Orixás?**

Em relação à devoção, é possível que tenha origem justamente no sincretismo. Inicialmente, escolhe-se um santo católico como padroeiro, e por extensão associam-no ao Orixá que lhe corresponde. Considerando-se as temáticas africanas dos enredos fica óbvia a presença das histórias dos Orixás, já que o Rio de Janeiro fora um polo receptor de escravos e absorveu intensamente traços da cultura negra, tais como o samba, o batuque, o Candomblé, a culinária, etc. Sendo assim, é inegável terem as escolas de samba suas raízes fincadas nessa africanidade.

### **7. Como se prepara um filho de Ogum na Umbanda e no Candomblé?**

A Umbanda não possui um processo iniciático propriamente dito. Não é aplicado a ela, portanto, o termo (fazer santo). O que há é um pequeno período dedicado à

## Seção Treinel

limpeza espiritual através de ervas e pequenas oferendas que incluem alguns alimentos, frutas e bebidas específicas. A pessoa fica reclusa no máximo três dias e diz-se que fez a “camarinha”. Já no Candomblé ocorre um processo de iniciação com reclusão de vinte e um dias, onde um noviço(a) além de ebós de descarrego, passa pelo ritual de raspagem, o Orixá dono da cabeça recebe as oferendas e a pessoa, agora chamada de yawo, recebe uma aprendizagem sobre a religião. A feitura de Orixá representa, nesse caso, uma transição, ou seja, uma renovação de vida.

Respostas de Paulo Roberto T' Ayra (professor e pai de santo)

### CATOLICISMO

#### 1. Qual o motivo da sua devoção?

Meus avós, comerciantes do ramo de material de construção, em uma determinada época de suas vidas, começaram a passar por sérios problemas financeiros e esse comércio era a única fonte de renda da família. A crise agravou-se de certa forma que quase que eles perderam tudo, foi então que minha avó, muito católica e uma pessoa de muita fé, fez uma promessa: se a nossa família conseguisse superar aquela crise financeira, ela e todos os seus filhos e as próximas gerações participariam no dia 23 de abril, dia de São Jorge, da alvorada e assistiriam a 1ª missa na igreja de Quintino após a alvorada. Até hoje cumprimos com esse ritual, a família foi ficando cada vez mais numerosa e nos dias de hoje seguimos todos numa verdadeira carreta familiar, todos somos muito gratos a todas as graças alcançadas até hoje, principalmente se eu e meus irmãos somos pessoas bem sucedidas e com formação até no exterior, agradecemos muito aos meus avós que, através da fé em São Jorge, conseguiram superar a crise e deram todo esse suporte para que nossos pais sustentassem nossas famílias e nossos estudos. Resposta de Luiz Antônio (Administrador).

Há também as comemorações através de cavalgadas que reúnem centenas de cavaleiros e amazonas em vários estados e municípios do Brasil.

As escolas de samba do Rio de Janeiro também não ficam atrás e comemoram o dia 23 de abril, com grande entusiasmo, muito samba, feijoada, muita cerveja e samba no pé.

Não podemos deixar de fora o esporte, onde o time de futebol Corinthians, no estado de São Paulo, tem como seu padroeiro o São Jorge. Assim, no seu dia, é celebrada missa na sede do Corinthians, e a comemoração não para por aí, continua com uma procissão que sai da sua sede passa nas principais ruas e se encerra com uma missa no gramado do Parque São Jorge.

Em minha opinião, essa identificação com o “Santo guerreiro” se tornou muito popular nos dias de hoje, devido à situação tão sofrida da nossa população, no que diz respeito à segurança, falta de oportunidade no mercado de trabalho, por vários aspectos, desde a discriminação racial, por ser morador de comunidade, intolerância religiosa, etc... Com isso levou a grande “massa” de fiéis aumentar anualmente, pois nosso povo é um povo que, mesmo diante das dificuldades, das desigualdades e da injustiça, continua lutando, sem desistir do seu objetivo.

Como S. Jorge, que segundo os fiéis, é um santo guerreiro e vencedor de batalhas, nosso povo é um povo guerreiro, não desiste tão facilmente e é essa fé, que faz com que a cada ano, aumente essa “legião de Jorge”.

# A COR DO PODER NO BRASIL

Angélica Lima Dutra

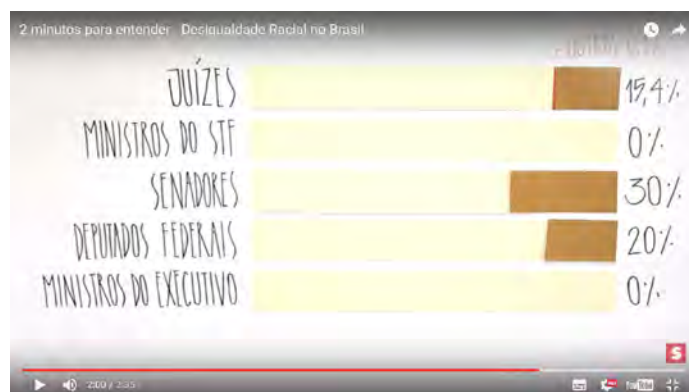
Quantos presidentes negros o Brasil já teve? E quanto aos governadores? Qual a cor do último prefeito eleito na sua cidade? E a do juiz que fez seu casamento ou o seu divórcio? O Brasil, país classificado como o maior país na quantidade de negros, fora da África, segundo o Institute for Cultural Diplomacy<sup>1</sup>, apresenta, na política, o inverso dessa sua característica predominante.

Apesar de os negros serem maioria da população, o déficit de representatividade nas esferas de poder no país é alarmante e absurdamente visível. Segundo Carlos Alberto Oliveira, autor da lei antirracismo, o preconceito racial atrapalha na construção da identidade e conseqüentemente contribui para essa baixa quantidade de negros no poder.

Alguns setores estratégicos como universidades, grandes empresas e cargos públicos como um todo vêm, através de políticas afirmativas, diminuindo essa disparidade de raças na sua composição, mas esse processo ainda caminha em passos lentos para a igualdade.

As políticas afirmativas, apesar de serem um tema extremamente controverso e passível de ajustes, têm, ainda que paulatinamente, começado a equilibrar essa balança e já podemos ver, em áreas antes não muito comuns, profissionais negros, tais como: médicos, advogados, engenheiros, professores universitários, entre outros.

Na contramão desse processo de representatividade, está a esfera política. Os negros ainda são a minoria entre os detentores de poder tanto no Legislativo, quanto no Executivo e Judiciário. Em um recente infográfico produzido pela Editora Abril<sup>2</sup> podemos visualizar melhor essa questão:



1 <http://www.culturaldiplomacy.org/index.php?en>, acesso em 17/11/16.

2 <http://super.abril.com.br/videos/2-minutos-para-entender/2-minutos-para-entender-desigualdade-racial-no-brasil/> Acesso em 22/11/16.

## Seção Treinel

Esse déficit chama a atenção não só dos brasileiros, mas também dos órgãos internacionais. Uma prova disso é que a Organização das Nações Unidas apontou esse fato em um dos seus estudos recentes. A ONU deixa clara a sua preocupação com a sub-representatividade dos negros na política brasileira, tanto que o Alto Comissário dos Direitos Humanos, Zeid Al Hussein, explicita em sua fala que “Esse déficit de representação na cúpula do poder afeta toda a sociedade: parlamentos, locais de trabalho no setor público e privado, escolas, tribunais, na imprensa – todos lugares em que as vozes dos afro-descendentes são dados muito pouco peso”<sup>3</sup>

O disparate entre população de maioria negra e poder de maioria branca pode ser constatado também quando se trata de representatividade feminina versus masculina na política. Porém, aqui, nos atemos exclusivamente à pouquíssima quantidade de políticos negros.

Nas eleições de 2014, segundo dados do Governo Federal<sup>4</sup>, “a bancada federal eleita para a próxima legislatura é composta por 80% de homens brancos. Entre os eleitos, 15,8% se declararam pardos e apenas 4,1%, pretos”. O perfil dos políticos no Brasil, em geral, segundo o TSE<sup>5</sup> é: “branco, do sexo masculino, com ensino superior completo, com média de idade de 49 anos e tendo o ramo empresarial como sua principal ocupação”.

Estamos diante de uma realidade ainda muito refém do racismo estrutural que vem desde a época da escravidão e perpetua a ideia do negro como serviçal e não como aquele que manda. Além disso, temos também o racismo cultural, carente ainda da consolidação de uma identidade negra. Por fim, carregamos ainda o “ranço” do racismo simples e direto, daquele que diz, claramente: não voto em preto. Quanto a este último, não vamos perder tempo com ele.

3 <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,onu-alerta-para-baixa-representatividade-de-negros-no-governo,10000056858> Acesso em 01/11/16.

4 <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/475684-HOMENS-BRANCOS-REPRESENTAM-71-DOS-ELEITOS-PARA-A-CAMARA.html> Acesso em 18/10/16

5 <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2016/blog/eleicao-2016-em-numeros/post/perfil-do-candidato-prefeito-homem-branco-com-superior-completo.html> Acesso em 28/09/16.

# RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA SOCIOEDUCAÇÃO FLUMINENSE: faces de uma raça, retratos de uma história

Erlon Couto Zacarias

## APRESENTAÇÃO

O Centro-Sul Fluminense é uma das regiões do Brasil que concentrou o maior contingente de trabalhadores negros escravizados. Com o fim da escravidão, esse contingente populacional, espalhado pelos municípios e distritos, que se constituiriam com o advento da República, iria povoar e formar diversos núcleos populacionais na região, imprimindo uma identidade étnica, cultural e histórica africana a distintos bairros. Décadas passaram-se e os flagelos sociais que atormentam a população negra no Brasil não se faziam indiferentes ao Centro-Sul Fluminense: miséria, pobreza, desemprego, racismo, preconceito social e o tráfico de drogas atingem a juventude negra de maneira ascendente, assim como os índices de homicídios e a crescente estatística de adolescentes infratores negros. A Socioeducação, no Centro-Sul Fluminense, enquanto política pública federal e estadual, para atender esta parcela da juventude em caráter de vulnerabilidade social, responsabiliza-se por sua “ressocialização”. Qual o prospecto desta política pública de quase três décadas? Este é um dos principais objetivos deste projeto de dissertação.

## TEMA E PROBLEMA

“(...) A carne mais barata do mercado é a carne negra, que vai de graça pro presídio e para debaixo do plástico, que vai de graça pro subemprego e pros hospitais psiquiátricos (...)”

O extremo controle social exercido sobre a juventude brasileira reflete dois extremos da barbárie capitalista nacional. O crescente índice da população carcerária jovem e negra, seja nos presídios, seja no Sistema Socioeducativo, e o também crescente e crônico recrutamento de jovens para o tráfico de drogas, os quais quando não são presos, desgraçadamente morrem assassinados, no que é chamado hoje de genocídio da juventude negra.

### HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA

Segundo o Indicador de Homicídios na Adolescência, aproximadamente 257 adolescentes com idade entre 12 e 18 anos seriam assassinados em Resende, Volta Redonda, Barra Mansa e Angra dos Reis entre 2006 e 2012. Resende é a cidade do Sul Fluminense pior colocada no novo indicador federal, em 42º lugar, com previsão de 58 mortes. Volta Redonda tem também o maior número absoluto na previsão de mortes entre 2006 e 2012:115. Já Barra Mansa aparece na ponta de baixo da tabela, em 102º lugar na classificação do IHA. Angra dos Reis tem indicador ainda menor: 2,14. Com uma população de 20.029 jovens e adolescentes, a cidade litorânea deveria perder 43 deles para a violência entre 2006 e 2012, ficando no 106º lugar, sendo assim a cidade do Sul Fluminense melhor colocada no novo ranking federal.

Em 2012, 56.000 pessoas foram assassinadas no Brasil. Destas, 30.000 eram jovens entre 15 e 29 anos e, desse total, 77% negros. A maioria dos homicídios é praticada por armas de fogo e menos de 8% dos casos chegam a ser julgados. Os homicídios também vitimam majoritariamente negros, isso é, pretos e pardos. Foram 41.127 negros mortos, em 2012, contra 14.928 brancos. Considerando toda a década (2002 - 2012), houve “crescente seletividade social”, nos termos do relatório.

Enquanto o número de assassinatos de brancos diminuiu, passando de 19.846, em 2002, para 14.928, em 2012, as vítimas negras aumentaram de 29.656 para 41.127, no mesmo período.

### CÁRCERE

Em números absolutos, em 2005 havia 92.052 negros presos e 62.569 brancos, ou seja, considerando-se a parcela da população carcerária para a qual havia informação sobre cor disponível, 58,4% era negra. Já em 2012, havia 292.242 negros presos e 175.536 brancos, ou seja, 60,8% da população prisional era negra. Constata-se assim que quanto mais cresce a população prisional no país, mais cresce o número de negros encarcerados.

### SOLDADOS DO NARCOTRÁFICO

Em 2006, o Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social (IBISS) alertava que 8583 jovens, de 8 a 18 anos, estavam armados a serviço do tráfico em 379 bocas-de-fumo de 235 favelas cariocas. O número representa o dobro do efetivo dos três batalhões da Polícia Militar na Zona Sul - 2º BPM (Botafogo), 19º (Copacabana) e 23º (Leblon). Em comparação à primeira pesquisa, feita em 2002, a participação da mão-de-obra de menores de idade cresceu 27,5%. A pesquisa mostra que 16.004 jovens tinham envolvimento direto com o tráfico de drogas.

De acordo com o Ministério da Justiça, pelo menos sete jovens, entre 18 e 29 anos, ingressam no sistema prisional brasileiro a cada hora. O ritmo de entrada de jovens na prisão (68,4 mil/ano) supera em 58% ao de saída (43,2 mil jovens/ano). Isso significa que 187 jovens entram a cada dia em unidades prisionais, contra 118 que deixam o sistema.

### VULNERABILIDADE SOCIAL

Segundo a Secretaria Geral da Presidência, dos 50, 5 milhões de jovens brasileiros entre 15 e 29 anos, 4,5 milhões estão em estado de risco, pois não têm o ensino fundamental e estão fora da escola e desempregados.

Os dados elencados acima evidenciam que os adolescentes brasileiros carecem de uma agenda de urgências no âmbito de todas as políticas sociais, o que amplifica os desafios da política de atendimento aos adolescentes que cumprem Medidas Socioeducativas.

Neste contexto, a história mostra que a proteção à criança sempre esteve subordinada às exigências de defesa social, ou seja, à proteção contra “futuros delinquentes”. Essa prerrogativa acabou por autorizar o controle de crianças e adolescentes em nome da proteção social.

Apesar dos avanços nos códigos, leis e estatutos para salvaguardar a infância e a adolescência, a política econômico-social dos governantes brasileiros, a partir da sexta República ou Nova República, não corresponde ao avanço legalista promovido pela Constituição de 1988, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990), pela Lei Orgânica de Assistência Social (Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993) e recentemente o SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo, Lei nº 12.594 de 18 de janeiro de 2012).

Por quase trinta anos, o compromisso e a responsabilidade legal por esta parcela da juventude mais vulnerável socialmente patinou na política do Estado Mínimo e nas interrogações dos pressupostos jurídicos e/ou nas jurisprudências federativas que pudessem minimamente garantir o direito à vida a estes adolescentes que, em sua maioria negros, sofrem um verdadeiro genocídio.

### JUSTIFICATIVA

A partir de minha experiência profissional dos últimos vinte e dois anos como socioeducador do Departamento Geral de Ações Socioeducativas, estudando o processo histórico que levou à fundação das unidades de semiliberdade do Centro-Sul Fluminense, sendo estas os principais centros de diagnóstico das políticas públicas para a juventude em “conflito com a lei” na região, verifico a crescente demanda de jovens negros que dão entrada nestas unidades ao longo dos anos, oriundos de mais de vinte municípios distintos, havendo nesse processo uma inter-relação histórica com a presença do negro no Vale do Paraíba e os flagelos sociais que sempre os atingiram. Tal fato abre uma lacuna acadêmica que referenda e justifica a viabilidade e relevância deste projeto em investigar a relação étnico-racial da Socioeducação com o lumpemproletário juvenil e negro do Centro-Sul Fluminense, sendo, assim, um estudo singular em seu objeto e em seu marco regional que muito há de contribuir para o trabalho do Novo DEGASE (Departamento Geral de Ações Socioeducativas) e concomitantemente para o trabalho da Socioeducação enquanto política pública .



### REFERÊNCIAS

- BRASIL, FUNABEM. Compromisso Político e Diretrizes Técnicas 1987/1989. Fundação Nacional do Bem Estar do Menor/Ministério da Previdência e Assistência Social / MPAS. Coordenadoria de Comunicação. Março de 1987.
- BRASIL, Descentralização do Sistema de Atendimento a Menores no Estado do Rio de Janeiro. Documento Preliminar. Ministério da Previdência e Assistência Social/MPAS. FUNABEM/Fundação Nacional do Bem Estar do Menor. Julho de 1987.
- BRASIL. Mapa do Encarceramento: os jovens do Brasil/Secretaria-Geral da Presidência da República. Brasília. 2014.
- MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. São Paulo: Ática. 1986. PRIORE, Mary Del. História da Criança no Brasil. São Paulo: Contexto. 1995.
- RIZZINI, Irene. A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente. São Paulo. Loyola. 2004.
- RIZZINI, Irene. PILOTTI, Francisco, (orgs). A arte de governar crianças: história das políticas sociais, da legislação e da assistência a infância no Brasil. São Paulo: Cortez. 2009.
- SILVA, Sandra Gomes da. Prisão e Extermínio: Um estudo sobre as formas de controle social em tempos de barbárie. 2011. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – UFJF, Juiz de Fora, Minas Geraes.
- SILVA, Wilson Honório da. O mito da democracia racial: Um debate marxista sobre raça, classe e identidade. Sundermann: São Paulo, 2016.
- STEIN, Stanley J. Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- VIANNA, Gisele Sakamoto Souza Vianna. Disciplina, Direito e Subjetivação. Uma análise, de Punição e Estrutura Social, Vigiar e Punir e Cárcere e Fábrica. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - IFCH, UNICAMP, Campinas, São Paulo.
- WACQUANT, L. As prisões da miséria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

# O JONGO VIVE! AH!!! SE VIVE...

Flavia Lopes

Você nem imagina como é difícil dar início a estas linhas. Pensei, pensei e achei melhor começar contando sobre o dia em que o Jongo me encantou.

*“Saravá angoma-puita, saravá meu candongueiro, Abre Caxambu, saravá jongueiro”*

Já tem um montão de tempo, anos, que numa viagem para Valença eu conheci um Quilombo. Você acredita? É! Era um Quilombo de verdade!!! E logo ali tão pertinho, e com uma realidade que eu achava muito distante da minha. Chama-se São José e fica para lá da Serra da Beleza.

## E O JONGO?

Ele chegou quando a noite caiu e as brasas da fogueira coloriram o céu. Contaram-me que a tal dança de roda e umbigadas servia para amenizar as dores do tempo do cativo, através de tambores sagrados e de canções. No chão de barro vermelho, os pés marcavam a cadência alegre, as rimas cantarolavam “causos” e as palmas vibravam nos contagiando com a energia daquele lugar único.

*“Tava durumindo, angoma me chamô! Disse, levanta povo, cativero se acabô!”*

Minha cabeça pirou naquele ritmo, aquelas senhoras do Quilombo São José me remetiam à figura querida de minha bisavó Joana, que já nasceu liberta, mas que viveu como escravizada até se casar. As histórias que eu ouvia ali, misturadas nas músicas e no falatório, me levavam para minha própria história, para as memórias mais remotas da minha família. Eu a chamava de Vó Nonora, sentava-me no chão e colocava a minha cabeça em seu colo para que ela pudesse fazer minhas tranças e enquanto isso ela contava suas passagens, do tempo da colheita de laranja nas fazendas de Itaboraí. O trabalho pesado em troca de teto e pão foi o legado deixado após o término da escravidão. Entre um cafuné e outro, ela cantarolava também, espantando as sobrinhas de tristeza que aquelas histórias traziam.

*“Trabaia negô, trabaia. Deus inda á de te ôia.”*

## Seção Treinel

E, da minha ida ao Quilombo para cá, eu iniciei uma busca pessoal, busquei minha própria identidade. Outros encontros vieram: jongo, coco, ciranda, maracatu. Aqui e acolá. Nas noites da Lapa, nos blocos de rua do carnaval. Mesmo de leve, isso tudo ajuda a montar o meu enorme quebra-cabeça, cada dia mais eu me envolvo com ações de pertencimento, de afirmação e, recentemente, eu renovei os meus votos de amor ao Jongo.

### QUANDO?

Quando eu conheci a Serrinha... E eu vou te contar: lá se conservou uma célula intacta dessa manifestação E foi lá que, de novo, eu fui tomada pela magia e pelo encanto que vivi no Quilombo São José.

Na Serrinha, eu pude conhecer melhor a história de Darcy Monteiro. O Mestre ouviu os conselhos de sua mãe e passou a acreditar que aquela dança que era tida, tradicionalmente, como um espaço reservado aos “mais velhos” devia ser compartilhada com as crianças da comunidade. Ele teve muita visão e percebeu a importância do envolvimento da juventude para conservação daquele movimento de resgate, resistência e memória que havia se desenvolvido naquele morro.

E foi então que se fez a mágica: de um lado, do seu jeito, Darcy arrumou um eficiente modo de manter acesa a chama sagrada de uma tradição centenária. Através de cantos, passos e vestimentas foi reafirmada e expandida uma expressão genuína da cultura nacional, fazendo com que o Jongo se mantenha vivo e pulsante até os dias atuais. Por outro lado, o sábio mestre jongueiro fez um papel nobre ao envolver as crianças naquela vivência.

*“Quando a noite descia, após a Ave-Maria, um som de tambor se ouvia. Dentro de uma senzala, em um caminho pra Minas, vozes de jongueiro se ouvia.”*

Você sabe que a infância negra, desde a mais tenra idade, é constantemente vitimada por várias formas de preconceito racial?

É sim.

A falta de representação positiva do povo negro na mídia é apenas uma de muitas das faces cruéis da discriminação que mina a autoestima dos pequenos. Crescem sem ver personagens, brinquedos, heróis que ostentem os traços e as características da gente preta.

E, nas poucas vezes em que eles aparecem, estão ligados a contextos pejorativos e estereotipados. Então, além de ressaltar a igualdade entre todos nós e valorizar a singularidade de cada um, é necessário utilizar com estes jovens o reforço da autoestima como uma arma contra ações preconceituosas.....

E foi lá na Serrinha que eu pude conhecer Dona Maria de Lourdes, a Maria da Grota ou, simplesmente, a Tia Maria.

### VOCÊ CONHECE?

Se não conhece, tem que conhecer. Ela é um encanto e ainda hoje, do alto de seus 95 anos de idade, permanece como uma liderança comunitária. Em torno de sua frágil figura, o que se vê naquela comunidade é o Grupo Cultural Jongo da Serrinha que atua no eixo educacional através da Escola de Jongo e no eixo cultural através do seu grupo musical. O galpão da Casa do Jongo abriga atividades de arte, cultura, educação e geração de renda através de cursos, oficinas, exposições, palestras e outras vivências.

*“Maria sunga a saia, chuva êvem pra te moiá.”*

E quando as crianças são tocadas pelo trabalho do grupo é uma maravilha. Elas têm a chance de conhecer a origem e o patrimônio cultural do povo negro. A infância daquele lugar é abraçada por esta iniciativa e ganha uma oportunidade rara de desenvolver afeto e admiração por suas raízes, entendendo o processo histórico de seus antecessores e com isso conhecendo-se melhor e amando-se mais.

Sinto que o reforço da autoestima daqueles meninos e meninas se realiza ao conseguirem enxergar a beleza existente no tom de suas peles, na textura de seus cabelos, em seus traços faciais ...

O gestual, o rito, as estampas, as cores e a bossa dos seus antepassados tornam-se, cada vez mais, motivos de orgulho. Saber de onde vem, auxilia o menino a decidir o lugar que deseja ocupar no futuro, o faz planejar sua vida como protagonista de sua própria história.

E então? Entendeu?

É por isso que eu amo este tal de Jongo...

*“Bana cum lenço, crioula bana cum lenço, navio já foi embora, crioula, bana cum lenço.”*

# A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL, CANTADO PELAS ESCOLAS DE SAMBA NOS SAMBAS-ENREDO

Jose Ari Nogueira Lima

Sou agente socioeducativo do Novo DEGASE, sou negro e também músico. Juntando as minhas habilidades, achei que seria fácil escrever o texto de finalização do curso da NEAB.

Não foi fácil, talvez se fosse uma música seria mais tranquilo.

Depois de várias tentativas fechei uma ideia: igual a uma sinopse de enredo de uma escola de samba. Assim seria o texto. Separei trechos de sambas enredo e com eles resolvi refletir sobre as questões levantadas durante o curso .

Os nossos antepassados africanos, que vieram sequestrados para o BRASIL, tiveram várias formas de expressar seus sentimentos de revolta, anseios , dificuldades, alegrias ...

A música, em especial o samba foi uma dessas expressões . O samba em seu início morava nos morros , desceu o asfalto e conquistou o mundo com sua riqueza de ritmo e letra .

“ O IMPÉRIO DECADENTE, MUITO RICO E INCOERENTE  
ERA FIDALGUIA E POR ISSO QUE SURGEM  
SURGEM OS TAMBORINS, VEM EMOÇÃO  
A BATERIA VEM , NO PIQUE DA CANÇÃO”

(Samba-enredo da MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL, Carnaval 1989 ,  
Niltinho tristeza, Preto joia, Vicentinho e Jurandir)

Quando os negros vieram para o Brasil de forma altamente arbitrária e inaceitável (foram sequestrados de forma vil, tolhidos de seus direitos pois em África eram reis, príncipes), cidadãos que vieram nos navios negreiros remetidos a condição de escravizados.

## Seção Treinel

“ILU AYÊ ILU AYÊ ODARA  
NEGO CANTAVA NA NAÇÃO NAGO  
DEPOIS CHOROU LAMENTO DE SENSALA  
TÃO LONGE ESTAVA DE SEU ILU AYÊ “

(Samba-enredo da PORTELA,1972. Autores Cabana e Norival Reis)

Da África trouxeram a sua rica cultura para cá e aos poucos foi sendo absorvida e viciosamente contaminada pelas pessoas ao longo dos tempos. Com seus cânticos de capoeira e jongo sempre nos intervalos de seus trabalho.

“O NEGRO SAMBA. NEGRO JOGA CAPOEIRA  
ELE É O REI NA VERDE E ROSA DA MANGUEIRA.”

(Samba-enredo da ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA, 1988.  
Hélio Turco, Jurandir e Alvinho)

Trabalho que de natureza e condição nunca aceita, de escravos . Após vários anos de luta e resistência, os negros conseguiram a liberdade , porém sem condições de serem inseridos na sociedade . Não tinham acesso à escola e o trabalho que lhes eram oferecidos eram os mais simples, braçais . Haja vista a dívida social que o Brasil possui com a população negra e na sua enorme maioria pobre .

“Ô, Ô , Ô Ô NEGA MINA  
ANASTÁCIA NÃO SE DEIXOU ESCRAVIZAR.  
Ô Ô , CLEMENTINA  
O PAGODE É O PARTIDO POPULAR”  
(Samba-enredo KIZOMBA, 1988  
( MARTINHO DA VILA )

E a música era a forma de expressarem suas alegrias , tristezas , insatisfações. O samba é a grande expressão do negro na música brasileira . Que foi perseguido como as religiões afrodescendentes por conta do racismo existente no país .

“ Macumba “, um nome pejorativo para várias religiões africanas. Da mesma forma o “ Samba “ , música de vagabundo, de preto . Se encontrassem um negro com instrumentos de percussão na rua era preso.

Mas o tempo foi passando e, apesar de todas as injustiças , o Samba foi passado de geração para geração e conseguiu sobreviver . E hoje tem com advento do carnaval seu apogeu.

“E PASSO A PASSO NO COMPASSO  
O SAMBA CRESCEU  
NA CANDELÁRIA CONSTRUIU SEU APOGEU”

(Samba-enredo do IMPÉRIO SERRANO, 1982. Autores Beto Sem Braço e Aluísio Machado)

## Seção Treinel

É reconhecido internacionalmente como uma forma de cultura. E movimenta milhões e milhões , e posso afirmar que ele não está mais tão negro como era no passado.

“SUPER ESCOLA DE SAMBA S/A  
SUPER ALEGORIA  
ESCONDENDO GENTE BAMBA  
QUE COVARDIA ...”

(Samba-enredo do IMPÉRIO SERRANO, 1982. Autores Beto Sem Braço e Aluísio Machado)

A Nação reconhece a dívida que possui com negro e tenta amenizar com leis , sistemas de cotas raciais...

E hoje, o preço quem mais está pagando é sem dúvida a nossa juventude negra e pobre que lota os presídios e as instituições para menores no nosso caso o DEGASE .

“ Pergunte ao criador ,  
Pergunte ao criador,  
Quem pintou essa aquarela.  
Livre do açoite na senzala,  
Preso na miséria da favela.”

(Samba-enredo da MANGUEIRA, 1988. Hélio Turco, Jurandir e Alvinho)

Eu espero estar vivo para presenciar um BRASIL com menos desigualdade .  
Sem racismo ou qualquer forma de preconceito .  
Somos todos seres HUMANOS .

“SONHEI ,  
QUE ESTAVA SONHANDO UM SONHO SONHADO  
UM SONHO DE UM SONHO MAGNETIZADO.  
AS MENTES ABERTAS .....”

(Samba- enredo da UNIDOS DE VILA IZABEL, ano 1980.  
Autor Martinho da Vila)

# REPRESENTAÇÃO DE VIDA E DE MORTE: Diálogos com adolescentes no anexo GCA-NAAP

Julio Cesar Baraldi Simões

Dados estatísticos da secretaria de Direitos Humanos revelam que gênero, idade e territórios são fatores que aumentam as chances de um adolescente ser vítima de homicídio. Segundo esses dados, os jovens do sexo masculino, entre 12 a 18 anos, têm quase 12 vezes mais probabilidade de serem assassinados do que as meninas dessa mesma faixa etária. Entre os adolescentes negros, a situação é mais calamitosa. Os jovens negros do sexo masculino têm quase três vezes mais chance de morrerem assassinados do que os jovens brancos. Outro fator apontado é que a maioria dos homicídios é cometida por arma de fogo.

Diante do acima exposto, resolvi desenvolver como texto de conclusão do curso “Representação do Negro na sociedade brasileira e Antirracismo” do NEAB-ND (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros -Novo DEGASE) uma pesquisa, através de entrevistas e conversas, que apresentasse a representação de vida e de morte dos adolescentes do Anexo GCA.

As entrevistas foram realizadas no mês de outubro de 2016, por meio de conversas com 18 adolescentes dessa unidade do Novo DEGASE (Departamento Geral de Ações Socioeducativas), os dados colhidos estão a seguir:

## **DIA 07/10/2016, SEXTA FEIRA: ENTREVISTA COM 10 (DEZ) ADOLESCENTES.**

Dos dez (10) adolescentes, dois (2) eram brancos, dois (2) negros, seis(6) pardos. A idade dos adolescentes variava entre 13 e 17 anos. A residência dos mesmos era nas comunidades carentes do Rio de Janeiro. 5 (cinco) eram usuários de drogas, 3 (três) dos adolescentes foram liberados devido a pequenos delitos, como furto de cordão e celular, 1 (um) ganhou abrigo devido a não conseguirem localizar seus familiares, 5 (cinco) ganharam a medida de Internação Provisória com audiência marcada para o dia 9 (nove) de novembro. Os delitos cometido por esses adolescentes foram roubo a mão armada e tráfico de drogas.

Sete adolescentes tinham medo de morrer e nove já viram amigos morrerem. Interessante que os relatos de temor da morte só apareceram quando especificamente questionados.



### UM CASO EXTRAORDINÁRIO

A rotina de um agente socioeducativo por vezes é alterada por situações inusitadas decorrentes da “guerra urbana” que é travada nas ruas da cidade. O caso que mais chamou a atenção durante o período dessas entrevistas foi o do adolescente K. Sua audiência foi realizada do lado de fora do Fórum na calçada com o adolescente deitado no colchão dentro da viatura, pois seu estado de saúde não o permitia locomover-se nem ser transportado para o interior do Fórum.

O adolescente K levou um tiro de fuzil na perna direita e um tiro de pistola no fêmur esquerdo. Após um exame preliminar realizado por um médico, solicitado pelo juiz, foi constatado que seu estado físico estava muito debilitado, mas estava lúcido para responder as perguntas a serem formuladas pelo juiz e, caso necessário, pela promotora e pela defensora.

O enfermeiro chefe da coordenação de saúde do Novo DEGASE (enfermeiro Marcelo), presente na “audiência”, apresentou laudo às autoridades presentes confirmando o estado de saúde precário do adolescente K e que o Sistema Socioeducativo não tinha condições de acautelar o mesmo, pois seria necessário acompanhamento 24 horas. Sendo assim, o juiz determinou que o adolescente fosse entregue a seu responsável até que tivesse condições de se locomover e marcar sua audiência.

O delito do adolescente K foi tráfico de drogas. K contou que estava na garupa de uma motocicleta com uma mochila com drogas. Não pararam ao serem abordados pelos policiais e K saltou da garupa da mesma e tentou correr, quando foi baleado. Contou que não estava armado, mas os policiais apresentaram uma arma calibre 38, usada pelos mesmos para alegaram que o adolescente K reagiu e trocou tiros com os policiais.

Nem a promotora nem a defensora se manifestaram. Após o juiz determinar que o adolescente fosse entregue ao seu responsável, eu, agente, o enfermeiro chefe do Novo DEGASE e o motorista da viatura, transferimos o adolescente para o veículo de seus responsáveis. A duras penas conseguimos efetuar a missão, mas missão dada é missão cumprida: esse é o nosso trabalho!

Para concluir sobre o adolescente K, pardo. K nos disse que após se recuperar irá trabalhar com o pai que tem oficina mecânica.

### **DIA 11/10/2016 - SEXTA FEIRA: ENTREVISTA COM DOIS (2) ADOLESCENTES.**

Ambos pardos, moradores de comunidades, pequenos delitos (furto). Os dois têm medo de morrer, já viram amigos morrerem, idades 14 e 16 anos. Conduzidos ao Fórum, após audiência foram entregues aos seus responsáveis. Relataram que pretendem procurar trabalho.

### **DIA 27/10/2016 - QUINTA FEIRA: ENTREVISTA COM TRÊS (3) ADOLESCENTES.**

Dois pardos e um branco, moradores de comunidades, dois apreendidos por furto e um por tráfico de drogas. Dois têm medo de morrer, os três já viram amigos morrerem, nenhum está estudando. O grau de escolaridade é o Ensino Médio incompleto.

### **DIA31/10/2016-SEGUNDAFEIRA:ENTREVISTACOMTRÊS(3)ADOLESCENTES.**

Dois brancos (apreendidos por roubo de celular) e um pardo (apreendido por furto). Moradores da periferia, os três têm medo de morrer, os três já viram amigos morrerem, o grau de escolaridade é o Ensino Médio incompleto.

Estamos em um círculo vicioso em que a história se repete e as expectativas não são nada satisfatórias. O NAAP faz o trabalho de recepcionar esses adolescentes que dão entrada no Sistema Socioeducativo.

Porem, não há como fazer um acompanhamento dos adolescentes que são liberados (entregues aos responsáveis). Será que vão voltar a frequentar as escolas? Será que vão procurar trabalho, como a maioria relata?

Os adolescentes que recebem a Medida Socioeducativa de Internação Provisória vão para outra unidade onde aguardam a sua audiência e a decisão do juiz.

### **CONCLUSÕES**

No Brasil, após a Abolição, com a Lei Áurea em 1888, teve início o problema social com o surgimento das favelas e o abandono e a falta de assistência a todo esse povo.

E o problema só veio a aumentar, com a explosão populacional sem o mesmo nível de ações governamentais, tanto no que concerne à educação, ao fortalecimento de núcleos familiares, ações que prospectem um futuro promissor aos jovens que almejem alcançar um patamar acima, através de estudo e trabalho.

Asolução para essas questões parece estar distante, dependendo do enfrentamento por parte dos governos, encarando como prioridades em seus mandatos, governo após governo, programas sociais que deem ênfase à educação.

A título de ilustração, podemos observar os Estados Unidos, que tem 5% da população mundial e 25% da população carcerária de todo o planeta que é em torno de aproximadamente 3(três) milhões de presos. A 13a Emenda da Constituição dos Estados Unidos da América, promulgada em janeiro de 1865, após a guerra da secessão, acaba com a escravidão, com a exceção dos condenados à prisão. Pois bem, a indústria do encarceramento nos Estados Unidos da América começa com esta ressalva “salvo para os condenados à prisão”. Mesmo assim, em uma nação como a americana, onde há uma conduta de encarceramento, o índice de reincidência fica em torno de 25%, enquanto aqui encontramos índices superiores a 80%.

Assim, para revertermos como nação uma triste realidade de injustiças, que incluem o preconceito, o racismo e um imenso abismo social, devemos ter nossos esforços voltados para cobrarmos melhorias em educação e em educação e em educação, que a médio prazo nos fará ser um país mais justo.

# Notas para um diálogo com a Filosofia no embalo cultural do samba

Maria Victória Vieira Santana<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo desse trabalho é refletir sobre a possibilidade de uma prática pedagógica no estudo de filosofia que contemple a figura do samba como um importante elemento histórico-cultural. Entende-se que o samba desperta a percepção da realidade dentro de nossas próprias experiências e, por conseguinte, estimula a autonomia do pensamento. Para tanto, mostra-se oportuno relacionar a abordagem do samba no estudo de filosofia com a obrigatoriedade do ensino da História da África, estabelecida pela lei 10.639/03. Ao longo do texto procuramos mostrar como essas duas vertentes abrem precedentes para uma construção afroperspectivista do saber.

## INTRODUÇÃO

A lei 10.639/03 institui a obrigatoriedade do ensino da História da África em todos os conteúdos curriculares. Essa possibilidade permite aos professores levar para as suas aulas elementos constitutivos da nossa realidade que quase sempre não tiveram seus valores reconhecidos. O samba faz parte deste conjunto. E, para discutir como a abordagem do samba pode ser incluída nas práticas pedagógicas do ensino de filosofia, faremos uma breve repercussão da trajetória histórica deste personagem na cultura brasileira.

O Samba chega ao Brasil no período colonial através da população africana escravizada pelo povo europeu. É um estilo musical de raiz africana, que trás no seu conteúdo as histórias da vida e do cotidiano das pessoas. Essa característica é de uma riqueza enorme, capaz de propiciar um trabalho didático mais criativo, humano e eficaz. Por abordar questões referentes à realidade, as letras do samba fornecem sentido aos estudantes que, por se sentirem mobilizados pelas histórias, repertório e sensorialidade provocada pelo ritmo e pelo som, demonstram interesse diferente para a aprendizagem. O conhecimento transmitido nas letras do samba é de suma importância para as aulas de Filosofia, por ser um conhecimento sobre o domínio do real. Nada mais adequado do que o samba para tratar dessa temática.

<sup>1</sup> Licenciada em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ). Professora na Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) e na Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC/RJ).

## Seção Treinel

### 1- O CASO DO SAMBA “PELO TELEFONE”

O primeiro samba gravado no Brasil foi “Pelo Telefone”, no ano de 1917, tendo a autoria de Mauro de Almeida e Donga, sendo cantado por Bahiano. A música foi elaborada em um terreiro de Candomblé, na Praça Onze, onde ficava a casa de Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata, grande fomentadora da cultura negra no Brasil. Existe uma teoria sobre a letra desse samba que afirma que ela teria sido composta aos pedaços, já que os refrões mostram compassos diferentes, como veremos a seguir:

[Letra original]

O chefe da polícia / Pelo telefone  
Mandou avisar / Que na Carioca  
Tem uma roleta / Para se jogar  
Ai,ai,ai  
O chefe gosta da roleta / Ô Maninha  
Ai,ai,ai  
Ninguém mais fica forreta / É maninha  
Chefe Aureliano / Sinhô, Sinhô  
É bom menino / Sinhô, Sinhô  
Pra se jogar / Sinhô, Sinhô  
De todo jeito / Sinhô, Sinhô  
O bacará / Sinhô, Sinhô  
O pinguelim / Sinhô, Sinhô  
Tudo é assim

A letra foi alterada para evitar problemas com as autoridades, já que os versos “o chefe da policia/Pelo telefone/Mandou avisar/Que na Carioca/Tem uma roleta/Para se jogar/” denunciavam que o chefe da polícia fazia vista grossa à jogatina. A versão gravada posteriormente ganhou outro tom:

[Letra gravada]

O chefe da folia / Pelo telefone  
Manda avisar / Que com alegria  
/Não se questione / Para se brincar  
Ai,ai,ai  
Deixa as magoas para trás / Ó rapaz  
Ai,ai,ai  
Fica triste se é capaz / E verás tomara que tu apanhes  
Pra nunca mais fazer isso / Tirar amores dos outros  
E depois fazer feitiço...  
Ai, a rolinha / Sinhô, Sinhô

## Seção Treinel

Se embarçou / Sinhô,Sinhô /  
É que a avezinha / Sinhô,Sinhô  
Nunca sambou / Sinhô,Sinhô  
Porque esse samba/Sinhô,Sinhô  
É de arrepiar / Sinhô,Sinhô  
Põe a perna bamba / Sinhô,Sinhô  
Me faz gozar / Sinhô,Sinhô  
O peru me disse / Se o morcego visse  
Eu fazer tolice / Que eu então saísse  
Dessa esquisitice / De disse que não disse  
Ai,ai,ai  
Aí está o canto ideal / Triunfal  
Viva o nosso carnaval / Sem rival  
Se quem tira o amor dos outros / Por Deus fosse castigado  
O mundo estava vazio / E o inferno só habitado  
Queres ou não / Sinhô,Sinhô  
Vir pro cordão / Sinhô,Sinhô  
/Do coração / Sinhô,Sinhô  
Por este samba

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>2</sup> (2006) para o ensino de Filosofia no Ensino Médio, cabe à Filosofia abordar “um leque de temas, desde reflexões sobre técnicas e tecnologias até inquirições metodológicas” que pensem o exercício da Cidadania (2006, p.16). É evidente que o Samba “Pelo Telefone” nos fornece vários elementos que podem ser explorados para o entendimento da realidade da época, principalmente no que tange as estruturas sociais e relações de poder.

### 2 O CASO DO SAMBA “CHICO BRITO”

Outro samba interessante para ser usado como instrumento de análise social é o “Chico Brito”, de Wilson Batista. Wilson nasceu na cidade de Campos do estado do Rio de Janeiro e em 1929 chegou à capital. Sua principal característica era ter um olhar poético do cotidiano urbano. Com pouca escolaridade, conseguiu produzir letras que eram crônicas sofisticadas, com citações que iam do escritor Honoré de Balzac ao filósofo Jean-Jacques Rousseau.

[Letra de Chico Brito]  
Lá vem o Chico Brito,  
Descendo o morro nas mãos do Peçanha,  
É mais um processo!  
É mais uma façanha!  
Chico Brito fez do baralho seu melhor esporte  
É valente no morro  
Dizem que fuma uma erva do norte

2 MEC, 2006. Ciências Humanas e suas tecnologias: conhecimentos de Filosofia, p. 15-42.

## Seção Treinel

Quando menino teve na escola  
Era aplicado, tinha religião  
Quando jogava bola era escolhido para capitão  
Mas, a vida tem os seus revezes  
Diz sempre Chico defendendo teses  
Se o homem nasceu bom, e bom não se conservou  
A culpa é da sociedade que o transformou

Estudantes podem ser municiados pela Filosofia através das suas competências preconizadas pelos Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio (PCNEM). A letra “Chico Brito” fornece uma possibilidade de leitura ampla acerca da situação social e a configuração política da época, esse conteúdo trabalhado de forma reflexiva promoveria o pensamento crítico, tornando o discente capaz de responder, de forma transcendente, as questões pertinentes às aulas de filosofia, o que o levaria a ultrapassar a mera repetição de informações.

### 2.1 Algumas considerações

Ao abordar os problemas tratados nesse samba, coerentemente vinculamos a Filosofia a uma prática viva e diária, eliminando assim o conjunto de pensamentos usados apenas para serem reverenciados e logo em seguida esquecidos. É a partir de problemas atuais que visitamos a história da Filosofia, de forma a buscar elementos para pensar. Não tem sentido transmitir “dados” filosóficos com os quais não teríamos qualquer relação.

Não há sentido em tentar transmiti-los sem vivificá-los no questionamento apresentado na aula e Wilson nos viabiliza através do seu samba. Porque nos desperta sentir o problema e dessa forma experimentá-lo para depois lhe dar um formato racional. O que nos colocaria em uma abordagem afroperspectivista, em que o problema é reconhecido como algo de natureza do sensível, ao contrário da tese racionalista. Outra vantagem desse objeto, que é o samba, é que a sua mensagem denuncia o problema. Em outras palavras, faz com que o problema seja visto.

A vida de “Chico Brito” precisa ser investigada para que possa ser compreendida e transformada. Essa é a etapa da autonomia em que os estudantes tornem-se capazes de pensar por si mesmos aquilo que já foi pensado e assim exercitar uma cidadania de fato e não apenas de direito. Adquirindo, assim, o hábito da atitude filosófica que é desenvolver a percepção da multiplicidade ancorada no diálogo com o mundo. Daí a importância do samba nas aulas de filosofia; é em contato com a realidade que aprendemos a filosofar, e assim não podemos dispensar a oportunidade que a criação artística do sambista nos proporciona através das suas letras que suscitam de forma eficiente a realidade.

### REFERÊNCIAS

MEC, 2006. Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Filosofia, Geografia, História e Sociologia. Volume 3. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 133 p.

# A IMPORTÂNCIA DE POLÍTICAS DE COTAS NO BRASIL

Mirian Yarandasa Cruz Santos

O Brasil é um país onde imperam as desigualdades sociais. Estas advêm de longos processos históricos de colonização dos primeiros habitantes, os indígenas e do tráfico e escravização de civilizações africanas e seus descendentes. Segundos pesquisas<sup>1</sup> anteriores à implantação das cotas no Brasil, apenas 2,2% de pardos e 1,8%, entre 18 e 24 anos, cursavam ou tinham concluído um curso de graduação. Era evidente que, por causa da tonalidade da pele ou condição social, a uma imensa parcela da sociedade era impedido o acesso ao ensino superior. A questão das Políticas de Cotas, como marco de reparação histórica pelo Estado que tem arraigado em suas práticas permeado por discriminação e práticas racistas, apesar do Princípio Constitucional “Todos são iguais perante a lei”.

Quando nasce, em 2003, a política de ações afirmativas por reservas de vagas, conhecida como Políticas de Cotas, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ estabeleceu percentual de vagas para negros e carentes, provocando vários debates em torno dessa decisão. Até hoje há setores radicalmente contra. Um dos questionamentos é a suposta formação debilitada no Ensino Fundamental e Médio que fariam com que os cotistas não tivessem capacidade de concluir o Ensino Superior. Sem querer aqui entrar no embate entre contra e a favor, debate constante em nossa sociedade, não poderia deixar de registrar que o que realmente imperou nos opositores foi o Racismo. Se refletirmos sobre o ponto de vista do que foi quase meio milênio de exploração, opressão e genocídio dos povos indígenas e africanos e seus descendentes.

As atrocidades sofridas pelas populações indígenas e negras são incalculáveis e impossíveis de dimensionar. Afirmando que a política de cotas é muito importante, além de ser um avanço efetivo, mesmo que tímido, e minimamente uma reparação histórica na política educacional em nosso país. Antes das políticas das cotas, a possibilidade de disputa em uma Universidade Pública era imensamente concorrida e inacessível para esses grupos. Posteriormente foi ampliada essa política para estudantes oriundos de escolas públicas e deficientes, possibilitando entrada de maior número de jovens oriundos dos grupos sociais historicamente discriminados.

1 Revista online Fórum março 2014.

## Seção Treinel

Realizaram várias pesquisas<sup>2</sup> e foi possível verificar que os cotistas entraram na Universidade com maior motivação e com desempenho acima da média, mostrando que é possível modificar paradigmas, permitindo que o Estado, a Sociedade e a Universidade reconheçam a importância das cotas, dando oportunidades para que sejam construídos sujeitos capazes de reescrever sua própria história, onde a discriminação, o preconceito e as diferenças étnico sociais não sejam um fator para negar o acesso aos ensino superior público no Brasil.

Infelizmente há relatos de universitários que denunciam discriminação nas universidades públicas, alguns reclamam que os não cotistas acham que foi tirada vaga de estudantes brancos, que eles consideram mais capacitados para ocupar essas vagas.

Devemos lembrar que após conquistarmos as cotas nas universidades, lutamos novamente para o ingresso no setor público onde foram realizados estudos que analisaram perfis das pessoas que eram servidoras públicas nos últimos 10 anos. Concluiu-se que no ano de 2004 apenas 22% eram negros.

Já em 2013, o índice atingiu cerca de 30% do quadro funcional. Algo impensado em um país como o nosso, onde reside a maior população negra fora do continente africano. As cotas visam combater essa desigualdade, tratando os iguais como iguais e os desiguais como desiguais. (Nádia Marinho, Semovente/2016).

As políticas de cotas são uma realidade no mundo inteiro, somente aqui no Brasil as cotas geram tanto burburinho e discussões. Realizando pesquisa, verificou-se que a Índia adota este processo desde a década de 30 pelo líder dos Dalits, também conhecidos como intocáveis, a casta mais baixa e discriminada da Índia. A história está no livro *Inclusão Étnica e Racial no Brasil* escrita por José Jorge de Carvalho, prof. de antropologia da UnB. As cotas da Índia estão presentes na Constituição de 1949, funcionam até hoje e são obrigatórias no serviço público, na educação e em todos os órgãos estatais.

As cotas também estão presentes nos Estados Unidos, Malásia, África do Sul e Canadá que inclusive tem cotas no parlamento para os esquimós. Existentes também na Nova Zelândia, na Colômbia e Austrália cujo sistema beneficia os aborígenes.

A inclusão social é sinal de avanço de novas perspectivas. Não aceitá-las significa total retrocesso. Na verdade, o princípio das cotas versa sobre igualdade de oportunidade e não capacidade.

Assim, torna-se evidente que a ampliação da cidadania é a medida que atende aos princípios Constitucional Brasileiro.

<sup>2</sup> Segundo a pesquisa da Prof<sup>a</sup>. Teresa Olinda Caminha Bezerra e do Prof. Cláudio Gurgel, realizada em agosto de 2011, os estudante cotistas derrubam o mito preconceituoso de que cairia o nível dos cursos da UERJ. De forma espetacular superaram o mito do "nível" da barreira histórica do ensino precário, também foi constatado com o estudo da evasão, que o abandono de curso dos alunos não cotista é maior que os alunos de cota na UERJ. Revista Fórum 04/2014.



## REFERÊNCIA

CARVALHO, José Jorge Inclusão Étnica e Racial no Brasil. A Questão das Cotas no Ensino Superior. São Paulo: Attar Editorial, 2006.

<http://www.revistaforum.com.br/digital/138/sistema-de-cotas-completa-dez-anos-nas-universidades-brasileiras/> acessado em 20/10/2016.

<http://www.semovente.com.br/2016/04/5-razoes-para-ser-favor-das-cotas-raciais/> acessado em 20/10/2016.

# MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE RAMOS: entre racismos e antirracismos

Sebastião Lima da Cruz

Em linhas escritas, certamente não sentiremos a realidade de fatos ocorridos. Pois são leituras que, mesmo verdadeiras, não nos atingirão tanto como àqueles que foram objetos dessas ações.

Bem, vivi na comunidade da Praia de Ramos, hoje chamada de Piscinão de Ramos, durante 40 anos. Lá, pude observar tantas desordens sociais, incluindo racismo, tanto de brancos, como de negros. Discriminações, principalmente, em maior quantitativo, partindo de brancos para os negros.

Vamos a alguns casos...

Esse fato aconteceu na década de 80. Eu sou branco e estava em determinado momento com um grupo de amigos, alguns negros e outros brancos, quando nos vimos praticamente cercados por uma patrulha da PM, que, incrivelmente, nos separou por cor de pele. Brancos de um lado e negros de outro!

Isso foi insustentável! Desumano! Somente os negros foram revistados. As revistas foram feitas por dois policiais brancos.

Em outra ocasião, fato semelhante teve acontecimento em meados da década de 90. Estava em fila para usar o orelhão (telefone público instalado na rua). Éramos aproximadamente umas 10 pessoas. Acreditem, dois policiais mandaram todos ficarem encostados na parede para serem revistados. Os amigos negros foram liberados da revista. Os brancos foram revistados meticulosamente. Um deles, ainda foi agredido fisicamente, pois reclamou da discriminação, que aquilo era racismo e protecionismo. Os policiais eram negros.

No ano 2000, um amigo, almejando uma vaga num mercadinho, na mesma comunidade, mesmo tendo mais qualificação profissional do que o concorrente, foi dispensado por ser negro.

Dias depois, soube que o tal mercadinho não admitia negros como funcionários em sua folha de empregados.

Isso tem que acabar!

É um absurdo!

Uma catástrofe!

Somos humanos, criaturas do mesmo criador!

Ainda existe tempo para mudarmos essa ideologia, essa cultura, essa doutrina.

## Seção Treinel

A cor é apenas um detalhe. O amor, a paz, o carinho e a essência de viver feliz estão no nosso interior e não na nossa cor de pele!

Sabemos que atualmente, infelizmente, ainda existe muito preconceito em torno de nossa raça, branca ou negra, de um lado ou de outro. Todavia, com o decorrer do tempo, essa situação, creio eu, venha a diminuir, porém jamais terá fim. Mas, somos inteligentes e temos “alma boa”, para suportar e demonstrar que todos somos iguais perante o criador. Nosso sangue é da mesma cor!!

Quando alguém, ou seja, alguma pessoa está precisando de sangue para salvar a sua vida, esta pessoa não quer saber se é sangue de branco ou de negro, pois no coletor não vem escrito!! Imagina quanto sangue de negro já salvou vidas de brancos racistas.

Aviltante é saber que isso é um fato!!

Vergonhoso é saber que muitas pessoas (racistas) têm conhecimento dessa realidade, a procedência do material colhido.

Por outro lado, podemos contemplar algumas verdades maravilhosas que se destacaram mundialmente e que, como pessoa, sinto-me honrado em pertencer a este grupo que aplaude de pé por exemplo a eleição e reeleição do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, e a aceitação de toda a sua família e sua geração negra.

No Brasil, podemos citar, como exemplo de bravura, coragem e competência, a presidência do Supremo Tribunal Federal por um negro: Joaquim Barbosa que heroicamente sobreviveu a esse cargo, com muita honra e cidadania.

Faço lembrar também que uma negra foi eleita a mulher mais bela do Brasil, sendo coroada Miss Brasil em 2016.

Espero, não milagrosamente, pois não se chega a tanto, mas creio que está chegando a hora de mudar a mente humana, mudar por si só, chegar a um ponto comum de entendimento, que somos todos iguais, independente da cor da nossa pele.

## Seção Caxinguelê

Criações realizadas na oficina de poesia “*A descoberta de um(a) poeta*”, da unidade para adolescentes femininas Centro de Socioeducação Professor Antonio Carlos Gomes da Costa - CENSE PACGC. Atividade coordenada pela psicóloga Aline Monteiro Garcia.



### O tempo

O tempo pode apagar mágoas, mudar uma história e até reunir famílias  
O tempo apaga brigas, mentiras e até palavras jogadas ao vento  
O que o tempo não pode é apagar uma mágoa que nunca existiu  
Mudar uma história que nunca começou  
E, muito menos, reunir uma família que nunca se separou  
O tempo não pode apagar uma briga que nunca houve  
Não pode tornar verdade umas mentiras que foram faladas  
E muito menos buscar palavras que foram jogadas ao vento  
O que o tempo pode fazer  
É dar cada tempo pros seus devidos momentos  
*Autora: L.*

## Seção Caxinguelê



# Seção Caxinguelê



## Seção Caxinguelê

### Colaborar

As pessoas querem respeito  
Mas não sabem respeitar.  
Querem valor  
Mas não sabem valorizar.  
É muito fácil cobrar sem pagar  
Quere pedir, sem dar  
Devemos aprender a colaborar  
*Autora: R.*



## Seção Caxinguelê



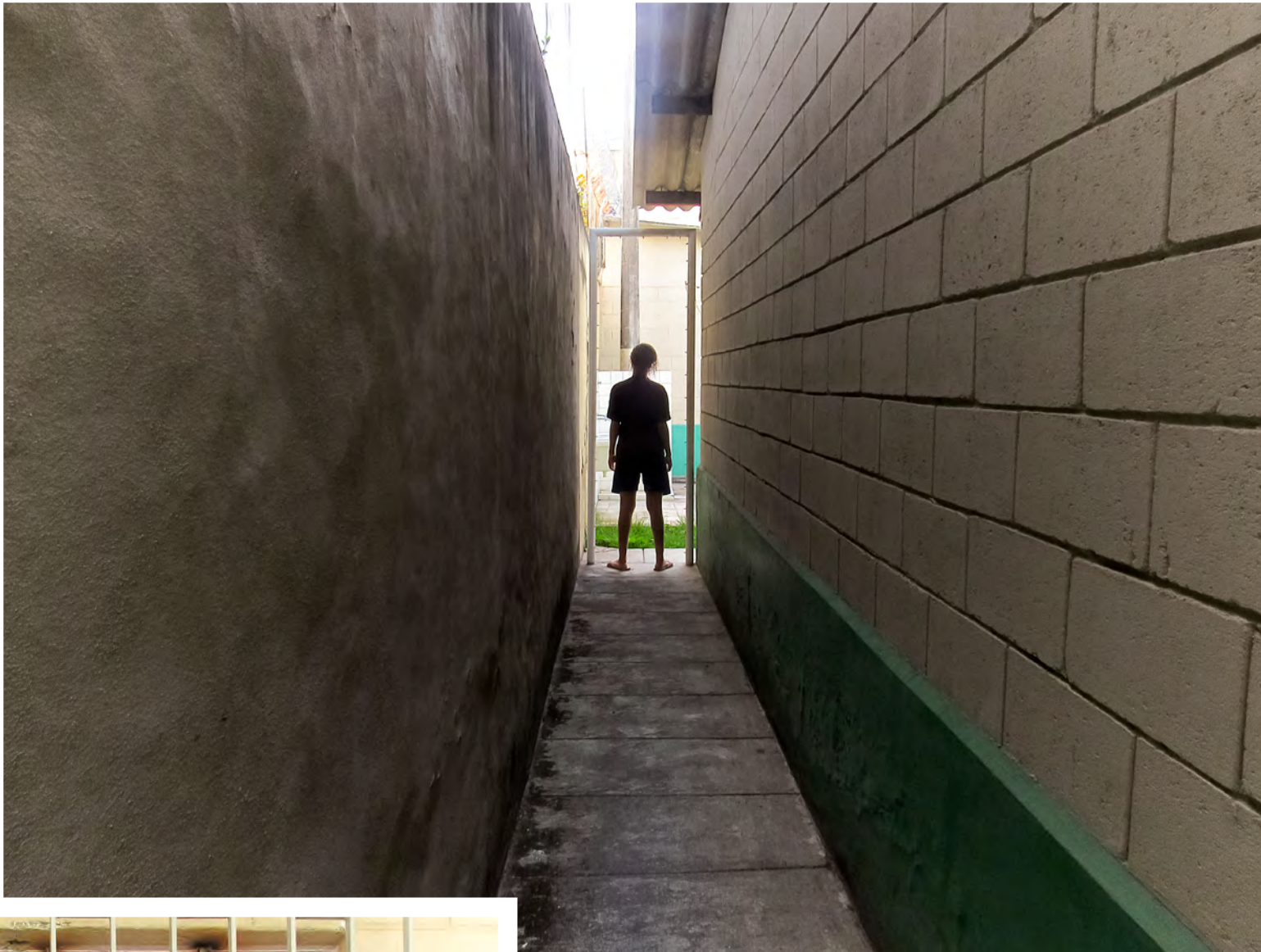
### Saudade

Saudade de te ver  
Saudade de te ter  
E na saudade que eu sinto  
Acredite, eu não minto  
E na saudade que te vejo  
Querendo te dar um beijo  
Hoje acordei pensando em você  
Adivinha é impossível te esquecer  
É impossível viver sem você  
Tudo que eu quero é poder te ver  
Matar a saudade que estou de você.

*Autoras: A. e F.*



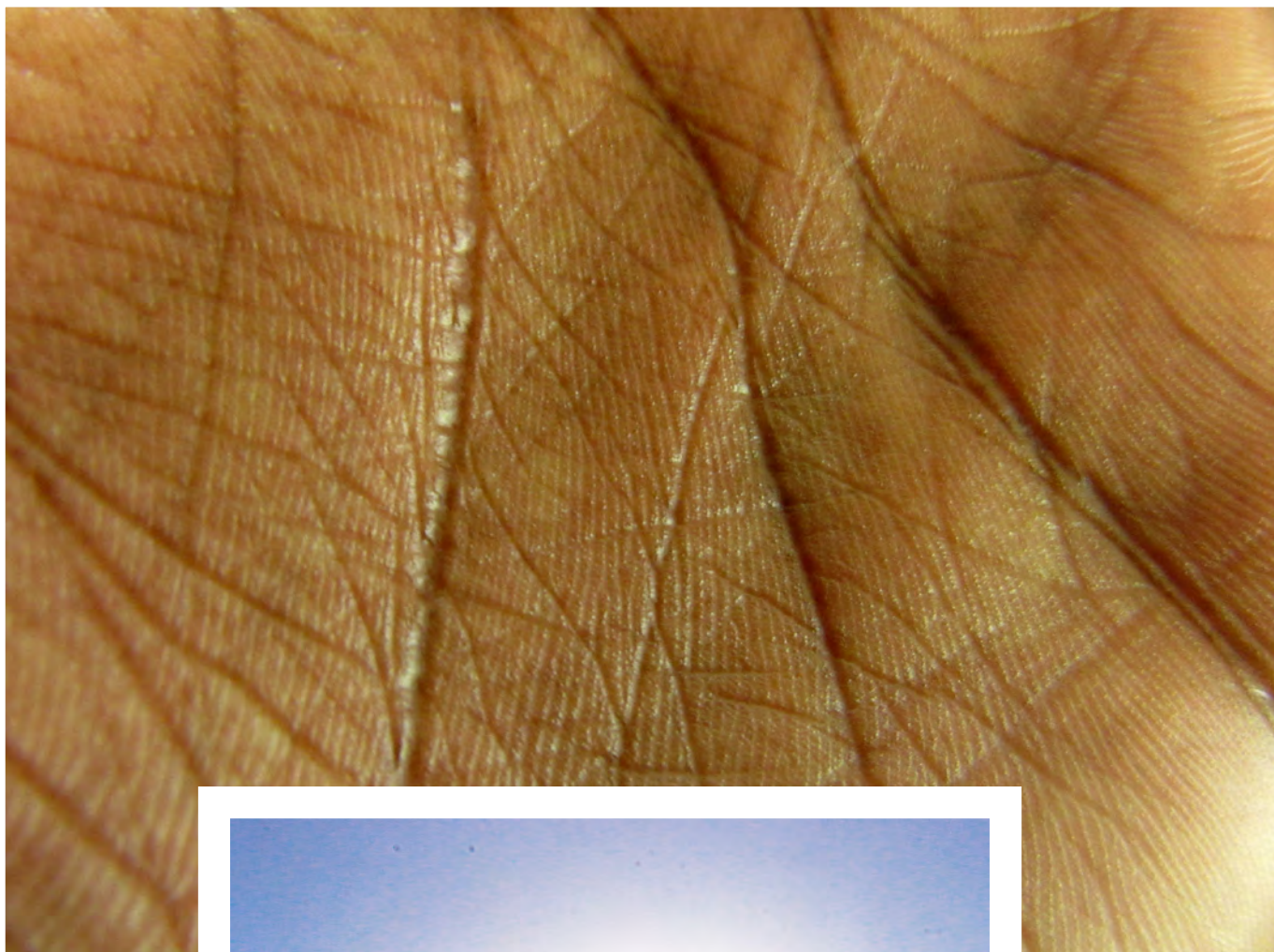




### Sonho de menina

Um dia sonhei com um vestidinho de princesa  
E um sapatinho de cristal  
E um príncipe encantado tipo daqueles  
do contos de fadas e tal  
Mas uma coisa é certa  
Sou apenas mais uma menina de periferia  
Tentando sobreviver, apens mais um dia  
Lutando contra a maldade do mundo  
Mas, enfim, superando tudo  
*Autora: L.*

# Seção Caxinguelê



## Sonho de menina

Um dia sonhei com um vestidinho de princesa  
E um sapatinho de cristal  
E um príncipe encantado tipo daqueles do contos de fadas e tal  
Mas uma coisa é certa  
Sou apenas mais uma menina de periferia  
Tentando sobreviver, apens mais um dia  
Lutando contra a maldade do mundo  
Mas, enfim, superando tudo  
*Autora: L.*



# Seção Caxinguelê



## Seção Caxinguelê

### Verdadeira mulher

Quando eu era menor e queria virar mocinha  
Minha mãe sempre dizia que tudo tem seu tempo  
E ser mulher não é fácil.

Acordar cedo, arrumar casa e fazer comida.  
Vai trabalhar, quando volta marido deitado  
Filhos correndo e cabelos em pé  
Roupas no cesto e , louça na pia  
E o sapato com cheiro de chulé!

Minha mãe dizia que não é fácil ser mulher!  
Chega a fase da TPM e fica atacada  
Volto do trabalho e a rotina de novo  
Lá vai ela arrumar a casa.

Mas mulher é tudo  
Se quiser arruma, passa, cozinha e lava  
Mas não deixa de ser a verdadeira mulher

*Autora: L.*



## Seção Caxinguelê

### Desabafo da mulher

Homem não presta,  
Juntando todos nenhum resta!  
Tô cansada desses homens  
Sai fora, nem cola,  
Sai prá lá filhote de cruz credo.  
São sujos, descarados,  
Falam que te ama  
Mas é o contrário!  
Eu consigo ser independente,  
Não preciso de você,  
Sai prá lá, seu otário  
Beija uma aqui, beija a outra lá  
Se nós fizemos o mesmo  
Somos todas piranhas!  
Sai prá lá,  
Eu também quero beijar!

*Produção coletiva: A., M., K., L., A. e R.*



## Seção Caxinguelê



*Todas fotos são da exposição "A Nossa Visão", imagens realizadas por adolescentes cumprindo medida socioeducativa, coordenada pelo fotógrafo Alex Marcos.*



Acervo Carlos Moore - Foto de Shawna Moore

# Lélia Gonzales

Raquel Barreto<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Historiadora formada pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia da Universidade Católica - Rio e atualmente doutoranda em História pela UFF. Desenvolveu no seu mestrado um estudo comparado sobre as trajetórias políticas e intelectuais de Angela Y. Davis e Lélia Gonzalez. No doutorado pesquisa o Partido dos Panteras Negras (1966-1982) e o seu projeto político.



## Seção Aruanda

*“A única saída que eu encontrei para superar estes problemas foi ser a primeira aluna da sala. É aquela história, “ela é pretinha mas é inteligente”<sup>1</sup>.*

A “pretinha inteligente” chamava-se Lélia González (1935-1997). Esta afirmação foi feita em entrevista para o jornal *O Pasquim* em 1986. Na ocasião, perguntaram-me como ela, com origens sociais populares, havia chegado aonde chegou. A resposta também revela uma das suas características mais singulares: a capacidade intelectual de articulação. Aí residiu o grande aporte dela para as lutas negras no Brasil, uma teorização original sobre a questão racial. A contribuição dela foi fundamental para rever a presença negra na formação do Brasil e, particularmente, o papel das mulheres negras. Como nos lembra Sueli Carneiro, “Lélia tinha uma coisa maravilhosa: ela conseguia positivar todas aquelas coisas com as quais nós éramos estigmatizadas”<sup>2</sup>.

A trajetória de Lélia foi ímpar para os padrões da época. Nasceu em uma grande família mineira com 18 irmãos e poucos recursos, sua mãe foi empregada doméstica e seu pai faleceu quando ela ainda era muito pequena. Lélia conseguiu, contrariando as expectativas da época para as mulheres negras, entre outras coisas, cursar três graduações (História e Geografia, e depois Filosofia), dirigir o Planetário da Gávea e ser professora em intuições de ensino superior conceituadas, como a PUC-Rio, por exemplo.

### A POLÍTICA

*“Eu vejo da seguinte maneira: é um espaço que a gente tem que conquistar [...]. Em razão disto é ir à luta e garantir os nossos espaços que, evidentemente, nunca nos foram concedidos.”<sup>3</sup>*

Sua trajetória reflete, de alguma maneira, as suas escolhas políticas. Para Lélia, fazer política significava construir tanto pela “base” quanto atuar no “topo”. Em outras palavras, não havia, para Lélia, hierarquia entre estas esferas, isto é, entre o trabalho nas bases dos movimentos sociais e a intervenção nas estruturas políticas oficiais. Por um lado, ela militou nos movimentos negro e feminista, no Partido dos Trabalhadores (PT) e, posteriormente, no Partido Democrático Trabalhista (PDT), assim como integrou o então recém-criado Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) entre 1985 e 1989. Por outro, interessava-se pela participação política institucional, tanto que, em 1982, candidatou-se pelo PT a deputada federal, mas ficou como primeira suplente. Em 1986, pelo PDT, concorreu a deputada estadual, no entanto, não foi eleita. Lélia considerava-se de esquerda – mas também era crítica, especialmente da perspectiva economicista que reduzia a questão negra a um problema meramente econômico-social. Ela dizia “não é uma mudança de sistema para o outro que vai determinar o desaparecimento da discriminação racial.”<sup>4</sup>

1 *O Pasquim* (871), 20-26 de março de 1986, p. 9.

2 Sueli Carneiro citada em depoimento a ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. História do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007. p. 183-184

3 Entrevista publicada no Jornal do Conselho da Comunidade Negra de São Paulo, ano II, n. 5, abril-maio de 1986.

4 PEREIRA, Carlos Alberto e HOLLANDA, Heloisa Buarque (orgs). Patrulhas ideológicas. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980. p.204.

## Seção Aruanda

*“Não pensem que o MNU é Lélia González. Temos irmãos pobres, das favelas, e que estão atuando como militantes ativos. Estes nos ensinaram muito mais coisas do que nos papos intelectualizados que se vê por aí”<sup>5</sup>*

Sua atuação no movimento negro brasileiro foi singular, sendo uma das fundadoras do MNUCDR (Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, posteriormente, apenas MNU) em 1978. O MNUCDR foi a conjunção de diversas organizações negras espalhadas pelo Brasil cujas atividades começaram no início da década de 1970, sob a Ditadura Militar (durante a qual não era autorizado nenhum associativismo político nem estava permitido discutir o racismo). Ela esteve organicamente vinculada ao movimento negro até o final da década de 1980.

### A TEÓRICA

*“Ora na medida em nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. [...] Por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.”<sup>6</sup>*

Lélia, ao introduzir a Psicanálise para pensar o racismo no Brasil, ofereceu uma contribuição epistemológica original. A análise da autora evidenciou os aspectos subjetivos do fenômeno, descortinando as características peculiares do “racismo à brasileira” que se caracteriza pela sua própria negação. “Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira.”<sup>7</sup> Para Lélia, esta neurose se caracterizava pelo fato de que os brasileiros se consideravam brancos, ou de que desejavam sê-lo, em um país negro de raiz cultural africana. Além disso, era também sintomático que os brasileiros mantivessem o sentimento de pertencimento a um país branco e ocidental na mesma medida em que pensavam e definiam a sua própria cultura a partir das heranças e dos símbolos afros como o carnaval, o maracatu, o frevo, o candomblé, a festa de 31 de dezembro na praia. Lélia o exemplifica com o carnaval, um momento cristizador da inversão e da subversão, esta festa cristã subvertida pela ordem da consciência quando os negros deixam de ser os marginais e se tornam símbolo da alegria. Os não negros dão a passagem para o mestre-escravo, porque o escravo deixou as suas marcas na cultura e na vida do seu opressor.

Lélia também estava atenta às características objetivas e materiais do racismo

5 González, Lélia. “Uma tentativa de unificar o movimento negro: eles, que são pretos, que se entendam” in Pasquim, 14/04/1979.

6 GONZÁLEZ, Lélia. Epígrafe de abertura do texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, in: *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*, Brasília, ANPOCS, 1983, p. 225.

7 Idem, p. 224.

## Seção Aruanda

(pesquisou e escreveu bastante a respeito)<sup>8</sup> que interferem em todo o tecido da organização social, econômica e política do país. A autora salientava que as relações de classe também eram afetadas pelo racismo. Por isso, até os brancos pobres, sem os meios de produção, beneficiavam-se do privilégio de serem brancos com recompensas materiais ou simbólicas. “O que existe no Brasil, efetivamente, é uma divisão racial do trabalho. Por conseguinte, não é por coincidência que a maioria quase absoluta da população negra brasileira faz parte da massa marginal crescente: desemprego aberto, ocupações “refúgio” em serviços puros, trabalho ocasional, [...] baixíssimas condições de vida em termos de habitação, saúde, educação, etc.”<sup>9</sup>.

### O MITO E A MEMÓRIA

*“Havia uma aldeia. Um dia chegou a essa aldeia uma amazona de torço estampado de esperança, montada num cavalo negro como nossa ancestralidade.[...]”*

*O que ela queria, todo tempo, era passar para o povo da aldeia o entendimento daquilo que eles viam a seu redor. O tempo todo ela contava a perspicácia dos caminhos que outras tribos percorreram. Ela transmitia CONHECIMENTO.<sup>10</sup>”*

É o movimento negro que mantém viva a memória de Lélia. Foram suas/seus contemporâneos e companheiros que transmitiram as histórias dela e sobre ela, que décadas depois chegaram a mim e me encantaram.

Lélia deveria ser uma referência obrigatória para todas as mulheres negras que refletem sobre a sua própria condição. Infelizmente, e por conta do próprio racismo e do sexismo, ela ainda é uma referência tímida no debate acadêmico e intelectual brasileiro. E realmente pouco lida.

Lélia foi para o Orun no dia 10 de julho de 1994. Nos últimos anos de vida, sua atuação política já não era tão intensa. Deu uma última entrevista ao Jornal do MNU em 1991. Na entrevista, fazia um balanço da sua militância e apontava com discernimento para as questões que deveriam ser pensadas pelo movimento negro para o futuro.

*“Temos que estabelecer tarefas dentro de um campo concreto e rapidinho desenvolver uma militância muito ativa junto às próprias comunidades negras espalhadas pelo Brasil. Porque não estamos mais naquele tempo (claro, quando for necessário, tudo bem) de só ficar fazendo manifestaçãozinha de rua, não. Temos que nos voltar para dentro do quilombo e nos organizarmos melhor no sentido de dar um instrumental para esses que vão chegar e vão continuar o nosso trabalho. Veja que isso é muito sério, em termos da nossa comunidade, essa ausência instrumental que lhe possibilite colocar em pé de igualdade com as populações não negras, que têm acesso extraordinário à informação.”<sup>11</sup>*

8 Há um conjunto de textos da autora da década de 1970 que tratam de aspectos mais estruturais do racismo brasileiro.

9 GONZÁLEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. Comunicação apresentada no VIII Encontro Nacional da Latin American Studies Association. Pittsburgh, Pensilvânia, USA, 5-7 abril, 1979, p.19 (mimeo).

10 Texto de Neia Daniel escrito em julho de 1994 e publicado in BAIRROS, Luiza “Lembrando Lélia Gonzalez”. In: WERNECK, Jurema et alli (org.). *O livro da saúde das mulheres negras – nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Criola/Pallas, 2000.

11 MNU Jornal, 19 (maio/junho/julho. 1991), p.8.



Acervo NEAB ND

# Iolanda de Oliveira

Livia Vidal<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Pedagoga, componente do Coletivo Mulheres de Pedra, Mestre em desenvolvimento, meio ambiente e sociedade pela ULg e UCL (Bélgica) e Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense - UFF

## Seção Aruanda

*“Chão de terra, terra preta” (Jenyffer Nascimento)*

O texto em homenagem à Professora Doutora Iolanda de Oliveira, orientadora de mestrado, para mim tem cor de terra fértil! Nem sei se se trata de fato de uma questão de cor, talvez seria o cheiro. Hum... acho que sinto, é isso, é mais do campo da sensação, textura, tato, contato... Acho que se trata disso, uma força e potência comparáveis a esse contato direto, esse tocar, afundar e misturar mão e pés com a terra.

Essa imagem da terra, essa sensação me remete a lembranças relatadas por ti e por mim imaginadas... a de plantar o cordão umbilical de cada recém chegado à família, a de aguar a terra com a água toldada das luvas femininas das filhas de sua casa, aquela em que brotavam raízes para alimentar.. Quantos cheiros e sensações. Vejo, sinto mãos marcadas de terra. Ah! Essas lembranças também têm som, o som do apito do trem! Vindo de longe, trazendo, na fumaça do café que acaba de passar, a notícia de quando o pai voltará...

Minha estada pela sua morada trouxe muito mais que lembranças lindas, por ti revividas, contadas, revisitadas, e por mim coloridas, de sua história de vida. A temporada de estudo e escrita em que recebi guarita em seu quintal foi terreno fértil de lembranças minhas, que agora compartilho aqui. Foram vividas sob a sombra da mangueira, cultivadas com o apreço entre temperos, ervas, pimentas e hortaliças da hortinha e cheirinho de chás.

Nossas trocas, nosso encontro e meu processo complexo e mudo passava pelo oculto desafio de grafar o papel com relatos, palavras e reflexões críticas acerca do trabalho que fazia. Falar, defender uma ideia na fala, travar uma luta com a palavra contada não temia, mas o papel vazio, o papel inteiro, infinito me parecia. Sabia, talvez sem saber dizer o quanto a escrita, a palavra escrita, seu valor e seu poder me pareciam distantes, uma montanha gigante a escalar, precisava chegar no pico, mas não possuía nem ferramentas, nem a técnica, nem a prática. Minha palavra escrita ainda pedia autorização para tornar-se autoria.

*“As mulheres negras na diáspora não passam a escrever naturalmente”<sup>1</sup>*, me ampara bell hooks, educadora negra, norte americana. Convoco a essa homenagem escritoras negras, pretas que vivenciaram e enalteceram o valor e o poder da palavra escrita, seja a palavra poesia, seja a palavra resistentemente científica. Convoco guardiães da palavra, da grafia, pois como bell hooks mesmo pontua, esse é um reino sagrado. E sinto-me honrada e convocada a honrar sagradas rainhas.

Maria Firmina dos Reis é mais uma rainha, educadora maranhense que, no século XIX, assinava romances e poesias, pedia licença para, na condição de mulher, ousar adentrar esse território que, em tempo imperial, acreditava-se privilégio fálico, isso ainda não mudou. Negra, Firmina educou, alfabetizou, subverteu os castigos impostos no espaço do aprendizado, parte da didática daquele tempo, misturou sexos, raças. Era sabida, considerada até hoje representante sábia do mundo da palavra. Vejo-a assim, Professora Iolanda, guardiã da palavra, impulsionadora e feroz provocadora do educar, do pensar e do fazer.

1 hooks, bell. *Remembered Rapture: the writer at work*, 1999. Tradução de Kátia Santos, trecho do Prefácio.

## Seção Aruanda

A guarita recebida, em janeiro deste 2017, foi um berço para minhas linhas, permitiu que as 166 páginas dissertadas fossem encontrando rumo e caminho para se deixarem ocupar. As palavras foram se alargando, se espalhando, encontrando espaço para se assentar. E mesmo aquelas que não ousava anunciar, temendo serem ousadas demais, devaneios sem fim. Afinal de contas “temos visões que devem ser protegidas e apreciadas, pois ainda estamos reivindicando nosso lugar em palavras” (hooks, 1999). Dar credibilidade apesar de todos os esconderijos e tropeços onde as escondia bagunçadamente, aqui, ali, por debaixo de todas as vestes de segurança, certezas, postura e fala reflexiva, crítica, devidamente encadeada.

Lá naquele quintal, à sombra da jovem mangueira, com pés e energias alinhadas em mergulhos no mar e caminhadas, descobrindo recantos de Itaipu. Ali, sob seus olhos e cuidados, aos poucos, cada vez menos tímida, jorrei. A terra, as palavras, raízes, memórias, árvores genealógicas que até então escapavam, iam encontrando esteio, amparo, e fincando suas bases mais sólidas. Como sinalizou minha mãe, chegou em minha roda mais uma mãe para amparar e cuidar, já que nossas vivências e necessidades são mesmo de coletividade.

E seus olhos, leio-os assim, me ativaram como fogo. Sim. Chamas que incendeiam, despertam, lambem, acendem, aquecem e queimam. Sim. Duas chamas vivas. Labaredas em chamas. Olhos de fogo, eu diria isso sobre as janelas de sua alma. Olhos que devoram e alimentam! Sou grata por ter sido capturada por eles, ter sido alimento para esse fogo, ter sido guiada e orientada por esses olhos que viam o que eu ainda não conseguia ler.

E fico alimentando minha fogueira imaginária, inventando, refazendo e recozendo, o como devia ser.. Como deve ter sido. Estudar, ser educadora, escolher um caminho profissional, lá nos idos inícios dos anos 60. Seguir, continuar, impulsionada pela incompreensão familiar, pela curiosidade pessoal, pela beleza das descobertas e pela potência de um pensamento que afirma, atua, demarca, desafia, avança, calcula, projeta. Uma menina negra, a filha do meio dentre dez irmãos. Trabalhando, estudando, trilhando um caminho tão inusitado quanto imprevisto.

*Como assim do interior? Uma moça de família? Ah, sim! Iolanda, a filha da lavadeira? Como?*

Outro tempo, outras terras, outras histórias previstas, outros destinos prescritos. Escreveu a sua própria. E tudo isso, só consigo imaginar... E não para, não. Não é só isso. Não para por aí.

*Chegou no Rio de Janeiro? Sim! Veio lá de Três Rios, lá daquelas bandas, é de lá, de onde dizia ser o Vale dos Tambores! Veio completar a formação no campo da educação. Entrou até pra universidade! Aquela menina pretinha? Ah, sim! Já virou uma mulher!*

## Seção Aruanda

Hoje uma Doutora, possivelmente a primeira Doutora Preta, professora da faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Imponente! A academia a necessita. Necessita de muitas Iolandas, em todas as áreas, em todas as faculdades. Pensando, construindo e reinventando o estudo sobre nossas estruturas institucionais assentadas em história e práticas racistas cotidianas. Que a academia saiba reverenciar, apoiar e valorizar essa caminhada de construção e difusão de conhecimentos que nos tornam pessoas mais cuidadosas, cidadãos melhores, humanos deveras humanos e solidários. Que a educação seja consciente desse legado e saiba usufruir cada dia mais da bagagem consolidada pelo PENESB, instituição que torna concreto e visível um tanto deste seu trabalho.

Sabemos que nossa história contada daqui pra frente ainda precisa de conexão com terrenos sagrados distantes para se sustentar, para se amparar. Desejemos que o mundo esteja sustento e possa também nos amparar. Amparar nossos choros calados, nossos gritos abafados, nossas crenças massacradas, nossa cor pisoteada, nossos traços alvejados. Obrigada por apesar disso nos representar!

“A terra é negra. Ela se amassa com o pé. Ela é massapê. Um chão de cor muito escura formado há milhões de anos de decomposição do granito perdido na eternidade. Pedras que lentamente foram se transformando em um piso de argila, maleável e extremamente fértil, que faz de tudo brotar. Os pés nus que amassavam o massapê se confundiam com a cor da terra: preta. Ouro negro de barro, ouro negro de carne.” (Eliana Alvez Cruz, )



Foto de Mazé Mixo

# Mãe Beata

Luciane Barbosa de Souza (*Dofonitinha da Oxum*)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Patrimônio, Cultura e Sociedade, do Instituto Multidisciplinar. Campus Nova Iguaçu da Universidade Federal Rural Fluminense - PPGPACS/ IM/ UFRRJ. Pedagoga (FEBF/ UERJ).



## Seção Aruanda

Enquanto vida eu tiver, enquanto Olorun quiser, eu estarei aqui no Aiyê para lutar. Nada vai me dizer: para mulher! Porque eu seguirei em frente! Não solte a minha mão, porque eu não soltarei a de vocês. A luta é nossa e a vitória é nossa. O mundo é das mulheres!

Mãe Beata de Iemanjá

*Chamada para o Festival Emergências - recado de Mãe Beata de Iemanjá, referência da cultura dos povos de terreiros.*

Agô!

Agô minhas mais velhas,

Agô meus mais velhos,

Iyá mi,

suas mãos... seu ventre...

sua força... seu caráter...

sua África... seu pertence...

seu legado... seu presente: nossas águas...

Iyá mi, seu mar... oceano de lutas, sua incansável voz...

Vida, dentro de cada uma de nós!

Eu vim a mando de Dandara. Eu vim a mando de Zumbi. Não pergunte quem eu sou. Preciso dizer? Minha voz, o meu grito é a defesa de vocês. Sou negra, sou mulher. Nunca me prostituí. Não quero que me chamem de mulata, nem tão pouco de saputi. Diga comigo: mulher, você tem identidade. Mulher você tem raiz. Mulher você é favela. Diga: mulher é para isso que estou aqui. Sou mãe, sou uma Iyalorixá do Candomblé e posso dizer: sou eu, Beata de Iemanjá, sou guerreira e sou mulher. Obrigada a todos e a todas.

Mãe Beata de Iemanjá

*Exposição ARTE COMO OFERENDA – organização: Ilê Omiojuarô – NI e RJ, dezembro de 2016.*

**E foi assim que ela fez...**

## Seção Aruanda

Beatriz Moreira Costa, a Mãe Beata de Iemanjá, nasceu no interior do Recôncavo Baiano. Aprendeu com a sua luta a se manter viva ao longo de toda a sua vida, dia após dia.

Em 1931, no dia 20 de janeiro, o mar uniu-se à encruzilhada. Sua mãe, Maria do Carmo, deu à luz a menina Beatriz.

Mãe Beata nasceu e cresceu nos arredores de Cachoeira do Paraguassu em meio às reminiscências materiais e simbólicas do período da escravidão no Brasil. Durante a sua infância e juventude, enfrentou muitos dilemas em uma sociedade patriarcal e racista. Mãe Beata sempre nos contava sobre o seu sonho de ser um anjo em uma peça natalina da escola. Dentre as personagens, ela escolheu ser o anjo, mas a escola não permitiu que o anjo fosse ela, uma menina negra. Mais tarde, por ordem do pai, ela teve que abandonar os estudos. Sempre nos falava as palavras do pai: “ele dizia que filha dele não aprendia a ler e a escrever para que não escrevesse bilhete para chamar homem”. Desde bem nova, questionava os valores de uma sociedade racista, conservadora e patriarcal.

Iniciou-se nos anos 1950, em Salvador, no Terreiro do Alaketu - Ilê Axé Maroialaji, pelas mãos e sabedoria ancestral da sacerdotisa descendente do antigo Reino de Ketu (atualmente situado no Benin) Iyá (Mãe em iorubá) Olga do Alaketu. Em busca de uma vida melhor, no fim dos anos 1960, Iyá Beata separou-se do marido e veio para o Rio de Janeiro com suas duas filhas (Ivete Moreira Costa e Doya Moreira Costa) e seus dois filhos (Adailton Moreira Costa e Aderbal Moreira Costa). Trabalhou como doméstica, manicure, cabeleireira, costureira, foi atriz, artesã e escritora, também fez cursos de teatro e participou de vários grupos folclóricos. Em 1985, após conseguir aposentar-se, funda o seu pertence, o seu quilombo de ancestralidade: o Ilê Omiojuarô, na Baixada Fluminense, em Miguel Couto - bairro da cidade de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro.

## Seção Aruanda

Vida que é minha vida  
Que eu não vou negar  
Vida que é minha vida  
Que minha ancestralidade eu vou guardar  
Vida que é minha vida  
Vida que eu não vou deixar  
Vida que é minha vida  
Que me ensinou a caminhar  
Vida para mim é fé  
Vida que eu sei o que é  
Vida é respeito  
De pegar e acolher  
Vida é tudo isso  
Que Orixá me ensinou a fazer  
Vida é tudo isto que guardarei com todo o amor  
Vida é para mim tudo que os ancestrais a mim transformou  
Deram-me a responsabilidade  
De amar a vida  
Guardar o sagrado  
Sempre à espreita em um corredor  
Para saber o que vinha contra o nosso protetor  
Bebendo a água do pote  
Olorun que me ensinou  
Comendo acaçá  
O alimento dos Orixás  
Vida que é minha vida  
Que minha ancestralidade eu vou guardar  
Vida que é minha vida  
Vida que eu não vou deixar  
Vida que é minha luta  
Que me ensinou a caminhar  
Vida que é tudo isso  
Que agora eu vou lhe mostrar

*Mãe Beata de Iemanjá*

*Poema para o 28º Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade – Iphan, 2015. Título conquistado por Mãe Beata de Iemanjá e o seu Ilê Omiojuarô pela defesa e preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro.*

## Seção Aruanda

Mãe Beata escreveu os livros “Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros” e participou dos livros: “Histórias que minha avó contava”, “Tradição e Religiosidade” e “O Livro da Saúde das Mulheres Negras”.

### NOSSA DEFENSORA

Mulher negra, mãe, Iyalorixá,

Em 20 de abril de 1985 - data de fundação do seu terreiro Ilê Omiojuarô, que, na língua iorubá, significa “A Casa das águas dos olhos de Oxóssi” – Mãe Beata tornou-se a mãe de muitas filhas e muitos filhos de santo. Durante toda a sua caminhada, essa mulher das águas construiu seu espaço de resistências e lutas, onde acolheu e foi acolhida com ancestralidade e fé. Mãe Beata atuou em diversas frentes: pela luta antirracista; pela defesa da diversidade cultural; pelo acesso à saúde; contra todas as formas de discriminação; pelo respeito ao ser humano; contra o racismo religioso; contra a homofobia, a lesbofobia e a transfobia; pelo acesso à educação, ações afirmativas; no movimento de mulheres negras; transformando a própria vida e a vida de quem encontrava a dela.

Referência para muitos e muitas, a sua memória histórico-religiosa afro-brasileira de lutas e resistências a fez ser fonte de lutas e saberes para um mundo melhor. Mãe Beata foi presente, passado e futuro nos textos e nas pesquisas: monografias, artigos, dissertações, teses, livros, contos, etc. e, sobretudo, o mais importante: na vida de muitas de nós, mulheres.

Por sua trajetória de incansáveis lutas, ela recebeu diversas homenagens, prêmios, medalhas, diplomas, títulos, etc.

### O LEGADO DE MÃE BEATA DE IEMANJÁ

Mãe Beata transformou-se em nossa ancestral no dia 27 de maio de 2017. Foi em um sábado, no dia de nossas mães, que ela virou perfume. Em sua última entrevista publicada, ela refletiu sobre a vida e a morte:

Tudo começou com aquelas e aqueles que vieram antes de nós. Essa força é o tamanho da ancestralidade. E o seu legado, Iyá, ficará... E quando a senhora nos perguntar: “Quem tá aí?”, responderemos: “Nós, Iyá. Nós estamos aqui! Junto do seu perfume”.

– “Nós não morremos. Há uma continuidade de outra vida mais plena, com mais sabor, com mais serenidade. Nós somos como um vidro de perfume. Se uma grande essência cair, se quebrar fica aquele aroma delicioso, de capim, de rosa, sem você saber... Nós somos espíritos, somos os eguns, porque os nossos antepassados estão ali conosco”.

Mãe Beata de Iemanjá<sup>1</sup>

<sup>1</sup> <http://istoe.com.br/somos-como-perfume-diz-mae-beata-de-iemanja-a-afp-dias-antes-de-morrer/> Publicado em 30/05/2017

## Seção Aruanda

No dia 07 de junho de 2017, ela nos levou até a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro para a cerimônia póstuma da entrega da Medalha Tiradentes - aprovada anteriormente, foi proposta pelo mandato do Deputado Estadual Marcelo Freixo. Éramos mais de trezentas pessoas, nossas homenagens foram emocionadas e emocionantes, de muito axé por essa mulher de caráter tão grandioso.

Recentemente, no dia 20 de junho de 2017, foi apresentado, em homenagem à Mãe Beata na Câmara de Vereadores de Nova Iguaçu, o Projeto de Lei de nº 88/2017 que institui o Dia 27 de Maio (dia de seu falecimento) como o Dia Municipal Contra a Intolerância e o Preconceito - por meio do vereador Aguinaldo Barboza Peixoto.

Mulheres do meu Brasil. Somos mães, somos guerreiras. Me dê a mão. Não pensem em parar, vamos atravessar o Atlântico a nado, do outro lado vamos gritar. Não pense que isto não aconteceu, do lado de cá eu cheguei e estou aqui até hoje navegando em vários tombeiros. Tombeiros do ar, da terra e com vocês eu quero navegar, e não importam quem sejam vocês. Venham, bebam a água do meu pote saciem vossas sedes e com vocês eu quero navegar. Vão aos guetos, às favelas, nos hospitais, nos presídios e chamem todos aqueles que querem nos acompanhar. Acolham as minorias, e vamos dizer a eles: homofóbicos, estupradores, ferraduras e chibatadas, nós não vamos aceitar. Venham meus irmãos e irmãs. Companheiros e companheiras, essa pátria é nossa, cantem comigo.

Mãe Beata de Iemanjá

Chamado de luta publicado em seu perfil da rede social Facebook, em 23 de junho de 2016.

### **UM POUCO DA SUA TRAJETÓRIA DE LUTAS E RECONHECIMENTO**

**1985** - Fundação da Comunidade de Terreiro Ilê Omiojuarô (Casa das Águas dos Olhos de Oxóssi) de Beata de Iemanjá, pela sua Iyalorixá Mãe Olga do Alaketu, em 20 de abril, no bairro de Miguel Couto, Nova Iguaçu.

**1989** - Sedia, em sua Comunidade de Terreiro, o X Encontro Regional das Religiões Afro-brasileiras, em 28 de novembro.

**1991** - Recebe da Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro Moção Honrosa e Congratulação pela Militância e Resistência da Cultura, Religião, Cidadania e Dignidade da população afro-brasileira. Recebe, em 20 de novembro, o Diploma de Personalidade de Destaque da Comunidade Negra, no mandato do Deputado Estadual Marcelo Dias, no Rio de Janeiro.

**1992** - Fórum Global/ 92 - Participa como cicerone e mentora religiosa no Encontro Mundial pela Paz - RJ. Inicia o Projeto Social Ação e Viver em 18 de maio - viabilizando a participação de jovens carentes da região e integrando-os à Comunidade de Terreiro. Miguel Couto, Nova Iguaçu. Recebe, em 13 de maio, o Diploma de Honra ao Mérito da Prefeitura Municipal de Belford Roxo - RJ.

## Seção Aruanda

**1994** - Realiza no Ilê Omiojuarô, dentro do Projeto Ação e Viver, o Fórum de Debates "Cidadania x Violência". Em Miguel Couto, Nova Iguaçu.

**1998** - Inicia em julho, no Ilê Omiojuarô, o Projeto Comunidade Solidária do Governo Federal, capacitando profissionalmente na área de informática vinte e cinco jovens carentes da região e integrando-os à Comunidade de Terreiro. Promove em dezembro, na sua Comunidade de Terreiro, a campanha "Natal sem fome" com distribuição de roupas, brinquedos e cestas básicas à população da região.

**1999** - Inicia em março a segunda turma do Projeto Comunidade Solidária, capacitando profissionalmente a juventude da Baixada Fluminense. Realiza oficinas de percussão para jovens de Comunidade de Terreiro da Baixada Fluminense. Miguel Couto, Nova Iguaçu.

**2000** - 20 de Abril, Miguel Couto - NI - comemora quinze anos da fundação de seu Terreiro intensificando as atividades socioculturais. Lançamento do CD "Cantigas de Orixás". Realiza oficinas de candomblé para não iniciados, universidades, escolas públicas, eventos culturais e turísticos.

**2004** - Implanta, em sua Comunidade de Terreiro, o "Projeto Acelera Jovem", em parceria com a ONG Viva-Rio, voltado para jovens entre 15 e 25 anos que ainda não completaram o Ensino Fundamental. Em outubro, Miguel Couto - Nova Iguaçu. Recebe o Prêmio Ossain, em novembro, no Rio de Janeiro.

Participa da peça "Olhos D'água", de autoria de Ismael Ivo, que retratava a discriminação racial através das vivências de três atrizes negras, uma delas Mãe Beata. Na Casa da Cultura de Berlim, Alemanha.

**2005** - Recebe a Medalha de Mérito Cívico Afro-brasileiro, homenagem conferida pela Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares. Em maio, São Paulo.

**2007** - Mãe Beata de Iemanjá recebe o prêmio Bertha Lutz, no Senado Federal.

**2008** - Mãe Beata é homenageada pela Ministra Nilcéa Freire durante a cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Políticas Públicas Para Mulheres.

**2010** - Mãe Beata participa da cerimônia que ocorre no Teatro Glauce Gil onde autoridades assinam o convênio para criação de Centro de Referência de Enfrentamento à Intolerância Religiosa e a Promoção dos Direitos Humanos.

**2012** - "Ecologia e Cultura dos Povos Tradicionais de Terreiro e Povos Originais", realizada no espaço "Religiões por Direitos", no âmbito do Movimento Diálogo Inter Religioso contra a Intolerância Religiosa Pela Paz, na Cúpula dos Povos, RJ.

## Seção Aruanda

O Deputado Federal Jean Wyllys indica a primeira Iyalorixá, Mãe Beata de Iemanjá, para receber a Medalha Mérito Legislativo da Câmara dos Deputados, em novembro de 2012.

**2014** - Participa da audiência pública da Comissão da Alerj de Meio Ambiente -presidida pelo Deputado estadual Carlos Minc, sobre a Curva do S. e discute a construção de 'Macumbódromo' - Rio.

**2014** - Participa do ato público "Independente de Escolhas, Somente Unidos Somos Fortes", em solidariedade aos cultos religiosos de matriz afro-brasileira na sede da Associação Brasileira de Imprensa.

**2014** - Recebe o Prêmio de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, entregue pela Secretaria de Cultura do Estado - SEC-RJ.

**2014** - Recebe o Prêmio Patrimônio Cultural dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana / PNPI - 1ª EDIÇÃO/ 2014: Mãe Beata de Iemanjá: O Saber Ancestral.

**2015** - VIII Prêmio Camélia da Liberdade. Conferido a Mãe Beata de Iemanjá, pela iniciativa exemplar em prol das ações afirmativas para inclusão social voltada aos afro-brasileiros.

**2015** - Recebe o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade - BRASIL/ IPHAN/ PRMFA/ 28ª Edição - Categoria I - Iniciativas de excelência em técnicas de preservação e salvaguarda do Patrimônio Cultural: "Ilé Omiojúàrò: Patrimônio Cultural" (RJ) - Proponente: Beatriz Moreira Costa - Mãe Beata de Iemanjá

**2017** - Em 07 de junho, foi entregue aos filhos e filhas, na Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro, a Medalha Tiradentes e o respectivo diploma à Iyalorixá Beatriz Moreira Costa, a Mãe Beata de Iemanjá, por iniciativa do Deputado Estadual Marcelo Freixo.

No dia 20 de junho de 2017, foi apresentado, em homenagem à Mãe Beata, na Câmara de Vereadores de Nova Iguaçu, o Projeto de Lei de nº 88/2017 que institui o Dia 27 de Maio (dia de seu falecimento) como o Dia Municipal Contra a Intolerância e o Preconceito - por meio do vereador Aguinaldo Barboza Peixoto.



Acervo NEAB ND

# Mestre Vieira

Paulo Henrique Menezes da Silva (*Mestre Paulão Kikongo*)<sup>1</sup>

---

1 Mestre de Capoeira; Jornalista; Bacharel em Direito pela Universidade Cândido Mendes; Conselheiro Nacional e Estadual de Política Cultural; Membro do Grupo de Trabalho da Salvaguarda da Capoeira do IPHAN; Pesquisador convidado na construção do Dicionário Enciclopédico Virtual da Capoeira pelo LEECCC – Laboratório de Etnografia e Estudos e Comunicação, Cultura e Cognição da UFF; Funcionário Público Concursado e Membro da Comissão de Avaliação dos Pontos e Pontões de Cultura do MINC – Ministério da Cultura.



## Seção Aruanda

Nascido no dia 14 de fevereiro de 1956, no Morro da Matriz, no Engenho Novo, José Vieira dos Anjos, conhecido no mundo da Capoeira como Mestre Vieira, tinha como madrinha a Vovó Inês, parteira muito conhecida da região. A família era humilde e enfrentava muitas dificuldades para trabalhar e cuidar do pequeno José Vieira, assim, após conhecerem, através de amigos, uma instituição para menores, o internaram com seis anos de idade na Escola Wenceslau Brás, em Caxambu, no estado de Minas Gerais, escola esta pertencente ao SAM (Serviço de Assistência ao Menor). Criado em 1941, o SAM tinha como objetivo sistematizar e orientar os serviços de assistência aos menores abandonados internados em estabelecimentos oficiais e particulares. Logo após a extinção do SAM e criação da FUNABEM – Fundação Nacional de Bem Estar do Menor através da Lei 4513, de 1º de dezembro de 1964, José Vieira é transferido para a Escola XV, da extinta FUNABEM, hoje CEI - FAETEC de Quintino, no município do Rio de Janeiro.

### **MESTRE VIEIRA E SEU “ENCONTRO” COM A CAPOEIRA**

Depois deste um longo período internado, Mestre Vieira conheceu a capoeira através do Programa Flavio Cavalcanti, encantando-se e logo começando a dar os seus primeiros passos na arte da capoeiragem. Ele, após pesquisar em livros e jogar capoeira nas rodas de rua existentes na cidade do Rio de Janeiro, teve contato com Mestre Rubinho, com quem foi se aperfeiçoando e ampliando os seus conhecimentos, malícia e destreza.

No dia 13 de julho de 1973, fundou, na FUNABEM, o Grupo de Capoeira Aidê – Arte Marcial Brasileira. Segundo Mestre Vieira, era prioridade do Grupo Aidê desenvolver atividades capoeirísticas e de cidadania em áreas carentes, combatendo a prática da violência e o uso indevido de drogas, orientando crianças e adolescentes para um bom convívio social e busca de um futuro promissor. Para ele, não deveríamos fazer da capoeira uma luta que gerasse ódio e violência e sim sabedoria, consciência, saúde, humildade, cooperação e cultura.

Em 1974, Mestre Vieira ingressa no Corpo de Fuzileiros Navais, onde também ministrou aulas de capoeira, sendo ali chamado pelo apelido de Mestre Zé. Naquele espaço formou alguns mestres, dentre eles os Mestres XV, Porquinho e Maurício. Muito respeitado no meio da capoeira, Mestre Vieira formou, ainda, os seguintes mestres: Gilbertinho, Paulo Jorge, Gil, Branca, Garrincha, Paulão (in memorian), Buraco, Samuca, Pedrinho e Brasil.

Para Mestre Vieira, lutar capoeira é o mesmo que filosofar e poetizar, é uma terapia brasileira. Remédio para muitos males. É estar de bem consigo, ser independente, extrovertido e solidário com o sofrimento alheio. Por sua filosofia de trabalho, Mestre Vieira era chamado por todos e todas de Baluarte da Capoeira.

## Seção Aruanda

MORRE UM GRANDE GUERREIRO. FICA O SEU LEGADO!

*“Berimbau tocou, sem parar.  
Capoeira não entendeu  
O que houve o que há!”<sup>1</sup>*

No dia 19 de março de 2011, o Rio de Janeiro perdeu um de seus grandes mestres, precursor de grandes eventos de capoeira em nosso estado. Com uma grande consciência racial, tinha a preocupação de transmitir o seu conhecimento para os jovens, ensinando-lhes a importância da preservação de nossa cultura.

Na época do Campeonato Pan-Americano de 2007, o Mestre Vieira esteve comprometido na realização de um grande evento de capoeira denominado CAPOEIRA DO RIO É PAN. Incansável em sua luta pela preservação e divulgação de nossa arte, uma de outras de suas grandes obras foi uma grande Roda de Capoeira com uma suculenta feijoada para comemorar o Dia 20 de Novembro – Dia Nacional da Consciência Negra. Em seu trabalho, Mestre Vieira sempre fez questão de afirmar a negritude presente na capoeira. Ele (como muitos Mestres de Capoeira e de outras culturas) deu a vida pelo que acreditava. Seu trabalho, dizia, não havia sido feito de uma vã filosofia. Partiu de uma dura realidade vivida por ele em uma sociedade racista, discriminatória e de uma política social desigual e desumana que criminalizava (ainda hoje) pretos e pobres. E, por tudo isso, com certeza o legado deixado por ele para as futuras gerações ficou marcado na história da capoeira.

<sup>1</sup> Música de Capoeira de autoria do Mestre Vieira.

# LER LIMA BARRETO: uma justa festa literária atemporal

Simone Ricco<sup>1</sup>

Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela.  
(Lima Barreto)

Depois de uma edição denunciada pela ausência de escritores negros, em 2017, a mais conhecida festa literária brasileira homenageia Lima Barreto. O gesto é justo e se adequa ao necessário movimento de visibilidade dos protagonismos negros negligenciados no decorrer de nossa história, marcada por diferentes formas de negar pessoas, saberes e fazeres diferenciados dos valores europeus privilegiados na formação da sociedade.

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) viveu 41 anos e nesta breve existência experimentou a negação, refletida em episódios presentes em seus textos que incluíram na literatura os excluídos pela sociedade do “país dos bruzundangas”, no qual o autor constatou o que ganha reforço no surreal cenário brasileiro de 2017: “Ora, a lei! Que burla! Que trabuco para saquear os fracos e os ingênuos...”.

Barreto nasceu no dia 13 de maio, mesma data em que, sete anos depois, a Lei Áurea demarcaria novos desafios para os afro-brasileiros libertos da escravidão, mas ainda acorrentados a um imaginário de subalternidade e distanciados de atividades como a literatura. A produção literária do autor teve início nas duas primeiras décadas do século XX, período muito significativo para a formação da Literatura Brasileira, no qual foi estabelecido um contexto sociocultural responsável pelo predomínio da autoria branca, produtora de obras literárias repletas de “negros boçais”, “escravos violentos”, “negras ardentes” e outros estereótipos que ajudaram a delimitar lugares para a população negra no imaginário brasileiro.

Destoando da população negra da época, Barreto teve acesso à educação formal, mas precisou interromper os estudos por conta da desestrutura familiar resultante da morte da mãe e doença mental do pai. Como tantos outros jovens negros, precisou trabalhar, afastando-se da escola, contudo investiu na formação autodidata. O conhecimento e as habilidades desenvolvidas tornaram possível sua entrada no jornalismo como amanauense e a conquista de uma vaga na Secretaria de Guerra.

<sup>1</sup> A autora é professora da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e Mestre em Letras/Literaturas Africanas pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

## Seção Zum-zum-zum

Leitor ávido, travou contato com literatura e filosofia européias, com as quais dialogou para ampliar sua habilidade em moldar a escrita literária a partir da percepção de dilemas do seu tempo e do cotidiano, fazendo deles parte do material usado na criação de diários, crônicas, correspondências e romances que constituem sua obra completa, repleta de registros de memória que abastecem o conhecimento histórico sobre práticas políticas e sociais que nos permitem localizar a origem de muitas questões presentes em episódios reais da vida brasileira.

Com o passar do tempo, a (re)leitura das obras confirma as rupturas operadas pelo sujeito e pelo autor Lima Barreto. Suas narrativas desempenharam um papel precursor no movimento de inserção do negro como sujeito na Literatura Brasileira. O autor abole os padrões parnasianos, envereda pelas ruas do realismo, cruzando a cidade da Zona Sul aos subúrbios e, com discursos e ações de seus personagens e narradores-personagens, veicula subjetividades existentes na travessia negra pela sociedade brasileira. Em sua obra e vida, Lima Barreto antecipou a resposta a uma questão que nas últimas décadas integra os estudos culturais desenvolvidos em espaços universitários: o subalterno pode falar. Pode fazer da escrita um veio para circular “escrevivências” importantes para a memória afro-brasileira.

Assim agiu Lima Barreto durante o período de sua internação por conta de abalos na saúde mental, época em que escreveu um diário que veio a ser publicado após sua morte. Neste *Diário Íntimo* (1953), o narrador-personagem relata um episódio de racismo linguístico: “vê, seu negro, você me pode vencer nos concursos, mas nas mulheres, não” (Barreto, 1956, p. 46). Usando discurso direto, o autor denuncia o tom pejorativo atribuído ao termo negro, usado para tocar na “tecla sensível” e inferiorizar.

Constantemente desafiado, Lima Barreto criou respostas e resistências inscrevendo no texto literário o ser negro e várias reflexões lúcidas sobre questões ainda hoje em evidência na política partidária, nas políticas identitárias e na saúde pública do mundo doente flagrado em suas narrativas:

É curioso agora notar que o que mais me impressionava nos loucos era a mania depressiva, eram os efeitos da moléstia, a conduzir o indivíduo para o esquecimento do seu corpo, da sua dignidade de homem, da obliteração, senão apagamento, de todas as manifestações externas de sua alma, de sua vida... (Barreto, 1956, p. 68)

Sua escrita reflete criticamente sobre vários temas, “dissilenciando” sujeitos alvejados por aspectos rudes existentes no cotidiano. O país e a cidade que inspiram suas obras são questionados, muitas vezes com a ironia necessária à sobrevivência.

Porém, surgem em seus textos passagens marcadas pela beleza da escrita, como na crônica *Maio*, publicada na Gazeta da Tarde em 4/05/1911, na qual define poeticamente sua estratégia para renovar forças e superar o racismo, o álcool e fragilidades associadas à doença mental:

## Seção Zum-zum-zum

Estamos em maio, o mês das flores, o mês sagrado pela poesia. Não é sem emoção que o vejo entrar. Há em minha alma um renovamento; as ambições desabrocham de novo e, de novo, me chegam revoadas de sonhos. Nasci sob o seu signo, a treze, e creio que em sexta-feira; e, por isso, também à emoção que o mês sagrado me traz, se misturam recordações da minha meninice. (Crônicas, p. 15<sup>2</sup>)

O reconhecimento do caráter inovador da produção literária de Lima Barreto demorou a acontecer. A crítica *post-mortem* valorizou sua escrita literária e sua visibilidade foi intensificada nas décadas finais do século XX, quando pesquisas e releituras de sua obra geraram produções acadêmicas e releituras críticas responsáveis pelo resgate da trajetória pessoal e profissional do autor. Uma das obras que auxilia na compreensão da importância deste corpo negro presente na formação da Literatura Brasileira é a biografia *Lima Barreto* (2011), escrita por Cuti – autor e pesquisador atuante na Literatura Negro-brasileira, que se debruçou sobre a obra de Cruz e Sousa e de Lima Barreto, com intuito de ampliar a consciência sobre os impactos dessas escritas negras na literatura e no processo de afirmação de identidades negras. Em entrevista a Ana Paula Alencar, Cuti resume os elementos que garantem importância e atualidade à produção literária e à figura de Lima Barreto:

Ainda hoje, seus livros travam uma luta contra as forças de exclusão social, muito poderosas no Brasil. Elas interferem na cultura, em especial nas artes, que têm o poder de alimentar nosso imaginário(...). Considerado um dos representantes máximos do pré-modernismo brasileiro, Barreto criou personagens inesquecíveis, como o quixotesco major Quaresma e a ingênua Clara dos Anjos. Seus escritos sempre denunciaram o papel marginal a que negros e negro-mestiços eram relegados em sua época. Crítico do racismo, da burocracia, da corrupção, sofreu, ao longo de sua vida, diversos preconceitos, aos quais respondeu com uma obra vigorosa. A lucidez com que retrata os primeiros anos do século XX tornou-se fonte de amplas reflexões para educadores, pesquisadores, militantes do movimento negro e todos aqueles envolvidos na construção de um Brasil mais solidário<sup>3</sup>.

Em seu primeiro romance, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), Lima Barreto se distanciou de convenções parnasianas, criando uma narrativa que elege como protagonista um mulato vindo do interior, confrontado com desigualdades e preconceitos. As recordações do escrivão evidenciam práticas naturalizadas nas relações raciais, criticando explicitamente a sociedade carioca e denunciando a imprensa comprometida que desde sempre operou no Brasil:

No jornal, compreende-se o escrever de modo diverso do que se entende literariamente. Não é um pensamento, uma emoção, um sentimento que se comunica aos outros pelo escritor; não é o pensamento, a emoção e o sentimento que ditam a extensão do que se escreve. No jornal, a extensão é tudo e avalia-se a importância do escrito pelo tamanho; a questão não

2 (Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/dominio-publico>>. Acesso em: 13/06/2017)

3 (Disponível em: < <http://www.cuti.com.br/ensaioslimabarreto>>. Acesso em: 14/06/2017)

## Seção Zum-zum-zum

é comunicar pensamentos, é convencer o público com repetições inúteis e impressioná-lo com o desenvolvimento do artigo. Para se dar extensão aos artigos lança-se mão de todos os recursos. Acumulam-se incidentes e aprestos, organizam-se considerações, empregam-se velhas pilhérias. (p. 117)

O viés crítico do romance de estreia foi mal recebido. A evidente desobediência epistêmica, teorizada por Walter Mignolo (2008) no século seguinte, foi condenada pela crítica. A imprensa reagiu às denúncias que envolviam o *Jornal do Comércio*, o mais poderoso da época, vetando o autor nos jornais. Teve início um inaceitável processo de silenciamento imposto a Lima Barreto na Literatura Brasileira.

Com o tempo, o autor furou o bloqueio, publicando novamente, nos jornais, os folhetins e as crônicas que abriram espaço para a projeção de um olhar periférico-negro-crítico importante para uma abordagem contundente das questões estruturais, dilemas políticos e sociais enfrentados pela sociedade brasileira ontem e hoje. Exemplos das formas de abordagem cridas pelo autor alimentam as próximas linhas, tecidas a partir de sua *Crônicas*, compilação disponível no portal Domínio público.

Em *15 de novembro* (1921) surpreende a atualidade do Brasil analisado um ano após a Independência, com irônicas denúncias à postura seletiva da elite, à ostentação existente no regime republicano, à superficialidade da discussão política publicada nos jornais às vésperas de uma eleição presidencial e outras questões:

Escrevo esta no dia seguinte ao do aniversário da proclamação da República. Veio, entretanto, vontade de lembrar-me o estado atual do Brasil, depois de trinta e dois anos de República. Isso me acudiu porque topei com as palavras de compaixão do Senhor Ciro de Azevedo pelo estado de miséria em que se acha o grosso da população do antigo Império Austríaco. Eu me comovi com a exposição do doutor Ciro, mas me lembrei ao mesmo tempo do aspecto da Favela, do Salgueiro e outras passagens pitorescas desta cidade. Em seguida, lembrei-me de que o eminente senhor prefeito quer cinco mil contos para reconstrução da avenida Beira-Mar, recentemente esborrachada pelo mar. Vi em tudo isso a República; e não sei por quê, mas vi. Não será, pensei de mim para mim, que a República é o regime da fachada, da ostentação, do falso brilho e luxo de parvenu, tendo como repousoir a miséria geral? Não posso provar e não seria capaz de fazê-lo. Saí pelas ruas do meu subúrbio longínquo a ler as folhas diárias. (...) Quase todas elas estavam cheias de artigos e tópicos, tratando das candidaturas presidenciais. Afora o capítulo descomposturas, o mais importante era o de falsidade. Não se discutia uma questão econômica ou política; mas um título do Código Penal. Pois é possível que, para a escolha do chefe de uma nação, o mais importante objeto de discussão seja esse? (p. 2<sup>4</sup>)

Em suas narrativas, Lima Barreto já afrontava o pensamento colonial e conservador, falando abertamente de costumes e questões (i)legais, como na crônica *A Lei* (1915): “O caso se complica com uma gravidez e para que a lei, baseada em uma moral que

4 Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf>>. Acesso em 13/06/17.

## Seção Zum-zum-zum

já se findou, não lhe tire a filha, procura uma conhecida, sua amiga, a fim de provocar um aborto de forma a não se comprometer” (p, 4).

Combativo, na crônica *O Problema Vital* (Revista Contemporânea, 22/2/1919), questionou a opressão ao homem do campo, a relação com a terra e o olhar higienista esboçado por Monteiro Lobato ao pensar o saneamento no interior do Brasil, em textos publicados no Jornal O Estado de São Paulo:

Em suma, para não me alongar. O problema, conquanto não se possa desprezar a parte médica propriamente dita, é de natureza econômica e social. Precisamos combater o regime capitalista na agricultura, dividir a propriedade agrícola, dar “a propriedade da terra ao que efetivamente cava a terra e planta e não ao doutor vagabundo e parasita, que vive na “Casa Grande” ou no Rio ou em São Paulo. Já é tempo de fazermos isto e é isto que eu chamaria o “Problema Vital”(p, 23-24<sup>5</sup>).

Seus textos revolvem as raízes deste projeto nacional confuso, que nos fez caminhar até a atual “neopentecolonização” instaurada na esfera política e consagrada em cidades como o Rio de Janeiro, cenário de suas narrativas ambientados no Leme, nas ruas do Centro, no subúrbio de Todos os Santos e em outros cenários cariocas. Barreto pontua a desigualdade assegurada institucionalmente com a construção da Avenida Beira-Mar, ação que demarca a parte europeia e a parte “indígena” de uma cidade que empurra para as margens a população pobre. Atento ao trânsito dos excluídos pela cidade, como faz saber a pesquisadora Beatriz Resende, em entrevista concedida ao jornal O Globo, o texto de Lima Barreto destaca um modo antigo de cuidar das pessoas: “o governo só protege aos que não precisam: aos pequenos, aos fracos, aos oprimidos ele oprime mais<sup>6</sup>”.

Em sua abordagem sobre os oprimidos, Barreto abre espaço para a discussão de gênero. Na crônica *Não as matem* (1915), a violência contra a mulher é denunciada por um narrador que procura desnaturalizar o triste fenômeno que hoje denominamos feminicídio:

Esse rapaz que, em Deodoro, quis matar a ex-noiva e suicidou-se em seguida, é um sintoma da revivescência de um sentimento que parecia ter morrido no coração dos homens: o domínio, quand mème, sobre a mulher. O caso não é único. Não há muito tempo, em dias de carnaval, um rapaz atirou sobre a ex-noiva, lá pelas bandas do Estácio, matando-se em seguida. A moça com a bala na espinha, veio morrer, dias após, entre sofrimentos atrozes. (...) Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas. De resto, semelhantes cidadãos são idiotas. ( Crônicas, p.17-18<sup>7</sup> ).

No percurso de seu corpo negro pelas encruzilhadas da vida, Lima Barreto aprendeu e nos ensina sobre ser negro e ser brasileiro, com registros de práticas como

5 Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf>>. Acesso em 13/06/17.

6 Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/critica-beatriz-resende-analisa-olhar-de-lima-barreto-sobre-rio-19363172>>. Acesso em 13/06/2017.

7 Disponível em: <<https://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf>>. Acessado em 13/06/2017.

## Seção Zum-zum-zum

as que figuram na crônica *País rico* (1920), que registra o uso político da crise e do empobrecimento como estratégia para manter privilégios e sacrificar necessidades:

- Não há verba; o governo não tem dinheiro.
- E o Brasil é um país rico; e tão rico é ele, que apesar de não cuidar dessas coisas que vim enumerando, vai dar trezentos contos para alguns latagões irem ao estrangeiro divertir-se com os jogos de bola como se fossem crianças de calças curtas, a brincar nos recreios dos colégios.( p. 28<sup>8</sup> )

Além das crônicas e contos, Lima Barreto criou seis romances: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Numa e ninfa* (1915), *Os bruzundangas* (1923), *Clara dos Anjos* (1948) e *Diário Íntimo* (1953). Um farto cardápio de temas e personagens trabalhados de modo peculiar, inaugurando um modo de dizer que permanece atual e interessante.

Alguns aspectos selecionados conectam os leitores ao universo barretiano, sobre qual esboçamos algumas pistas que servem como convite para adentrar e desfrutar de uma estética literária implicada com a negrura, com os sinais vitais existentes em seus textos imortais produzidos na Literatura Brasileira. Convite aceito, escolha um dos textos disponíveis em livros ou na compilação digital de sua obra completa, disponibilizada no portal Domínio Público, e experimente o contato com esta produção literária que merece uma festa literária constante.

## REFERÊNCIAS

- CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro. 2010
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o sentido de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade**, no 34, p. 287-324, 2008
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010